



Priscila Eunice Ascensão Lopo

2º Ciclo de Estudos em Sociologia

DESPIR A CIDADE:  
Espaço vivido na baixa do Porto – um estudo de caso

2014

Orientador: Prof. Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes

Classificação:  
Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:



“Ah! Ver o Porto...

Ver o Porto é – sempre ou quase – um ajuste de contas.

É um acertar das nossas percepções com as imagens de certa forma de perenidade que guardamos num recanto da memória (ou talvez da fantasia), dentro de nós.

Imagens das escuridões eivadas de sobressaltos e inquietudes (ou solidões) quando anoitece. Quando anoitece e aumenta aquela impressão subjectiva – será do granito e das morrinhas ou é apenas sentimento? – da cidade sombria e húmida, da cidade agreste e desabrida. Imagens de tonalidades frias dos invernos do noroeste, mesclados de azul esbranquiçado e verde, em transparências, em velaturas de suaves e quase imperceptíveis gradações. Imagens concretas. Imagens afirmativas dos lugares onde a História assentou raízes. Nas marcas dos tempos, nas evocações das crónicas e lendas retidas no imaginário persistente nos habitantes. Imagens de ruas e travessas, escadas e recantos, vielas, becos e esquinas com referências, com espírito e razão sedimentados nos séculos.”

**Hélder Pacheco**



## **Resumo**

Servindo-nos do espaço urbano referente à Rua dos Caldeireiros, situada nas freguesias da Sé e Vitória, da cidade do Porto, vamos, ao longo desta dissertação, perceber-lo enquanto espaço vivido, como produto e produtor de um conjunto de relações e práticas sociais, sendo construído e reconstruído pelos usos e sentidos a ele atribuídos pelos sujeitos, moradores e comerciantes deste contexto espacial.

Podemos até certa medida concluir, igualmente, que as apropriações e representações deste espaço são condicionadas pelas práticas e relações sociais que os sujeitos desenvolvem em torno do mesmo, não podendo ser categorizadas meramente numa divisão entre moradores e comerciantes, encontrando-se, necessariamente, no seio de cada um dos grupos, suma serie de oposições.

Este vai ser portanto, apresentado como um território mais que urbano, um espaço social, de representações, ele próprio que limita e potencializa determinados usos de si mesmo, bem como todo o leque de relações sociais das quais é palco, tendo em conta o seu carácter singular e específico face aos demais espaços que podemos encontrar na cidade do Porto.

**Palavras-chave:** espaço urbano; espaço social/vivido; representações sociais – sentidos - do espaço; apropriações – usos - do espaço.

## **Summary**

Using the urban space relative to the Caldeireiros street, situated in the parishes of Sé and Vitória, on Oporto city, we're going to understand it during this dissertation as lived space, as product and producer of a set of social relations and practices, being constructed and reconstructed by the uses and meanings attributed by the subjects, residents and traders on this spatial context.

We can also conclude, in certain measure, that the appropriations and representations of this space are conditioned by social practices and relationships that these individuals develop around the same. So, it can't be categorized merely on a division between locals and traders, lying, necessarily, within each group, a couple of oppositions.

This will be, therefore, introduced as a space that is more than urban, a social space, of representations, limiting and potentiating certain uses of himself, as well as the whole range of social relations of which is main stage, taking into account his unique and specific character compared to other spaces that we can find in the city of Oporto.

**Keywords:** urban space; social/lived space; social representations - senses - of space; appropriations - uses – of space.

## **Résumé**

Desservant l'espace urbain sur le Rua dos Caldeireiros, situées dans les paroisses de Sé et Vitória, la ville de Porto, nous allons, tout au long de cette thèse, qu'il perçoit comme un espace vécu, comme produit et producteur d'un ensemble de relations et pratiques sociales, étant construit et reconstruit par les usages et les significations assignées par le sujet, les résidents et les commerçants de ce contexte spatial.

Dans une certaine mesure, nous concluons également que les appropriations et les représentations de cet espace sont conditionnées par les relations sociales et pratiques que les sujets se développent autour de la même.

Ce sera, donc, présenté comme un territoire plus urbain, un espace social des représentations, il même qui limite et améliore certaines utilisations de lui-même, ainsi que l'ensemble des relations sociales dont est scène, compte tenu de son caractère unique et spécifique vis-à-vis autres espaces que nous pouvons trouver dans la ville de Porto.

**Mots-clés:** espace urbain; espace social/vécu; représentations sociales - directions - de l'espace; appropriations – utilisations - de l'espace.





## **Agradecimentos**

Ao chegar ao fim de uma fase tão importante quanto esta, no meu percurso académico, como cristã o meu agradecimento vai primeiramente e acima de tudo para Deus, sem Ele não teria feito tudo o que fiz até agora, nem seria metade daquilo que sou.

Apenas posso agradecer a orientação, conselhos e prontidão em ajudar e em esclarecer do meu orientador neste processo de investigação. Um muito obrigado ao Prof. Doutor João Miguel Trancoso Vaz Teixeira Lopes, por todo o apoio prestado.

À minha família agradeço a paciência demonstrada ao longo de todo este percurso.

Tenho de te agradecer também a ti João, porque foste incansável em ouvir, a motivar e a orientar, sempre que me foi necessário. Obrigado por todo o amor e carinho.

Um obrigado especial a todos os comerciantes e moradores da Rua dos Caldeireiros que colaboraram com este projeto de investigação, sem os mesmos esta dissertação de mestrado não seria exequível.

Por fim, um obrigado a todos os elementos do projeto NU Porto, em particular ao Pedro Aibéo, fundador do mesmo, por fazer parte desta equipa e projeto.

A todos,

Presto os meus sinceros agradecimentos.



## **Sumário**

	<b>Página</b>
Índice de Anexos .....	xiii
Índice de Figuras .....	xiv
Índice de Tabelas.....	xv
Listagem de Abreviações .....	xvi
<b>1 - Notas Introdutórias.....</b>	<b>1</b>
<b>2 - Relações entre estruturas sociais e práticas espaciais .....</b>	<b>3</b>
<b>3 - Mudanças no urbanismo contemporâneo – 2.<sup>a</sup> metade do século XX até agora .....</b>	<b>15</b>
<b>4 - Porto e revitalização do centro – principais mudanças .....</b>	<b>23</b>
<b>5 - NU Porto [<i>open MY city</i>] - enquadramento do projeto por detrás da dissertação.....</b>	<b>29</b>
<b>6- Espaço vivido: o caso dos Caldeireiros .....</b>	<b>33</b>
<b>6.1 – Perceber os usos e sentidos do espaço urbano.....</b>	<b>33</b>
<b>6.2 – Modelo de análise .....</b>	<b>35</b>
<b>6.3 – Procedimentos de pesquisa.....</b>	<b>38</b>
<b>6.3.1 – Abordagem Exploratória.....</b>	<b>38</b>
<b>6.3.2 – Aprofundamento e Verificação.....</b>	<b>40</b>
<b>7 - A Vitória, uma viagem do passado ao presente .....</b>	<b>47</b>
<b>8 - Caracterização dos comerciantes, moradores e estabelecimentos da Rua dos Caldeireiros.....</b>	<b>61</b>
<b>8.1 – Comerciantes e estabelecimentos comerciais .....</b>	<b>61</b>
<b>8.2 – Moradores.....</b>	<b>65</b>

<b>9 – A Rua dos Caldeireiros aos olhos de quem a vive .....</b>	<b>69</b>
<b>9.1 – Uma grande cidade mas uma pequena aldeia .....</b>	<b>69</b>
<b>9.2 – Uma rua representada com contrastes e oposições.....</b>	<b>80</b>
 <b>10 – Notas Conclusivas .....</b>	 <b>87</b>
 Referências Bibliográficas .....	 91
 Anexos.....	 97

## **Índice de Anexos**

	<b>Página</b>
<b>Anexo I</b> – Guião da entrevista exploratória aplicada a Hélder Pacheco .....	97
<b>Anexo II</b> - Exemplo de grelha de observação da situação de entrevista por preencher .....	98
<b>Anexo III</b> - Documento de consentimento informado e esclarecido .....	99
<b>Anexo IV</b> – Inquérito por questionário aplicado aos comerciantes .....	100
<b>Anexo V</b> – Inquérito por questionário aplicado aos moradores .....	104
<b>Anexo VI</b> – Exemplo de grelha de observação da situação de aplicação dos inquéritos por questionário aos comerciantes, por preencher .....	108
<b>Anexo VII</b> – Exemplo grelha de observação da situação de aplicação dos inquéritos por questionário aos moradores, por preencher .....	109
<b>Anexo VIII</b> – Carta entregue em todas as residências com o objetivo de aumentar a taxa de respostas dos residentes aos inquéritos por questionário .....	110
<b>Anexo IX</b> – Guião de Entrevista ao comerciante com negócio aberto à mais de 100 anos na rua .....	111
<b>Anexo X</b> - Guião de Entrevista ao comerciante com negócio aberto recentemente na rua .....	112

## **Índice de Figuras**

	<b>Página</b>
<b>Figura 1</b> – Ideia para funcionamento da aplicação NU Porto – passo 1 .....	31
<b>Figura 2</b> – Ideia para funcionamento da aplicação Nu Porto – passo 2 .....	31
<b>Figura 3</b> – Zona de Intervenção Prioritária da Porto Vivo, SRU .....	34
<b>Figura 4</b> – Modelo de análise .....	37
<b>Figura 5</b> - Prédio devoluto e degradado entre dois reconstruídos .....	49
<b>Figura 6</b> - Piso zero de um edifício sem ocupação .....	50
<b>Figura 7</b> - Rua dos Caldeireiros com ornamentações para a festa do São João .....	56

## **Índice de Tabelas**

### **Página**

<b>Tabela 1 -</b> Variação Percentual População Residente, 2001 a 2011, sobre as freguesias da Vitória e Sé .....	66
--	----

## **Listagem de Abreviações**

**CRUARB** - Comissão para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo

**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**H.P** – Helder Pacheco

**ICOMOS** - Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

**SAAL** – Serviço de Apoio Ambulatório Local

**SRU** - Sociedade de Reabilitação Urbana

**UP** – Universidade do Porto

**ZIP** – Zona de Intervenção Prioritária



## **1 – Notas introdutórias**

Esta dissertação de mestrado procura explorar o conceito de espaço social, ou espaço vivido, ou ainda, se quisermos, no vocábulo de Edward Soja, de *Thirdspace*. Para tal recorremo-nos do espaço urbano da baixa do Porto e, nomeadamente, da Rua dos Caldeireiros, situada nas freguesias da Sé e Vitória. Abordamos os seus comerciantes e moradores, de forma a perceber que usos é que os mesmos fazem deste contexto espacial, bem como de que forma o representam, atribuindo a este espaço um carácter único na baixa do Porto, tentando-se perceber se é possível verificarem-se diferenças nestes usos e sentidos.

Para tal, iniciamos com uma exposição de base teórica, recorrendo a abordagens já realizadas por outros autores, sendo nestas que se encontram as bases de construção do nosso modelo de análise teórico. Destacamos conceitos para nós fundamentais, tais como: espaço social, espaço vivido, apropriações do espaço, representações do espaço, entre outros.

Para darmos resposta à nossa questão de partida, e ir ao encontro dos objetivos e hipóteses teóricas enunciadas, optámos por uma abordagem metodológica mista, recorrendo a técnicas quer qualitativas, quer quantitativas. Explicámos detalhadamente todos os procedimentos de pesquisa, bem como foi sendo realizado todo o trabalho de contacto com o terreno, expondo quais os obstáculos com os quais nos deparámos e como os ultrapassámos.

Por fim, pela exposição dos resultados empíricos a que fomos chegando, num ir e voltar entre teoria e empiria, vamos percebendo o que é a Rua dos Caldeireiros para estes indivíduos, semelhanças e dissemelhanças nas representações e usos que fazem da mesma, fazendo uma espécie de viagem de retroação constante entre o espaço urbano e vivido, tentando captar os intermédios da mesma.



## **2- Relações entre estruturas sociais e práticas espaciais**

Para colocarmos em prática os nossos objetivos e porque nada é criado do vazio, destacando-se a importância do background teórico já existente, é fundamental elencarmos todo um conjunto de conceitos e ligações entre conceitos, para nós fundamentais, já desenvolvidos e teorizados por uma série de autores, com o objetivo de os operacionalizarmos de forma a alcançarmos aquilo a que nos propomos. Pois, tal como declara Henri Lefebvre “A teoria não tem que colocar a experiência vivida entre parênteses, a fim de promover os seus conceitos. Pelo contrário, a experiência vivida participa da esfera teórica, e isso significa que a divisão entre a conceituação e a vida [...] é artificial.”<sup>1</sup> (Lefebvre, 1991, p.316) É isto que iremos iniciar neste capítulo, dando seguimento nos dois que se seguem. Estes são, portanto, capítulos de natureza unicamente teórica, mas que são fundamentais para o seguimento deste processo de investigação.

Sendo o nosso objetivo primário proceder à descodificação da relação procedente da interação entre os sujeitos e o espaço no qual se inserem e interagem, e ao qual atribuem significados e associam memórias, indivíduos e práticas, um conceito que desde logo é fulcral neste nosso projeto é o conceito de espaço. Tal como concebido por Lefebvre o espaço vai ser aqui entendido como sendo mais do que um *locus* passivo no seio do qual se desenrolam um conjunto de interações sociais. Mais do que reflexo da sociedade, o espaço é sociedade, é resultado da ação humana, expressando desta forma os interesses e necessidades das classes sociais em causa, tendo igualmente um papel ativo no modo de produção. O espaço não pode portanto ser encarado como uma coisa, mas antes como relações entre coisas. Segundo este autor a análise sociológica do espaço assume relevância quando pensamos o facto de as relações sociais não terem meramente uma existência social mas também espacial, estando necessariamente inscritas no espaço. (IDEM, *Ibidem*)

Em associação ao espaço não podemos descurar uma outra variável fundamental; falamos do tempo e, mais precisamente, da relação espaciotemporal, da temporalidade dos espaços e da espacialidade dos tempos. Não só Henri Lefebvre, mas também outros autores, como John Berger, defendem a importância de olharmos o espaço na sua temporalidade, sendo que a conceção e própria apropriação do espaço varia de acordo com a mesma, considerando-se que “[...] não há espaço sem marcas do tempo.” (Fernandes, 1992, p. 61)

---

<sup>1</sup> “Theory does not have to place lived experience in brackets in order to promote its concepts, however. On the contrary, lived experience partakes of the theoretical sphere, and this means that the division between conceptualization and life [...] is artificial.”

Se hoje o espaço habitacional é encarado como sendo um mero local de passagem, num outro contexto temporal predominaria uma maior conceção de intimidade, de profundidade e de recanto que hoje não se verifica em habitações produzidas em série, nas quais domina, preferencialmente, o princípio da horizontalidade. Isto tendo em conta que os edifícios contemporâneos condensam de forma brutal as relações sociais, traduzindo-se no que Lefebvre denomina de condensação dos atributos da sociedade.

François Ascher olha para o local de habitação como sendo um ponto de base para os elementos do lar, no qual se podem refugiar coletiva e individualmente e, igualmente, como um ponto de partida para a cidade. No entanto, para aqueles que têm oportunidade de escolher o local de habitação, existe uma série de critérios que são levados em consideração, sendo, para estes indivíduos, o local escolhido, muito raramente, um elemento fundamental na identidade social e de pertença a determinado grupo. (Ashcer, 1998) Interessante seria, portanto, perceber se os espaços habitacionais encontrados na Rua dos Caldeireiros<sup>2</sup>, por manterem ainda traços de temporalidade e de profundidade, são vivenciados pelos seus habitantes como espaços de intimidade, de familiaridade, de uma quase continuidade do *self*.

Os próprios espaços estão cheios de temporalidade, contendo, nas palavras de António Teixeira Fernandes, ‘tempo comprimido’ em tudo o que os compõe, havendo história para ser contada em todos os objetos neles dispostos, traduzindo uma experiência acumulada ao longo do tempo e vivenciada no espaço. Esta última é, por sua vez, traduzida em memórias e recordações, estabelecendo uma ponte entre o espaço e acontecimentos passados. (Fernandes, 1992) Lefebvre considera que o tempo social é, desta forma, produzido e reproduzido estando enquadrado num determinado espaço. Podemos então assumir, desde logo, que “[...] «o espaço habitado transcende o espaço geométrico».” (IDEM, *Ibidem*, p. 74)

A importância das marcas histórico-temporais aparece destacada nos artigos sétimo e nono da denominada Carta de Veneza, ‘Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e dos Sítios’, datada de 1964. Na parte inicial do artigo sétimo lê-se que “Um monumento é inseparável da sua história, da qual ele é testemunha, e do enquadramento em que existe.” (Carta de Veneza, 1964, p. 3)<sup>3</sup>. Esta dimensão é reforçada pelo artigo nono da mesma carta, ao ler-se que o processo de restauro tem como objetivo não só revelar o valor estético do edifício, mas também o seu valor histórico, devendo ter por base o respeito pelo material original do mesmo, considerando-se para isso fundamental um estudo histórico do edifício em causa. (IDEM, *Ibidem*)

---

<sup>2</sup> Rua na qual incidiu o nosso processo de investigação, tal como explicaremos mais à frente.

<sup>3</sup> A referência bibliográfica encontra-se na secção das páginas e documentos web.

Posteriormente, também nas cartas de Washington e de Cracóvia, ambas apontando para um complemento e continuidade da Carta de Veneza, verificámos referências acerca desta dimensão. No preâmbulo na carta de Washington declara-se que “[...] todas as cidades do mundo são a expressão material da diversidade das sociedades através da história, sendo, por esse fato, históricas.” (Carta de Washington, 1987, p. 1)<sup>4</sup> Por seu turno, a Carta de Cracóvia, esta mais recente que as demais, destaca a importância de se proceder a uma identificação dos significados histórico, artístico e sociocultural, dos edifícios, aquando de um processo de restauro. (Carta de Cracóvia, 2000)<sup>5</sup>

Para Rogério Proença Leite, um lugar caracteriza-se por ser uma demarcação quer física, quer simbólica do espaço, sendo-lhe atribuídos diferentes usos e, por consequência, variados sentidos. Para o autor um lugar é, portanto, acima de tudo, um espaço de representação, que se torna singular pelos variados usos e práticas sociais de que é palco. Os lugares urbanos, em particular, assumem fronteiras que não sendo fixas, são antes construídas socialmente, sendo negociadas coletivamente através das interações sociais que neles ocorrem. (Leite, 2008)

Existem inúmeras possibilidades de espaço. Estas vão desde o espaço real ao abstrato, do mental ao social, entre outros. Henri Lefebvre considera três tipos de espaço, nomeadamente: físico (*nature*), mental e social. Aquele que se assume como conceito de fundamental importância no nosso projeto é o espaço social. Segundo este autor o espaço social traduz-se no resultado de ações passadas, possibilitando a ocorrência de novas ações, sugerindo umas e proibindo outras, impondo limites e restrições às atividades que nele podem ocorrer. Para além disto há ainda espaço de natureza ora pública, ora restrita para determinados grupos. Este é portanto o espaço da prática social, resultando da existência de uma multiplicidade de espaços sociais que se combinam entre si, mas que também se sobrepõe e colidem. (Lefebvre, 1991)

Sendo o espaço social, por excelência, de ocorrência de práticas, é, igualmente por excelência, tal como Teixeira Fernandes o concebe, um campo de relações sociais interpessoais, remetendo-nos para um uso em particular do espaço, traduzido em práticas socio-espaciais muito próprias. (Fernandes, 1992) Segundo Lefebvre termos do quotidiano, como quarto e esquina, assumem aqui importância ao permitirem distinguir diferentes espaços, com diferentes propósitos e usos, e assim descrever o espaço social. (Lefebvre, 1991)

---

<sup>4</sup> A referência bibliográfica encontra-se na secção das páginas e documentos web.

<sup>5</sup> A referência bibliográfica encontra-se na secção das páginas e documentos web.

Dentro do espaço social podemos encontrar uma multiplicidade de coisas, estas que são objetos e pessoas, relações entre pessoas e entre pessoas e objetos, nas suas interligações, coexistência, na sua ordem e na sua desordem. É neste estado que elas ocupam e circulam no espaço social, com particularidades e características discerníveis. Elas são produto e produtor deste espaço, assumindo ele próprio também esta dupla natureza em relação às mesmas. Destarte, o espaço social é simultaneamente, por um lado, produto de um conjunto de ações e relações em interação, estando pronto a ser usado e, por outro, meio de produção, a incubadora que cria oportunidade ao desenrolar destas ações. (IDEM, *Ibidem*) Olhando a esta dupla natureza, também Rogério Leite faz referência ao espaço social como produto e produtor das práticas sociais, este contribuindo para a estruturação das ações que, por sua vez, atribuem sentidos ao espaço. (Leite, 2008)

Também Edward Soja se debruça sobre a relação inevitável estabelecida entre o espacial e o social, ao refletir na proposta teórica de Lefebvre, declarando que “[...] todas as relações sociais apenas se tornam reais e concretas, uma parte da nossa existência social vivida, quando são espacialmente “inscritas” - isto é, concretamente representadas - na produção social do espaço social. A realidade social não é apenas coincidentemente espacial, existente “no” espaço, ela é pressupostamente e ontologicamente espacial.”<sup>6</sup> (Soja, 1996, p. 46)

As relações de vizinhança são um exemplo das várias possibilidades de relações sociais de que determinado espaço pode ser palco. Rémy e Voyé consideram que são os grupos sociais mais desfavorecidos que nelas mais depositam a sua segurança. No entanto, apesar de mais intensificado nas classes médias altas, tem-se verificado uma geral desvalorização destas relações de proximidade, sendo cada vez menor o contacto e relação pessoal próxima entre vizinhos, assumindo as relações meramente funcionais, em contrapartida, uma crescente importância. (Rémy, Voyé, 1994) Hélder Pacheco<sup>7</sup> diz-nos isto mesmo em relação ao caso específico da Rua dos Caldeireiros, declarando que:

“Haviam fortíssimas relações de vizinhança, entreajuda, de entreajuda, ninguém morria de solidão, era impossível morrer de solidão, hoje morre-se de solidão nos Caldeireiros [...] o sentimento de certos valores comunitários, as relações de vizinhança foram estilhaçadas [...]” [H.P]

---

<sup>6</sup> All social relations become real and concrete, a part of our lives social existence, only when they are spatially “inscribed” - that is, concretely represented - in the social production of social space. Social reality is not just coincidentally spacial, existing “in” space, it is presuppositionally and ontologically spatial.

<sup>7</sup> Entrevistado na fase exploratória da nossa investigação, tal como é detalhadamente explicado posteriormente no capítulo referente aos procedimentos de pesquisa.

Nas palavras de François Ascher, “[...] porque as transformações metapolitanas corroem as sociabilidades baseadas na proximidade física, esbatem a vizinhança e reduzem as realidades de “bairro” por meio diferentes processos.” (Ascher, 1998, p. 97) Para o autor, apesar de o bairro se manter, por excelência, um território social, este já não pode ser considerado como um local privilegiado de práticas ligadas a proximidades físicas e sociais. Numa frase Ascher resume a evolução das relações de vizinhança em espaço urbano: ‘Os verdadeiros vizinhos metropolitanos ignoram-se’. Dando-se cada vez menos uns com os outros, o autor considera que os vizinhos podem mesmo transformar-se em verdadeiros estrangeiros, desenvolvendo cada vez mais relações de indiferença e distanciamento uns para com os outros. Nem mesmo os mecanismos de especialização social dos espaços parecem esbater esta realidade, visto que aglomeração de zonas residenciais por categorias sociais não se traduz necessariamente em relações de vizinhança mais fortalecidas, sendo as relações sociais desenvolvidas e aprofundadas cada vez mais a outras escalas, que vão além do espaço habitacional e de bairro. (IDEM, *Ibidem*)

Por outro lado, a tal existência cada vez mais acentuada de relações sociais de natureza essencialmente funcional, é também referenciada por Hélder Pacheco, quando o mesmo nos conta um pouco acerca da história do senhor José Coelho Maximino, um habitante da Rua dos Caldeireiros, que vive sozinho, com alta incapacidade física que o impede de descer à rua. Este conta com a visita diária de duas raparigas do serviço domiciliário da paróquia que lá iam ver se este estava bem e levar-lhe o almoço e o jantar e arrumar a casa. Esta é uma relação que tem uma utilidade clara para este sujeito, alicerçada no apoio domiciliário que lhe é prestado. Algo que verificamos quando Hélder Pacheco declara que:

“Se não fosse esta gente, aqui estas pessoas não tinham nenhuma possibilidade de subsistir [...]” [H.P]

No entanto, por detrás de uma relação marcadamente funcional, foi-se desenvolvendo uma relação de proximidade, sendo que o senhor Coelho Maximino intitula estas duas jovens de ‘os meus anjos da guarda’.

Outro exemplo de relações sociais inscritas no espaço são as coletividades, estas que vão sendo crescentemente substituídas pelo individualismo, pelo projeto pessoal e, “[...] tudo quanto era suporte do colectivo tende a ver a sua significação reduzir-se.” (Rémy, Voyé, 1994, p. 82) Os centros das cidades vêm, portanto, desvanecer o seu significado e apropriação do coletivo. Hélder Pacheco, na sua entrevista, fala-nos um pouco acerca das festas populares coletivas e dos bailes levados a cabo pelas coletividades populares, apontando para a

diminuição do interesse e envolvimento da população na realização das mesmas, considerando que:

“[...] as vivências das festas, as festas estão a, as festas populares estão a acabar [...] o sentimento de certos valores comunitários, está a deixar de ser vivido.” [H.P]

Acerca das coletividades, François Ascher declara que estas, em meio urbano, tendem a passar por dificuldades quanto à sua existência, havendo uma participação muito reduzida e não prolongada, quando existente, por parte dos cidadãos nas associações. Ponderando acerca do aumento do individualismo e diminuição da importância das estruturas coletivas, Ascher conclui que “É nesta indiferença possível, mas não necessária, que se constrói a “urbanidade” metropolitana, entendida como um quadro social e físico que, maximizando a liberdade de cada um, abre a possibilidade a vizinhos de partilharem ou não práticas e opiniões.” (Ascher, 1998, p. 99)

Perante uma clara afirmação do individualismo em meio urbano, este autor faz ainda uma ressalva ao desenvolvimento de uma “síndrome” denominada de ‘NIMBY’, ‘not in my back yard’<sup>8</sup>. Segundo Ascher, esta denominada síndrome traduz-se numa atitude de oposição, por parte dos moradores de determinado local, à realização de quaisquer tipo de intervenções urbanísticas ou criação de equipamentos coletivos na área circundante à sua habitação. Isto acontece, não porque os sujeitos não reconheçam a validade e necessidade de tais intervenções, não só para os demais como também para si mesmos, mas simplesmente por não quererem que tal se venha a desenvolver ‘dentro de portas’, pelos incómodos que pode ser associado, tais como o barulho e o congestionamento temporário do tráfego. (IDEM, *Ibidem*)

Ainda referente ao espaço social, Henri Lefebvre apresenta, na sua obra *The Production of Social Space*, um esquema triplo de composição do mesmo, considerando para este três conceitos de base: prática espacial (*perceived space of materialized practice*), representações do espaço (*conceived space*) e espaço de representação (*representational space; lived spaces of representation*). Para este, a prática espacial pressupõe e estabelece relação direta com o espaço de determinada sociedade, traduzindo-se numa associação entre espaço percebido (*perceived space*), a vida quotidiana e a realidade urbana, considerando que a prática espacial moderna se traduz “[...] pela vida quotidiana de um inquilino num projeto habitacional arranha-céus subsidiado pelo governo.”<sup>9</sup> (Lefebvre, 1991, p. 38)

As representações do espaço dizem respeito a um espaço conceptualizado, produzido pelos especialistas, tais como urbanistas, engenheiros e arquitetos, sendo, segundo Lefebvre,

---

<sup>8</sup> Não no meu quintal.

<sup>9</sup> “[...] by the daily life of a tenant in a government-subsidized high-rise housing project.”



esta a concepção dominante de espaço nas sociedades. Por fim, o espaço de representação, o espaço vivido, é “[...] vivido diretamente pelas imagens e símbolos a ele associados e, portanto, o espaço de ‘habitantes’ e ‘usuários’ [...] Sobrepõe o espaço físico, fazendo um uso simbólico dos seus objetos.”<sup>10</sup> (IDEM, *Ibidem*, p. 39) Este espaço de representações aparece distinto dos outros dois, mas abrangendo, simultaneamente, os mesmos. Este terceiro tipo de espaço em Lefebvre corresponde, de alguma forma, ao conceito de *thirdspace* em Soja, o qual iremos explorar mais a frente.

No fundo é com esta última concepção de espaço, o espaço vivido, que vamos lidar, ao perceber de que forma é que os sujeitos se apropriam e constroem, através das suas práticas socio-espaciais, o espaço urbano.

Segundo Edward Soja, Henri Lefebvre tem sido um dos teóricos com mais influência para a exploração das diversas e ilimitadas dimensões da espacialidade social, bem como em defender a importância da ligação entre as dimensões da historicidade, sociabilidade e espacialidade numa tripla dialética. (Soja, 1996) O autor fala da forma como Lefebvre concebe espaço vivido e espaço concebido, estabelecendo uma distinção entre ambos que por ser prática e perspicaz iremos passar a citar. “Para Lefebvre, os espaços vividos eram apaixonados, “quentes”, e repletos de intimidades sensuais. Os espaços concebidos eram intelectuais, abstratos, “cool”, distanciados. Eles também inflamavam paixões, mas estas eram mais centradas na mente do que no corpo.”<sup>11</sup> (IDEM, *Ibidem*, p.30)

Segundo Soja, Lefebvre denomina a sua perspectiva de análise do espaço de transdisciplinar, isto para que o conhecimento das questões do espaço não fique preso a uma área do saber em particular, considerando que este não deve ser deixado unicamente a disciplinas que se apresentem como especializadas nas questões do espaço, mas antes a todas quantas se interessarem em estudá-lo. (IDEM, *Ibidem*)

François Ascher também faz uma ressalva ao facto de a diferentes grupos sociais e a diferentes indivíduos corresponderem distintos valores simbólicos de utilização do espaço. Estes últimos variam em função de alguns aspetos, dos quais o autor destaca: as atividades profissionais e extraprofissionais e o momento do ciclo de vida. Por sua vez, estes valores irão ter reflexo na adoção de distintas estratégias residenciais, isto mesmo em subgrupos no seio de grupos sociais relativamente homogéneos. (Ascher, 1998)

---

<sup>10</sup> “[...] directly lived through its associated images and symbols, and hence the space of ‘inhabitants’ and ‘users’ [...] It overlays physical space, making symbolic use of its objects.”

<sup>11</sup> “For Lefebvre, lived spaces were passionate, “hot”, and teeming with sensual intimacies. Conceived spaces were intellectual, abstract, “cool”, distancing. They too inflamed passions, but these were centered more in the mind than in the body.”

Por sua vez, David Harvey, apresenta outras três formas de conceber o espaço, nomeadamente: o espaço absoluto, como algo em si; o espaço relativo, concebendo-se aqui o espaço na sua relação com os objetos, existindo apenas porque esses objetos, eles próprios existem e estão em relação com ele; e, por fim, o espaço relacional, como sendo algo que está contido nos objetos. (Harvey, 1989b)

Lefebvre considera que para olharmos o espaço social como sendo um produto social é fundamental a superação de duas ilusões por ele enunciadas, nomeadamente: a ilusão da transparência e a ilusão realista. Quanto a primeira, o espaço é visto como um reflexo mental, como algo que não é necessariamente materializável, como uma ideia mais do que uma coisa real e, por isso, independente das condições socio-materiais. O espaço é aqui encarado como algo intangível, onde reina a livre ação e, portanto, *as innocent* – nas palavras de Lefebvre. A segunda ilusão enunciada remete-nos para uma tendência de explicar a organização social pelo determinismo das formas sociais, numa perspetiva mais próxima do materialismo. Para o autor estas duas ilusões não traduzem dois pontos contraditórios e extremados mas, por outro lado, alimentam-se mutuamente nos movimentos oscilatórios de uma para a outra. (Lefebvre, 1991) Ora, a posição que pretendemos defender neste projeto de investigação não toca nem na supremacia das práticas sociais sobre a dimensão espacial, nem do inverso, mas da importância da interligação e relação estabelecida entre social e espacial, influenciando-se mutuamente.

O espaço urbano é concebido por António Gonçalves como um espaço que ao ser utilizado por diversos atores sociais resulta da ocorrência simultânea de diferentes atividades, bem como de diversos grupos que têm distintas posições na estrutura social e, portanto, diferentes capacidades de ação quer sobre a vida social, quer sobre o espaço. (Gonçalves, 2006) No mesmo sentido, Rogério Leite considera que a singularidade dos lugares urbanos está assente na diversidade do seu conteúdo, extremamente híbrido, como se de diversos lugares se tratasse, levando, por isso mesmo, há existência de disputas e contínuos processos de negociação. (Leite, 2008)

Aqui destacamos um conceito fundamental para o decorrer do nosso projeto de investigação, nomeadamente o de apropriação do espaço. Este conceito enunciado remete-nos primeiramente para um espaço que é modificado no sentido de servir as necessidades de um grupo. É a apropriação do espaço que permite torná-lo privado, fechado e reservado assumindo características de familiaridade, intimidade, em oposição ao espaço público caracterizado pelo anonimato, acessibilidade e transparência. O espaço vivido é portanto um mundo de representações. (Fernandes, 1992)

A apropriação do espaço remete-nos para dimensões como as percepções e significações dos sujeitos sobre o tal espaço, sendo, por isso, o espaço vivido [espaço apropriado] resultado de diferentes representações, de diversas atribuições de significado, tendo em conta uma série de variáveis, dentre as quais a pertença de classe. (Gonçalves, 2006) “Quase que poderíamos dizer que cada agente social transporta consigo uma cidade oculta [...] essa representação se constrói dentro de um espaço de possíveis objectivamente determinado.” (Lopes, 2002, p.71) Indo ao encontro destas perspetivas, David Harvey, considera que há uma questão que deve ser colocada, esta que é muito mais relevante do que perceber o que é o espaço em si; devemos antes questionarmo-nos “[...]porque é que diferentes práticas humanas criam e utilizam distintas conceções de espaço?”<sup>12</sup> (Harvey, 1989b, p.6) Esta interrogação vai, como poderemos verificar mais adiante, ao encontro da nossa pergunta de partida.

Foquemo-nos agora na questão das classes sociais. Cada classe assume distintas formas de apropriação do espaço, havendo uma tendência de o organizar de acordo com a sua forma de conceber a vida, podendo-se traduzir num dos símbolos adotados para a sua distinção face às demais classes. Burguesia e operariado, por exemplo, assumem distintas visões do mundo, podendo haver tantas formas de representar o espaço como grupos sociais. António Teixeira Fernandes considera mesmo que a própria forma e distribuição do interior da habitação é feito tendo em consideração as exigências características de cada grupo social, sendo o resultado, como já declaramos, de determinada conceção do mundo e de determinado estilo de vida, sendo por isso a habitação cada vez mais um espaço de figurações, de representações. Estamos, portanto, face a uma construção social do espaço, como efeito das trajetórias sociais dos sujeitos. Para este autor, a estratificação social reflete-se numa apropriação descontínua do espaço, como reflexo da descontinuidade da própria estrutura de classes (Fernandes, 1992) Pretendemos, portanto, decodificar o espaço; decodificar e fazer uma leitura ao seu processo de significação.

Aquilo a que nos propomos, tal como Lefebvre expõe na sua obra, é, desta forma, analisar o espaço em si, dando conta das relações sociais a ele inerentes, das quais as relações de classe, as relações inerentes à sua produção. (Lefebvre, 1991) Para este autor o sujeito é espaço e simultaneamente tem o seu espaço, produzindo-se a si próprio no espaço e produzindo esse espaço. Assim, o sujeito situa-se no seu próprio espaço, apreendendo o espaço que o circunda. Lefebvre considera haver como que uma projeção da sociedade sobre

---

<sup>12</sup> “[...] ¿a qué se debe el hecho de que prácticas humanas diferentes creen y utilicen distintas conceptualizaciones del espacio?”

o terreno, havendo uma inscrição no espaço das diferenças sociais existentes, o que vai ao encontro da perspectiva de Teixeira Fernandes que considera que a construção da cidade é um reflexo da produção e reprodução das relações sociais, declarando que a construção social do espaço é como que uma atividade simbolizante dos efeitos da posição e trajetória social dos sujeitos.

Para este último, o espaço social é um campo de forças onde os agentes sociais se definem pelas suas posições relativas. (Fernandes, 1992) Sendo produto e produtor das interações sociais, o espaço estará, necessariamente, em constante adaptação e transformação. Segundo Machado Pais, são as interações sociais decorrentes no espaço que permitem que o mesmo passe de um mero vazio para um contexto com sentido e significado sociológico. (Pais, 2002)

Segundo Edward Soja, também ele defensor da ideia de espacialidade como produto social, como meio e resultado das relações sociais e ação que delas provém, dantes eram tidas em consideração unicamente duas dimensões, havendo um grande destaque para a união tradicional entre a historicidade e a sociabilidade. A dada altura, emerge uma terceira dimensão que vem assumir uma importância fundamental no processo analítico, a espacialidade. Desta forma adquire-se uma sensibilidade a três lados, esta com o trio espacialidade, historicidade e sociabilidade, que, segundo o autor, trouxe mudança à forma de pensar o espaço e veio levantar a necessidade de revisão das formas de estudar a história e a sociedade. (Soja, 1996)

Na sua obra *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*, E. Soja mostra-nos uma evolução da forma de pensar o espaço, declarando que pelo menos no século passado dominava um modo dual de conceber e pensar o espaço. Este passava pela existência de duas perspectivas, por um lado a denominada *Firstspace perspective* e, por outro, a *Secondspace perspective*. A primeira diz respeito ao intitulado *real material world*, à materialidade concreta das formas espaciais, a coisas que podem ser empiricamente medidas e mapeadas, privilegiando a objetividade e a materialidade do espaço. Já no que diz respeito à segunda perspectiva, esta refere-se às *imagined representations of spatiality*, às ideias que se desenvolvem acerca do espaço, concentrando-se mais no espaço concebido do que no percebido, do que nas práticas espaciais.

Esta segunda perspectiva veio emergindo, segundo o autor, um pouco em reação à objetividade excessiva do processo de análise do *firstspace*. No entanto, considera que foram ficando visíveis os laços entre ambas as perspectivas, sendo que a primeira frequentemente começou a adotar os procedimentos da segunda para os seus fins, e esta, por sua vez,

começou a abranger, nos seus processos de interpretação, formas espaciais materiais concretas. (IDEM, *Ibidem*) Nas palavras de Soja, “Na sua forma mais pura, o Secondspace<sup>13</sup> é inteiramente ideacional [...] Isto não significa que não há realidade material, não há Firstspace<sup>14</sup>, mas sim que o conhecimento desta realidade material é compreendida essencialmente através do pensamento [...]”<sup>15</sup>. (IDEM, *Ibidem*, p. 79)

Para o autor este modelo dual de conceber o espaço assemelha-se aos espaços percebido e concebido, enunciados por Henri Lefebvre, sendo que o primeiro se refere ao *real space* e o segundo *imagined space*. (IDEM, *Ibidem*),

No fim dos anos sessenta Edward Soja considera que começou a emergir uma outra forma de consciência espacial, à qual o mesmo vai denominar de *Thirdspace*, que descreve como sendo “[...] um produto de um “thirding”<sup>16</sup> da imaginação espacial, a criação de um outro modo de pensar sobre o espaço que se baseia nos espaços material e mental do dualismo tradicional, mas que vai muito além deles no espaço, substância e significado.”<sup>17</sup> (IDEM, *Ibidem*, p.11) Desta forma, este autor destaca a necessidade de uma análise e interpretação do espaço vivido numa combinação da apreensão das coisas percebidas e concebidas, daquilo que é objetivamente real e do que é subjetivamente imaginado, das coisas no espaço e das coisas acerca do espaço. (Soja, 2000) Para este, torna-se claro que duas dimensões não são suficientes, sendo necessária uma terceira que combinando as outras duas, não se limita à soma das mesmas. Posto isto, para Soja, “[...] a exploração do *Thirdspace* pode ser inscrito em viagens para lugares *real-and-imagined*.”<sup>18</sup> (Soja, 1996, p. 11)

Quer este conceito de *thirdspace*, quer o de espaço de representações de Lefebvre, do qual já fomos falando, têm inerentes a si os três tipos de espaço, nomeadamente, percebido, concebido e vivido, sem que nenhum deles assuma prioridade sobre o outro e saia desta relação privilegiado. Cada um destes é distinto, podendo ser analisado separadamente, mas cada um contém necessariamente os outros dois. Este é um conceito que, segundo Soja, só pode ser totalmente percebido se for colocado em prática um modo de pensamento dialético,

---

<sup>13</sup> Tradução da palavra *secondspace* não foi feita propositadamente.

<sup>14</sup> Tradução da palavra *firstspace* não foi feita propositadamente.

<sup>15</sup> In its purest form, Secondspace is entirely ideational [...] This does not mean that there is no material reality, no Firstspace, but rather that the knowledge of this material reality is comprehended essentially through thought [...]

<sup>16</sup> Tradução da palavra *thirding* não foi feita propositadamente.

<sup>17</sup> “[...] a product of a “thirding” of the spatial imagination, the creation of another mode of thinking about space that draws upon the material and mental spaces of the traditional dualism but extends well beyond them in scope, substance, and meaning.”

<sup>18</sup> “[...] the exploration of Thirdspace can be inscribed in journeys to “real-and-imagined” [...] places.”

algo que reconhece ser difícil por vir desafiar os modos convencionais de pensamento, que se costumam basear em lógicas de raciocínio dialético.

Segundo o autor, apesar de nenhum dos espaços ser privilegiado sobre os demais, há um destaque, este que é estratégico, dado ao terceiro componente deste esquema dialético, o espaço vivido, o *thirdspace*, com a finalidade de se poder combater a tendência de pensar o espaço e a produção social do espaço ao pensamento da *firstspace e secondspace perspective*. (IDEM, *Ibidem*) Edward Soja concebe, desta forma, *thirdspace* “[...] como decorrente da desconstrução complacente e reconstrução heurística da dualidade Firstspace-Secondspace<sup>19</sup> [...] não se destina apenas para criticar os modos de pensamento Firstspace e Secondspace, mas também a revigorar suas abordagens ao conhecimento espacial, com novas possibilidades, até então impensáveis, dentro das disciplinas espaciais tradicionais.”<sup>20</sup> (IDEM, *Ibidem*, p. 81)

O autor declara que esta sua proposta de análise decorre no sentido da ambição de “[...] trazer com mais clareza a potencialmente poderosa, ainda que muitas vezes obscurecida, espacialidade de todos os aspetos da vida social e permitir nesta sociabilidade (e historicidade) espacializada formas mais eficazes de mudar o mundo para melhor, através de práticas e políticas espacialmente conscientes.”<sup>21</sup> (Soja, 2000, p. 352)

---

<sup>19</sup> Tradução das palavras *firstspace* e *secondspace* não foi feita propositadamente.

<sup>20</sup> “[...] as arising from the sympathetic deconstruction and heuristic reconstruction of the Firstspace-Secondspace duality [...] is designed not just to critique Firstspace and Secondspace modes of thought, but also to reinvigorate their approaches to spatial knowledge with new possibilities heretofore unthought of inside the traditional spatial disciplines.”

<sup>21</sup> “[...] bring out more clearly the potentially powerful yet often obscured spatiality of all aspects of social life and to open up in this spatialized sociality (and historicity) more effective ways to change the world for the better through spatially conscious practices and politics.”

### **3- Mudanças no urbanismo contemporâneo – 2.<sup>a</sup> metade do século XX até agora**

A sociedade nos dias de hoje encontra-se maioritariamente subordinada à prática política, ao poder estatal, tendo o capital e a ideologia capitalista grande influência sobre a prática espacial, quer ao nível da construção e reconstrução dos edifícios, quer a nível da distribuição dos recursos e investimentos. Ao ser marcado pela hegemonia de uma classe social, a burguesia, esta terá uma ação direta ou reflexão na prática espacial.

Um marco identificado por Rémy e Voyé como fundamental para a história do urbanismo, prende-se com a eliminação das muralhas nas cidades, facto ainda no século XIX, pondo fim à distinção física marcada entre o que é cidade e o que se situa fora da mesma. Esta realidade foi desagradando às classes burguesas que viam desaparecer com as muralhas igualmente a demarcação dos privilégios subjacentes à vida dentro das mesmas, deixando de existir um controlo apertado face aos movimentos internos e externos. (Rémy, Voyé, 1994) Também na cidade do Porto foi possível a constatação deste fenómeno de supressão da muralha. No entanto, este receio por parte da burguesia, de que falam os autores, segundo Hélder Pacheco, não se materializou. Acerca disto, o mesmo, aquando da sua entrevista, declarou-nos que:

“A muralha foi derrubada no século dezanove, ainda no século dezoito começou a ser derrubada e e no século dezanove foi completamente varrida do mapa, mas [...] não havendo muralha, a verdade é que ela existia na cabeça das pessoas.” [H.P]

Assim, após o desaparecimento da muralha, no Porto, o território, na zona da Vitória, freguesia onde se encontra a Rua dos Caldeireiros, manteve-se dividido por uma linha, a Rua dos Clérigos, onde no passado passava a muralha, dividindo-a no que enuncia como sendo a ‘Vitória rica’, ocupada pela média burguesia, e a ‘Vitória pobre’, tendo como população o povo, operariado urbano.

Estes mesmos autores destacam ainda o facto de no espaço urbano se verificar uma lógica funcional do espaço, sendo este funcionalmente especializado. Desta forma é possível encontrar-se nas cidades, bairros ou ruas especializadas uma determinada prática comercial, que por norma é a dominante. (IDEM, *Ibidem*) De tal facto é precisamente exemplo a Rua dos Caldeireiros, assim dominada pelas inúmeras oficinas de caldeiraria que outrora nela se podiam outrora encontrar. De resto, a cidade do Porto é em geral exemplo disso, pois é comum encontrarmos ruas que assumem o nome da atividade comercial nelas dominante em momentos passados.

Ora, o que vem acontecendo é uma descentralização das atividades e equipamentos para a periferia, por força do aumento do espaço físico que vão exigindo, fazendo com que se verifique “[...] uma crescente dependência do tecido antigo em relação às periferias e pode por vezes, levar à sua decomposição progressiva.” (IDEM, *Ibidem*, p. 72) Para os autores este argumento de falta de espaço nos centros históricos é válido e assume um grande peso na justificação de todo este processo, encontrando-se, no entanto, estritamente relacionado com um outro, que os autores referem como a procura de “[...] uma imagem de modernidade que se traduz muitas vezes por um edifício tipo cúbico, de construção elevada e isolado no meio de alguma verdura.” (IDEM, *Ibidem*, p. 82)

Muito associado a esta noção de lógica funcional do espaço, François Ascher declara que o processo de desenvolvimento das cidades aparece associado ao fenómeno de segregação, quer de atividades, quer de pessoas, assumindo uma dimensão e natureza variável consoante o crescimento das cidades, passando-se assim de um processo de especialização de bairros ou ruas tendo em conta a atividade nelas dominante, para um sistema de especialização tendo por base questões como classe social, nacionalidade e função predominante. A forma como as cidades se organizam e vão levando a cabo o processo de segregação espacial é distinta, inclusivamente em cidades do mesmo país, algo que resulta da diversidade de histórias, contextos, culturas e lógicas políticas, económicas e sociais muito particulares, que nelas se vivenciam. (Ascher, 1998)

Segundo este autor, o zonamento funcional típico do urbanismo moderno, sendo frequente nas cidades a existência de zonas específicas para a habitação, para o trabalho, para o entretenimento, entre outras, é atualmente duramente criticado, pela defesa da necessidade de um processo de miscigenação funcional e social. Isto apoiado no argumento de que na necessidade de evoluir, os espaços que são decretados para uma só função revelam-se menos resistentes à mesma. Como Ascher mesmo declara, “[...] uma arquitectura e um urbanismo duram geralmente mais tempo que as funções que os fizeram nascer [...]”. (IDEM, *Ibidem*, p. 164) Assim, espaços que se apresentem mais diversificados, quer a nível funcional, quer social, mostram ter uma maior capacidade de resistência e de possibilidade de reconversão. No entanto, para ele esta crítica traduz-se num paradoxo, pelo facto do zonamento funcional ter sido inventado no século XIX, exatamente com o propósito de proporcionar flexibilidade às evoluções urbanas, permitindo uma evolução mais gradual.

Conforme François Ascher declara, “A especialização social dos espaços não é, em geral, o resultado da vontade dos urbanistas [...] De facto, essa especialização resulta de processos de natureza económica, política, social, cultural, e as vezes funcional, sobre os



quais é difícil agir, em particular quando o *habitat* resulta principalmente da economia de mercado.” (IDEM, *Ibidem*, p. 167) Este tipo de planeamento, dirigido pelo mercado, ao qual denomina de *market lead planning*, coloca neste as escolhas, as decisões de evolução e transformação e as mutações que ocorrem no tecido urbano, limitando-se os poderes públicos a seguir as duas diretivas, unicamente limitando quando este se mostra excessivo e apoiando quando revela insuficiência. (IDEM, *Ibidem*)

Segundo Henri Lefebvre, a história da sociedade pode ser traduzida no sentido da sua progressiva urbanização, considerando que o desenvolvimento da sociedade só é possível passando pela sociedade urbana, concebendo a mesma como uma virtualidade e uma tendência e não tanto como um ato consumado. (Bettin, 1982) O autor considera que a trindade capitalista – terra, capital e trabalho – é estabelecida no espaço, estando garantida com um espaço institucional *trifacetado*, composto pelos espaços: global – de soberania, com restrições implementadas -, fragmentado – que localiza especificidades, locais ou lugares, no sentido de os controlar ou tornar negociáveis - e hierárquico – que como o próprio nome indica, segundo o autor vai desde os espaços mais humildes aos mais nobres. O espaço social é para Lefebvre produzido pelas forças e relações de produção, considerando que as ideologias não produzem o espaço, mas antes que se encontram inscritas no espaço. (Lefebvre, 1991)

Tendo a sociedade capitalista como que uma dupla natureza, caracterizada tanto por ser um lugar por excelência de consumo, como por exaltar o consumo do lugar, o centro urbano ele próprio é produto de consumo e simultaneamente um lugar de consumo. Sendo para além destes ainda um lugar de grande centralidade lúdica e de tomadas de decisão, o centro urbano assume uma natureza altamente complexa, onde os espaços sociais se encontram intimamente ligados a tempos e ritmos sociais específicos. (Fernandes, 1992)

Um outro autor que aborda a organização espacial olhando-a como estando sobre a influência do capitalismo e como reflexo dos interesses e necessidades da classe burguesa é Manuel Castells, ao teorizar que “[...] o capitalismo industrial [...] e a burguesia industrial [...] assumem o controlo da produção social do espaço urbano e difundem as suas proezas de construção citadina a uma escala global, deixando para trás a cidade meramente como recipiente ou tela para as inscrições do capitalismo.”<sup>22</sup> (Soja, 2000, p. 102)

---

<sup>22</sup> “[...] industrial capitalism [...] and the industrial bourgeoisie [...] take control over the social production of urban space and diffuse their citybuilding prowess to a global scale, leaving the city behind as merely the container or canvas for a capitalism’s inscriptions.”

David Harvey é um outro autor que se dedica às questões do capitalismo e do espaço urbano. Este considera que o afluente de capital, bem como investimentos de carácter social, ocorrem essencialmente em contexto urbano, considerando também que o capital funciona como fator determinante para a definição dos significados do espaço e também do tempo na vida social, impondo os limites e as necessidades associados tanto ao conteúdo como à forma da urbanização. (Harvey, 1989a)

Segundo João Queirós, a história das cidades reflete a história do capitalismo, estando as primeiras, portanto, marcadas pela construção, destruição e reconstrução dos espaços citadinos, tendo por base a exaltação dos princípios dos mesmos. Segundo Queirós aquilo que se verifica é um processo de articulação de novas políticas económicas com novas políticas urbanas tendo em vista a promoção de novas estratégias com finalidade de reconfiguração das cidades, como é o caso dos processos de reabilitação dos centros urbanos. Para este sociólogo é claro o facto de os projetos de reconfiguração do espaço urbano se apresentarem como atrativos para os governos locais com certa fragilidade financeira, pelo afluxo de grandes quantias de dinheiro que a eles têm associados, não só como resultado de investimentos mas também de consequências, como o aumento do turismo, passando a imagem da cidade a estar crescentemente no raio de enfoque das preocupações políticas. (Queirós, 2007a)

Para este autor, o espaço urbano traduz-se, desta forma, no espelho por excelência das desigualdades e tensões características das sociedades capitalistas, sendo as mais diversas apropriações deste espaço desenvolvidas num de três sentidos: na tradução, no aprofundamento ou na subversão das relações de poder nas quais está assente a ordem social. No caso em particular da cidade do Porto este considera que a uma urbanização capitalista sempre esteve subjacente uma urbanização desigualitária. (Queirós, 2007b)

A produção do espaço é, assim, segundo Teixeira Fernandes, realizada de acordo com a forma como se concebe a sociedade, produzindo-se, desta forma, distintos *habitats*. Para o mesmo, as sociedades ocidentais são caracterizadas pela passagem de uma relação concreta com o espaço, prevalecente nos bairros populares, esta que contribui para a construção e controlo da identidade, para uma relação abstrata com o espaço, marcada por uma multiplicidade de lugares com realidades muito homogéneas, tendo em conta o facto de a atualidade ser marcada por um habitar de espaços standardizados. (Fernandes, 1992) Será interessante perceber se na Rua dos Caldeireiros, na baixa do Porto, ainda se verifica uma relação concreta dos sujeitos com o espaço.

Nas palavras de Henri Lefebvre, o espaço social é uma pré-condição e, cada vez mais, um resultado das superestruturas sociais, sendo produzido e reproduzido na sua relação com

as forças de produção e relações de produção inerentes ao sistema capitalista, declarando que “A divisão do trabalho afeta todo o espaço [...] E todo o espaço é um objeto de consumo produtivo.”<sup>23</sup> (Lefebvre, 1991, p. 347) Destarte, o que se verifica é uma adaptação e modelação do espaço urbano, ao nível da sua forma, finalidade e conteúdo, às necessidades e exigências do sistema capitalista.

No parecer de João Queirós, nas sociedades capitalistas avançadas a forma como é desenvolvido o planeamento urbano naturaliza como solução a reabilitação urbana e o processo de gentrificação, que são usualmente vistos como inevitabilidades. Queirós define este fenómeno da gentrificação como sendo a “[...] reocupação das áreas centrais das cidades por indivíduos ou famílias pertencentes a estratos sociais detentores de recursos socioeconómicos e culturais superiores aos dos indivíduos e famílias que tradicionalmente nelas habitam.” (Queirós, 2007a, p. 6)

Esta é uma realidade de que têm vindo a ser palco algumas das cidades europeias e norte-americanas, pelo processo de reabilitação dos centros, verificando-se nestes um afastamento das classes populares, que tradicionalmente neles habitavam, para a periferia, e, em contrapartida, um aumento das populações com recursos. (Queirós, 2007b, p. 112) A população é portanto afastada do seu espaço habitacional e deslocada para a periferia da cidade. Segundo António Gonçalves, o processo de gentrificação encontra reflexo nos argumentos da Escola de Chicago, ao considerar que a cidade se define pela substituição dos habitantes mais fracos pelos mais fortes, sendo este encarado como um processo normal e inevitável. (Gonçalves, 2006)

Segundo Erica Bernhardt é muito frequente a confusão entre os processos de gentrificação e de revitalização, considerando, no entanto, que ao passo que um processo de gentrificação pode resultar de uma revitalização de parte da cidade, nem todos os processos de revitalização terão por consequência a gentrificação da população. Desta forma, determinadas áreas podem ser apenas transformadas em zonas de turismo e consumo de classes mais abastadas, estas que continuarão a residir noutra zona, não sendo os habitantes originais desta área transferidos para outra zona e substituídos por uma nova classe de moradores. Aquilo que, para a autora, diferencia estes dois fenómenos, é o facto de no processo de gentrificação haver um movimento de atores quer privados, quer públicos, no sentido de se proceder a um movimento habitacional da classe média para os centros históricos deteriorados a ser revitalizados, estando necessariamente relacionado com o processo de globalização e um

---

<sup>23</sup> “The division of labour affects the whole of space [...] And the whole of space is an object of productive consumption.”

conjunto de mudanças económicas, tendo por base principalmente o sistema capitalista baseado no mercado financeiro.(Bernhardt, 2005)

As diferenças entre a nova população chegada a estes bairros ‘gentrificados’ e a sua população de origem são, no parecer desta autora, não apenas de classe, como também, em algumas situações, étnicas e raciais. (IDEM, *Ibidem*) Posto isto, para Bernhardt, o processo de gentrificação “É uma espécie de ‘emburguesamento’ de bairros que já possuem suas próprias características, tradições e práticas culturais.” (IDEM, *Ibidem*, p. 3), tendo de ter sempre inerente a este o deslocamento da população original.

Este é um processo que veio, segundo esta autora, abalar os pilares da tese da teoria espiral, que encara o movimento populacional como que assumindo o efeito gráfico de uma espiral, do centro para a periferia, com as classes médias à procura de moradias com mais espaço, locais de lazer ao ar livre e um ambiente mais familiar, concebendo que os sujeitos têm estas preferências de consumo e que quanto mais recursos têm maior é a procura por este tipo de espaços. A seu ver o fenómeno da gentrificação vem destruir de alguma forma esta conceção, por revelar novas preferências de consumo de residência dentro da classe média que se opõem às enunciadas pela teoria espiral.

Bernhardt destaca ainda duas grandes perspetivas teóricas que olham o processo de gentrificação de formas distintas. Por um lado os humanistas liberais que encaram o fenómeno como sendo um processo de escolha, de cultura e de consumos e, por outro lado, os marxistas que o analisam com destaque no papel do capital, da classe social, da produção e da oferta. A autora considera que é necessário ter em consideração as consequências negativas que possam resultar de um processo de gentrificação, como por exemplo, a mais aclamada, a exclusão de alguns segmentos sociais. No entanto, apesar disso, a seu ver, é igualmente imprescindível ter em consideração as suas potencialidades, e por estas considera as possibilidades reais de revitalização dos bairros, verificada, por exemplo a nível cultural, que este processo pode significar. (IDEM, *Ibidem*)

Ainda acerca deste processo, Rémy e Voyé começam por ressaltar a desigualdade existente face à possibilidade de escolha de determinado espaço residencial, considerando que esta apenas é uma realidade para os grupos dominantes, vendo-se os restantes com uma possibilidade de escolha limitada às ‘sobras’. No entanto, quando estes espaços, as tais ‘sobras’, começam, por variadas razões, a tornar-se apelativos para os grupos dominantes, ficam reunidas as condições para que se dê início a um processo de gentrificação, procedendo-se a uma progressiva expulsão dos habitantes tradicionais desse espaço e uma

invasão do mesmo, como lhe intitulam os autores, pelos grupos dominantes. (Rémy, Voyé, 1994)

Nos anos trinta do século XX, associado a uma corrente da Escola de Chicago e, mais precisamente a Louis Wirth, o urbanismo aparece associado às questões da dimensão, densidade e heterogeneidade da população. No entanto, com a crise urbana dos anos sessenta deste mesmo século, dá-se uma mudança de orientação das formas de pensar o urbano, começando-se a olhar o urbanismo como forma de reprodução da distribuição desigualitária de rendimentos, desfavorecendo aqueles que já se encontram desfavorecidos na sociedade. Posteriormente, ainda na década de sessenta, João Sarmento destaca a revolta estudantil de 1968 e agitação social em Paris, como marcos na viragem da forma de pensar o urbanismo, destacando ainda o trabalho de Lefebvre, que vem incluir a política como uma das particularidades espaciais do urbanismo.

Sarmento ressalta o fenómeno da globalização, do capital, do trabalho e da cultura, como sendo caracterizador das cidades e tendo um grande impacto no urbanismo, espalhando-o por todo o mundo, e levando a uma grande diversidade e heterogeneidade das cidades, como característica base do urbanismo pós-moderno. (Sarmento, 2003) Recorrendo-se do argumento do Soja, constata, no entanto, que não existem cidades que sejam verdadeiramente pós-modernas; aquilo que existem são “Continuidades com o passado, pelo menos com formas claramente modernistas de urbanismo e urbanização persistem um pouco por toda a parte, moldando várias dimensões espaciais, sociais e históricas da vida urbana contemporânea.” (IDEM, *Ibidem*, p. 258)

Segundo João Sarmento, emergiu na década de noventa do século XX uma corrente de arquitetura e planeamento que se designa de Novo Urbanismo, esta que assume uma postura anti-suburbana e neo-tradicionalista. Ao passo que no pós-modernismo o destaque insidia no *design* urbano, na dimensão visual da cidade, mais do que com os problemas sociais nela existentes, que considera esconder com artifícios, por sua vez o novo urbanismo depara-se com questões importantes como os subúrbios que se encontram em expansão e sem identidade ou os centros fragmentados. Para este autor, esta nova corrente vai “[...] perseguindo um interesse nas ruas e na arquitetura cívica como espaços de sociabilidade, se bem que rejeitando a concepção fragmentada do urbanismo pós-moderno. Há assim uma tentativa (utópica?) de transformar cidades grandes aparentemente fora de controlo, num conjunto de vilas urbanas interligadas, onde as pessoas socializam de forma cívica e urbana.” (IDEM, *Ibidem*, p. 258)

Na perspectiva de Sarmiento, a cidade pós-moderna é caracterizada pelo movimento e a efemeridade, sendo o urbanismo contemporâneo marcado pela pluralidade e fragmentação dos territórios. O autor conclui ainda que “À medida que o mundo tende para a urbanização generalizada, no contexto da globalização económica e da revolução da informação, a urbanização constrói e destrói cidades, fragmentando o território, incluindo, mas sobretudo marginalizando cidadãos.” (IDEM, *Ibidem*, p. 264)

Flávio Nunes, destaca o facto de as Nações Unidas considerarem relevante o estudo desta nova corrente, o Novo Urbanismo, isto pela constatação de que o modelo urbano racionalista positivista de raízes no século XIX não se adapta aos desafios urbanísticos que são colocados às cidades do século XXI, dos quais é exemplo a segregação socio-espacial. Este considera que se torna clara a necessidade de trazer ao debate urbano contemporâneo a dimensão multisensorial da vivência urbana, perceber de que forma esta pode e deve ser integrada nos projetos de planeamento urbano, compreendendo como é que esta pode condicionar os usos e as representações que os sujeitos fazem e desenvolvem acerca do espaço urbano. Nunes declara, portanto, que o planeamento urbanístico contemporâneo necessita da adoção de novas estratégias, das quais o urbanismo sensorial, como possibilidade de pôr em prática os princípios do novo urbanismo. (Nunes, 2012)

#### **4 - Porto e revitalização do centro – principais mudanças**

Para refletirmos um pouco acerca o processo de reabilitação, em especial no contexto da cidade do Porto, socorremo-nos essencialmente do trabalho levado a cabo pelo sociólogo João Queirós em torno desta realidade. Este destaca o facto de o Porto ser cada vez mais alvo de estratégias e discursos acerca do processo de reabilitação urbana, estes essencialmente dedicados ao centro da cidade, à zona histórica, de forma a possibilitar a reafirmação nacional e internacional desta cidade. Segundo Queirós as medidas desenvolvidas pela Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana, centram-se numa lógica de intervenção que tem como princípio fundamental o da gentrificação do centro da cidade, desenvolvendo um programa de cativação de investimentos e de grupos estratégicos para a recomposição socioeconómica da cidade, orientando a sua intervenção para três eixos fundamentais: dinamização do turismo, revitalização do comércio e promoção do negócio.

João Queirós considera haver uma tendência da recuperação do centro do Porto por determinado segmento social e, consecutivamente, do seu estilo de vida. (Queirós, 2007a) Segundo o autor, “O objectivo parece ser o de oferecer os meios e as oportunidades necessárias à criação, no centro da cidade, de uma oferta habitacional e de uma cultura de consumo capaz de seduzir os segmentos educacional e culturalmente mais capitalizados das novas classes médias urbanas.” (Queirós, 2007b, p. 112)

O urbanismo tornou-se uma questão fundamental aquando do êxodo rural em meados do século XIX pelas cada vez menores condições de vida na zona rural, consequentes do processo de industrialização. Esta realidade leva a um grande afluxo de população à cidade do Porto, provocando problemas a nível de ‘alojamento, acomodação e controlo social’ destes novos residentes, havendo uma inexistência de políticas urbanas que visassem mais do que a mera transformação das fachadas, permitindo apenas uma vista estética imediatamente mais apelativa, mantendo-se por isso todos os problemas de gestão e organização que iam muito para além deste plano frontal dos edifícios.

Como resultado deste aumento substancial de população desregulado ao nível habitacional, começou a verificar-se a ocorrência do fenómeno das ilhas no Porto, sendo que, desta forma, “A Baixa cresce para dentro de si mesma [...]”. (IDEM, *Ibidem*, p. 92) Estas ilhas eram ocupadas pelo operariado industrial, com poucas condições básicas de vida, sendo estas, para João Queirós, um forte instrumento de controlo das classes populares e um claro exemplo prático, à vista de todos, das desigualdades sociais fortemente inscritas no espaço urbano.

Posto isto, os inícios dos anos setenta do século XX foram caracterizados por um excedente de tecido populacional e, em oposição, uma falta de tecido urbano capaz de o suportar, sendo este, no centro histórico do Porto, caracterizado por um ambiente insalubre e de sobrelotação, com falta de condições básicas de habitação. (Queirós, 2013) Queirós identifica o período da implantação da República como fundamental para a questão das ilhas, pela criação dos primeiros bairros de habitação social na periferia da cidade do Porto, para onde são transferidos os seus habitantes, medida que se prolonga no Estado Novo. (Queirós, 2007b)

Face a esta realidade, já no segundo período de implantação do Plano de Melhoramentos de 1956, este que foi o primeiro programa para a construção de habitação pública na cidade do Porto, a grande medida a ser implementada foi a eliminação das ilhas, e o realojamento da população que nelas se encontrava, para habitações a designar pelo Estado. (Queirós, 2013) O grande objetivo desta transferência do centro para a periferia passava por “[...] conter os *perigos* da concentração operária, como também favorece o aprofundamento da apropriação capitalista do centro da cidade, ao *higienizar* o espaço público e ao ampliar a área disponível para a instalação de novas actividades [...]” (Queirós, 2007b, p. 92) Aos poucos, o centro da cidade do Porto vai perdendo a sua função habitacional para passar a estar crescentemente ocupado com atividades essencialmente ligadas ao sector terciário.

O centro histórico da cidade do Porto foi sendo posto algo de parte face a um conjunto de transformações que foram sendo aplicadas no resto da cidade, ao nível urbano e da habitação, desde cerca de meados dos anos cinquenta. Queirós destaca a estranheza desta realidade de esquecimento do centro histórico a este nível, contrastante com a preocupação e atenção atribuída ao problema das ilhas. No entanto, este consegue identificar alguns possíveis fatores justificativos desta falta de intervenção no resto do centro, como por exemplo, a incapacidade das finanças públicas sustentarem um processo de reconfiguração urbanística que abrangesse toda a zona histórica. (Queirós, 2013)

João Queirós defende a existência de três gerações de políticas de reabilitação urbana do centro do Porto. A primeira tem início com o pós-25 de Abril, em que se verifica, pela primeira vez, nas políticas urbanas, uma tentativa de separação destas face às desigualdades e hierarquias sociais e repressão de algumas camadas sociais, procurando-se agora o desenvolvimento de políticas que visem a maior participação da população com uma conotação mais democrática quanto à questão do alojamento das classes populares, sendo para tal fundamental a criação do SAAL, Serviço de Apoio Ambulatório Local. De destacar nesta época é também a criação do CRUARB, Comissão para a Renovação Urbana da Área



da Ribeira-Barredo, que, contrariamente ao que se verificava no período do Estado Novo, defendia a não expulsão das classes populares do centro da cidade, com uma ação de carácter patrimonial, com a intenção de salvar e recuperar as zonas históricas da cidade. Segundo o autor, os resultados desta primeira geração acabaram por ser muito limitados, acabando por, ao longo da década de 1980, se verificar a intensificação do processo de terciarização que vem reforçar ainda mais a extinção da função residencial no centro da cidade, passando o processo de reabilitação do centro do Porto de novo para segundo plano. (Queirós, 2007b)

Com a instabilidade do golpe militar de 25 de Abril, abriu-se portanto uma oportunidade que foi aproveitada pelos moradores, criando-se movimentos de moradores que procuravam ter uma palavra a dizer nas questões urbanísticas e da habitação, podendo participar no debate e até influenciando, apesar de não comumente, as decisões estatais. O CRUARB caracterizava-se, essencialmente, por “[...] uma visão da intervenção social e habitacional assente em princípios como a defesa da residência das classes populares nos seus bairros de origem, e a recuperação e valorização do património histórico, cultural e edificado do centro histórico da cidade [...]”. (Queirós, 20013, p. 123) Este estabeleceu relações muito intensas com os movimentos de moradores, visto que apesar de alguns contras, o consenso era muito frequente, pelas vantagens que o mesmo trazia para ambos os lados. (IDEM, *Ibidem*)

Seguidamente, dá-se que com o fim do período revolucionário, as organizações de base local, nas quais se associavam os movimentos de moradores, começam a perder a sua centralidade, e, por isso, capacidade de ação, fechando-se todo o panorama de oportunidades de participação que até então estava ao dispor dos mesmos. Desta forma, o fim dos anos setenta caracteriza-se, para além desta diminuição da participação da população, por um aumento da formalização e burocratização dos projetos urbanísticos.

Por seu turno, os anos oitenta são marcados por uma transferência das responsabilidades ligadas ao processo de realojamento para o mercado, pelo esvaziamento do centro histórico da cidade do Porto, e pelo surgimento de uma nova imagem associada à zona ribeirinha, esta que surge patrimonialista e turista. Este último aspeto culmina no que João Queirós considera dar início a uma segunda fase de políticas, a classificação do centro histórico do Porto como património da humanidade. (IDEM, *Ibidem*) Esta classificação foi encarada como uma vantagem competitiva da cidade face a outras, tornando-se este um aspeto fulcral na afirmação e dinamização económica dos países. (Casaleiro, Quintela, 2008)

Uma segunda geração de políticas de reabilitação urbana do centro do Porto nasce, segundo João Queirós, aquando da atribuição ao mesmo, por parte da UNESCO em 1994, do título de Património Mundial da Humanidade. Aqui vai passar a prevalecer a natureza

turística e cultural da cidade, sendo as políticas de reabilitação direcionadas neste mesmo sentido, tornando-se elas próprias mais um elemento para reforço desta imagem. Ainda nesta geração insere-se a iniciativa Porto 2001<sup>24</sup>, que a uma programação de carácter cultural aliava um intervenção ao nível da reabilitação urbanística do centro, procurando a “[...] constituição de um cenário cultural e imagético favorável à atracção de investimentos e à fixação de novos residentes.” (Queirós, 2007b, p. 96), esta que na prática poucos resultados produziu. Esta geração foi assim sendo marcada por uma tentativa de preservação de características-chave do centro da cidade, simultânea a uma procura de reconfiguração urbana do mesmo.

Ainda nesse ano Rui Rio e a coligação PSD/CDS-PP ganham as autárquicas e manifesta-se a necessidade de rutura com os princípios da Porto 2001, reforçando-se então toda a discussão em torno da reabilitação da baixa. (IDEM, *Ibidem*)

Vem se afirmando, portanto, a importância e o recurso ao marketing urbano, definido por Rémy e Voyé como uma “[...] «política» que visa criar e/ou desenvolver uma imagem positiva de uma cidade ou de uma região a partir de um objecto ou de uma função.”, (Rémy, Voyé, 1994, p. 95), no caso do Porto claramente a partir de uma função, procurando destacar-se de forma singular na cena internacional. Por outro lado, para Rogério Leite, o marketing urbano resume-se, essencialmente, a intervenções urbanas que tem como ambição a transformação de áreas históricas degradadas em zonas de entretenimento urbano e de consumo cultural. Para o autor, estas intervenções remetem para o que define de “relocalização estética do passado”, que consiste em tratar o património como uma mercadoria cultural que pode ser reapropriada. (Leite, 2008)

Ora, “[...] a reabilitação tenderá, mais tarde ou mais cedo, a consolidar-se como peça fundamental das estratégias de transformação urbana das principais cidades portuguesas.” (Queirós, 2007b, p. 104), sendo para tal fundamental a existência de sociedades de reabilitação urbana, aparecendo neste contexto a *Porto Vivo, SRU*<sup>25</sup>, dando início à terceira geração de políticas de reabilitação urbana do centro do Porto. Para o autor, a extinção do CRUARB e a criação da SRU, marca a mudança de tónica, passando esta a apontar para o processo de gentrificação do centro do Porto. (Queirós, 2013)

Esta terceira geração de políticas está, nas palavras de João Queirós, assente no urbanismo competitivo, a nível internacional, procurando-se reger a reabilitação do centro do Porto pelo caso europeu, e pela mera reprodução de matrizes globais a nível local, destacando-se as suas características diferenciadoras, funcionando como um atrativo para

---

<sup>24</sup> Iniciativa Porto Capital Europeia da Cultura 2001

<sup>25</sup> Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, S.A. - <http://www.portovivosru.pt/>

investimentos, tendo um maior impacto em investidores estrangeiros do que portugueses. Para o autor parece inevitável que ao se procurarem investidores privados para o processo de reabilitação do centro do Porto, que exigem um retorno e rentabilização dos seus investimentos, por falta de capacidade de atração de investidores públicos, se assistirá a uma mudança na oferta habitacional desta área, bem como dos seus públicos-alvo. Em relação aos habitantes que vão persistindo e que acabam por ser uma personificação da realidade deste espaço social, o autor considera as referências que lhes vão sendo feitas “[...] resumem-se a declarações vagas sobre a importância da “participação da população e dos actores locais” no novo programa de reabilitação urbana.”. (Queirós, 2007b, p. 111)

Virgílio Pereira destaca, por sua vez, um outro período histórico marcante para as questões das políticas urbanas e de reabilitação, nomeadamente o da entrada do país para a Comunidade Económica Europeia. Esta que se traduziu numa maior orientação das políticas para o mercado, mas tendo também reflexo nas políticas habitacionais, particularmente o reforço da importância de políticas de promoção de propriedade e incremento do processo de alienação da habitação pública, destacando-se algumas inovações consideradas por este sociólogo como importantes no que diz respeito à questão da habitação social. (Pereira, 2011)

Segundo o sociólogo Virgílio Pereira é, portanto, possível verificar-se, na primeira década do século XXI, uma mudança no papel do Estado nas cidades que vai passar pela gentrificação no centro das mesmas, conceito que temos vindo a referenciar, simultânea a um conjunto de medidas que passam pela demolição dos bairros considerados mais problemáticos do ponto de vista social e das afamadas ilhas, parte característica da cidade do Porto. Posto isto, verifica-se no Grande Porto a sua suburbanização, um pouco em resultado de um outro fenómeno, o da transferência populacional no sentido centro-periferia, ambos na origem da grande perda demográfica verificada na cidade, essencialmente no centro histórico que «se despoeva, envelhece e degrada». (IDEM, *Ibidem*)



## **5 - NU Porto [*open MY city*] - Enquadramento do Projeto por Detrás da Dissertação**

O desenvolvimento desta dissertação enquadrou-se no âmbito de um projeto de carácter internacional, denominado NU Porto, *open MY city* na proposta atual de nome internacional, este que é resultado de uma parceria entre a Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Aalto University Helsinki.

Apresenta-se como um projeto multidimensional, com uma equipa multidisciplinar, que tem como objetivo final emergir a complexidade por detrás dos edifícios do centro histórico do Porto, expondo não só a sua construção ao nível arquitetónico como também todas as relações sociais dos quais os mesmos têm vindo a ser palco.

Tendo em conta que “Salvar unicamente a fachada de um edifício não é salvar a sua essência [...] a rua torna-se uma Disneylândia de falsas frentes.”<sup>26</sup> (Goldberger, 1985), neste projeto foi levada em consideração a existência de uma vasta panóplia de aspetos que deverão ser postos em análise aquando do processo de reabilitação dos edifícios, defendendo-se uma perspetiva de democratização da arquitetura, com a ambição de tornar os cidadãos mais informados. Esta última que vai de encontro ao que é defendido nas cartas de Washington, Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas, de 1997, e Cracóvia, que contém os princípios para a conservação e o restauro do património construído, do ano de 2000, ambas que defendem a importância da defesa de uma verdadeira participação e envolvimento dos cidadãos nos processos de decisão.

Dentro desta equipa multidisciplinar percebeu-se a importância dos contributos da sociologia enquanto ciência social e, portanto, da necessidade de um estudante de sociologia que em contexto de realização de dissertação de mestrado, após uma prévia seleção de um conjunto de edifícios da baixa do Porto, tivesse por objetivo compreender o conjunto de relações socio-espaciais que atribuem significado aos mesmos: falamos de relações interpessoais e relações entre os sujeitos e o próprio contexto, o espaço urbano, procurando, portanto, aferir toda a dimensão social entranhada nestes edifícios, na apropriação e usos dos mesmos. Este projeto, de natureza multidisciplinar, vai ao encontro da ideia defendida por Henri Lefebvre de que o estudo do espaço urbano não deve ser entregue a uma disciplina especializada, devendo antes ser feita a partir de um trabalho transdisciplinar, com todas as ciências que possam dar o seu contributo. No entanto, Bettin, ao falar do trabalho realizado por este autor, destaca a importância do contributo da sociologia neste trabalho

---

<sup>26</sup> “To save only the facade of a building is not to save its essence [...] the street becomes a kind of Disneyland of false fronts.”

transdisciplinar, declarando que “A síntese sociológica é particularmente necessária para o estudo das necessidades sociais. O sociólogo pode estabelecer as premissas para a realização concreta das aspirações relativas ao quadro da vida urbana quotidiana e também atender às necessidades dos grandes grupos [...]”.<sup>27</sup> (Bettin, 1982, p. 133)

A importância de uma abordagem de natureza interdisciplinar às questões da reabilitação e preservação dos edifícios está salvaguardada na Carta de Washington, onde se declara que “O planeamento da salvaguarda das cidades e bairros históricos deve ser precedido de estudos pluridisciplinares [...]”, dentre os quais é destacada a importância da recolha e análise de dados sociológicos. (Carta de Washington, 1987, p. 2)<sup>28</sup>

O projeto NU Porto adota uma das duas possíveis perspetivas de renovação, reabilitação do espaço urbano, enunciadas por António Custódio Gonçalves, na procura de fazer equivaler a importância atribuída ao passado e ao futuro do espaço reabilitado, bem como de conservar a memória social do mesmo, procurando não mudar e perder a ligação existente com o passado, em contraposição a uma perspetiva de completa rutura com o passado e de afirmação do futuro, onde do passado do edifício reste por vezes apenas a sua fachada. (Gonçalves, 2006) É um pouco para tentarmos apreender mais este sentido de temporalidade que, como exposto mais a frente, nos propomos a fazer uma recolha e análise de documentos pessoais, que traduzem uma relação e apropriação direta e específica com o espaço ao longo do tempo, tais como cartas e fotografias.

O objetivo final material, neste caso virtual, do NU Porto passa pela criação de uma aplicação, possivelmente associada à plataforma já existente do Google *Street View*. Para iniciar este projeto foi escolhida a Rua dos Caldeireiros, esta que se apresenta na figura 1. Posto isto, a ideia é que os sujeitos possam, acedendo a esta plataforma, selecionar determinado edifício, acedendo desta forma à fachada do edifício numa posição frontal, aparecendo uma linha temporal abaixo do mesmo. (Figura 1) Esta é uma perspetiva dos edifícios que não costuma estar disponível na aplicação do *Street View*.

---

<sup>27</sup> “La síntesis sociológica es especialmente necesaria para el estudio de las necesidades sociales. El sociólogo puede instituir las premisas para la realización concreta de las aspiraciones dentro del marco de la vida urbana cotidiana y, además, satisfacer las necesidades de los grandes grupos de los que se hace cargo la sociedad.”

<sup>28</sup> A referência bibliográfica encontra-se na secção das páginas e documentos web.

**Figura 1**

Ideia para funcionamento da aplicação NU Porto - passo 1

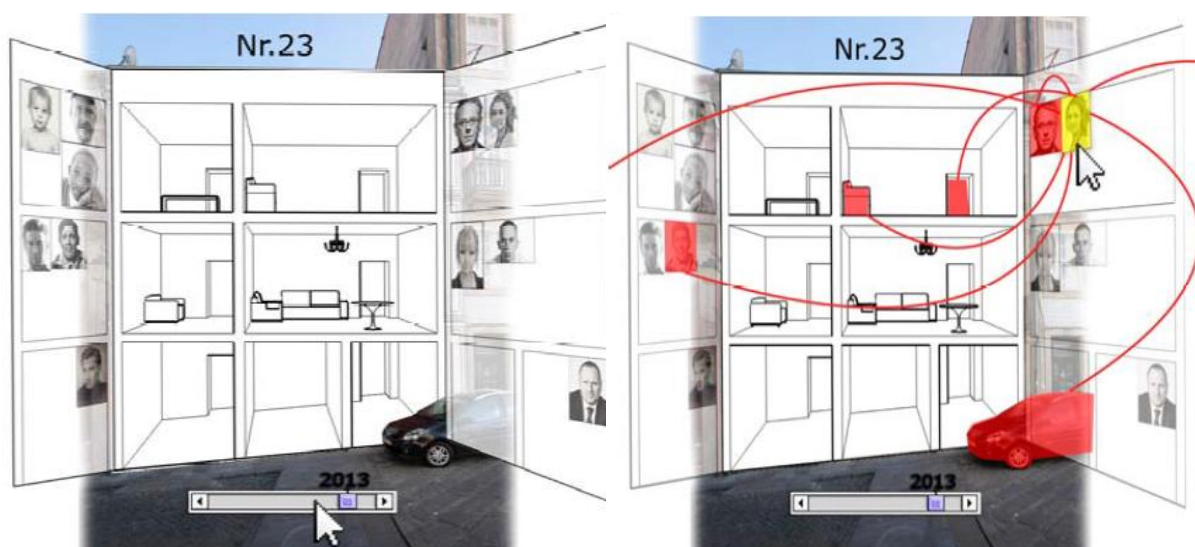


*Fonte: Paper NU Porto para candidatura a financiamento*

Posteriormente podem carregar na fachada, esta que se abre, mostrando o seu interior, como numa casa de bonecas. O interior do edifício será não de imagens desenhadas em 3D como na figura 2, mas de imagens fotografadas reais, em diversas perspetivas. A proposta passa por as pessoas poderem ter acesso a uma serie de ligações e relações entre objetos, espaço interior, pessoas e espaço urbano, inerentes a cada edifício, através de histórias de vida, memórias, entre outras coisas, através do simples clique nos mesmos. Podendo ainda haver ligações a outros *websites*. (Figura 2) É um pouco daqui que parte o nome do projeto, ‘trazer a nu’, tudo aquilo que se encontra escondido pelas fachadas.

**Figura 2**

Ideia para funcionamento da aplicação NU Porto - passo 2



*Fonte: Paper NU Porto para candidatura a financiamento*

Recorrendo às palavras de António Teixeira Fernandes, é possível, num parágrafo, justificarmos a razão de ser deste projeto, no seio do qual realizamos a presente dissertação. O autor declara que “Este pensar e construir o espaço urbano por outros tem conduzido, ora à construção de residências em série, ora à destruição de casas ou quarteirões em obediência a duvidosos critérios urbanísticos e à reconstrução de edifícios antigos, conservando-lhes apenas a fachada. O exterior perde o seu sentido se a ele não corresponde uma dada estruturação do espaço interior de acordo com a sensibilidade própria de cada camada social.” (Fernandes, 1992, p. 79) Posto isto, propomo-nos dar conta desse interior vivenciado e construído de formas próprias pelos sujeitos.



## **6 – Espaço vivido: o caso dos Caldeireiros**

### **6.1 – Perceber os usos e sentidos do espaço urbano**

Ao longo de um período de um ano letivo, propusemo-nos a levar a cabo um projeto de investigação que foi alinhavado pelo objetivo de, findo o nosso trabalho, dar resposta a uma questão de partida por nós elaborada. Posto isto, pretendemos responder à seguinte questão: *Como é que os sujeitos se relacionam com o espaço urbano, atribuindo-lhe usos e sentidos?*

Esta nossa interrogação vai um pouco no sentido do que António Custódio Gonçalves considera ser o papel da Sociologia na análise do espaço. A seu ver, este passa por “[...] analisar a relação vivida com um determinado espaço, alicerçada nas suas práticas e nas suas utilizações, e ligada a uma conotação afectiva, mais ou menos pronunciada em termos de atracção ou de repulsa.” (Gonçalves, 2006, p. 121)

De forma a podermos dar resposta a esta questão de partida definimos como objeto de estudo da nossa investigação o espaço privado e semipúblico, do qual a esfera da habitação, e do comércio da baixa do Porto. Para tal seleccionámos uma rua em particular, nomeadamente, a Rua dos Caldeireiros, esta que se encontra situada nas freguesias da Sé e Vitória da cidade do Porto, tendo já assumido no passado outras designações, a saber, Rua do Souto, Rua da Laje e Rua da Ferraria de Cima, em oposição à Ferraria de Baixo, nomes atribuídos por serem ruas onde se situavam as oficinas de ferraria. A atual designação da rua apenas se verificou pela primeira vez em cerca de 1780.

Dos edifícios existentes no arruamento em causa algumas das habitações ainda se mantêm habitadas, ao passo que outras se encontram devolutas e/ou em condições de extrema degradação, em estado improprio para possível reabilitação, no estado em que atualmente se encontram. Quanto a estas últimas e também sobre aquelas que já se encontram em processo de intervenção, considerámos fundamental a análise do ponto de vista da vizinhança, de que forma é que estes encaram o estado de degradação dos edifícios e os processos de restauração dos mesmos.

A escolha deste contexto em particular foi agilizada pelo livre acesso que tivemos desde logo a um dos seus edifícios, que estando na família do engenheiro civil Jerónimo Botelho, um dos elementos da equipa NU Porto, está a ser alvo de um processo de reabilitação urbana, levado a cabo pelo mesmo, estando agora desabitado, apenas com um

restaurante em funcionamento no piso 0. Este foi portanto o nosso ponto de partida, decidindo envolver no projeto os restantes edifícios da rua em causa.

Facto importante para consumação da escolha desta rua foi também o facto de a mesma se encontrar dentro da ZIP – Zona de intervenção prioritária – delimitada pela Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU), fazendo parte de uma das seis áreas de intervenção prioritária da ZIP (Figura 3), nomeadamente Sé/Vitória.

**Figura 3**

Zona de Intervenção Prioritária da Porto Vivo, SRU



*Fonte: Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação da Baixa do Porto, Masterplan*

Desenhado com o fim de dar resposta à questão previamente enunciada, este projeto de investigação foi orientado segundo série de objetivos que fomos elaborando. Destarte, desenvolvemos dois objetivos gerais, dos quais fizemos derivar um conjunto de objetivos de natureza mais específica.

Assim sendo, elencámos três grandes objetivos gerais. Um primeiro objetivo passa por *perceber como é que uma determinada estrutura espacial pode impor limites e potencialidades às vivências sociais desenroladas em torno da mesma*. Neste caso em particular, de que forma é que a Rua dos Caldeireiros pode ter este tipo de efeito sobre os seus moradores e comerciantes. Para além deste propomo-nos também a *perceber as significações e representações que os sujeitos desenvolvem acerca do espaço urbano*, aqui mais uma vez, de forma específica, como é que os moradores e comerciantes percecionam a rua, e o que esta significa para os mesmos. Por fim, um último objetivo geral orientador deste projeto passa

por *perceber as diferentes apropriações do espaço urbano, no presente e no passado, verificadas na baixa do Porto*, em particular a evolução histórica dos usos feitos da rua em questão, e dos edifícios da mesma.

Destes enunciados foi-nos possível derivar um leque de objetivos específicos aos quais pretendemos também atender. Um primeiro leva-nos a *descrever de forma sociodemográfica a amostra*, quer comerciantes quer moradores da Rua dos Caldeireiros. Simultaneamente propomo-nos ainda a *analisar as memórias e histórias de vida dos sujeitos, relacionadas com o espaço urbano*, e com esta rua em particular. Por fim, um último objetivo específico passa por *formular orientações para futuras políticas públicas de reabilitação urbana*. De ressaltar acerca deste último objetivo enunciado é o facto de o mesmo ser um desafio que decorre da relação do nosso projeto de investigação com o projeto NU Porto. Assim sendo, esta uma pretensão que será não será alcançada partindo unicamente do nosso trabalho de investigação, mas sim do trabalho conjunto com os restantes membros do projeto, produto de um esforço interdisciplinar, tendo uma existência que ultrapassa esta dissertação.

## **6.2 – Modelo de Análise**

De forma a organizarmos os conceitos e relações entre conceitos que destacámos como fundamentais para a nossa investigação, bem como as hipóteses de investigação que estas relações dão lugar, optámos pela construção de um modelo de análise horizontal.

Consideramos espaço urbano e espaço social/vivido, dois dos conceitos presentes no nosso modelo de análise, como equitativos na sua relação, não havendo nenhum que se sobreponha ao outro, mas antes relações contínuas de mútua influência e retroação. Desta forma, consideramos ser mais adequado dispor o nosso modelo de análise numa perspetiva horizontal, pois, se vertical fosse poderia erradamente induzir à perceção de uma relação hierárquica que não consideramos existir.

Posto isto, o nosso modelo de análise (Figura 4) é constituído por seis conceitos que nas relações existentes entre si permitiram-nos a construção de quatro hipóteses teóricas, com o objetivo de serem verificadas no confronto com a empiria.

A primeira hipótese relaciona o conceito de espaço urbano e de relações sociais, e diz-nos que determinada estrutura espacial influencia as relações sociais desenvolvidas nesse mesmo espaço, quer sejam elas funcionais ou de proximidade. O conceito de espaço urbano encontra ainda relação com o conceito de práticas sociais, gerando-se uma outra hipótese teórica, considerando-se que determinada estrutura espacial influencia as práticas sociais

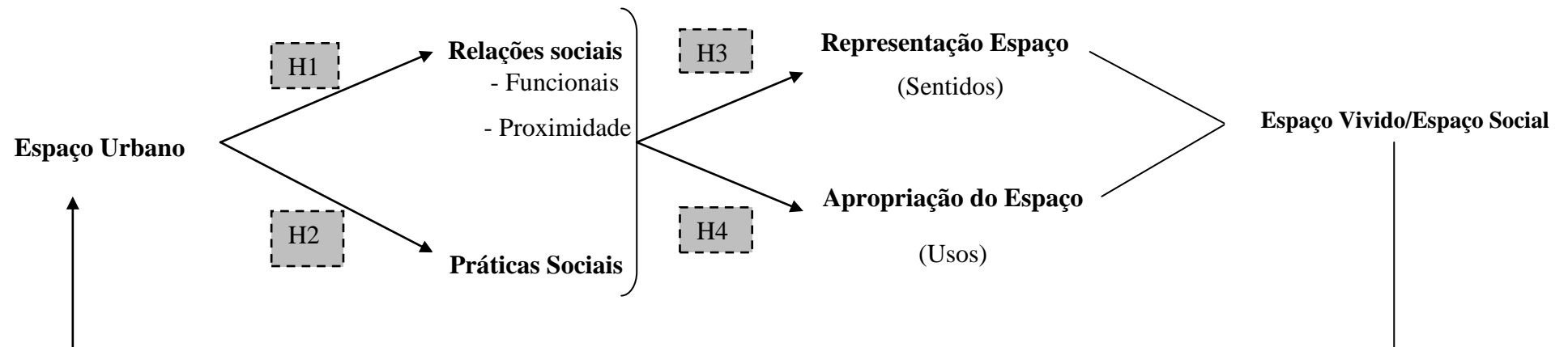
decorridas nesse mesmo espaço. Por espaço urbano teremos por consideração a Rua dos Caldeireiros.

Estes dois conceitos de relações sociais e de práticas sociais entram, por sua vez, em relação com outros dois, nomeadamente, representação do espaço e apropriação do espaço, permitindo a enunciação das outras duas hipóteses de investigação. A terceira hipótese declara que as relações sociais, bem como as práticas sociais, levadas a cabo pelos sujeitos, influenciam as representações, os sentidos, que os mesmos desenvolvem acerca do espaço. E, por fim, a quarta hipótese de investigação diz-nos que as relações sociais, bem como as práticas sociais, levadas a cabo pelos sujeitos, influenciam as apropriações, os usos, que os mesmos fazem do espaço.

É como resultado destas representações e apropriações, do espaço urbano, que emerge o conceito de espaço social, ou espaço vivido. Deste destacamos uma retroação para o conceito que deu início a este modelo de análise, o espaço urbano, visto que este último é, ele próprio, transformado pelas vivências e pelas experiências dos sujeitos que nele se inserem, sendo estas a base da especificidade e singularidade de determinado espaço. Esta é, no entanto, uma questão meramente teórica, que consideramos não ser possível ser verificada empiricamente pelo teste de determinada hipótese, neste projeto de investigação.

**Figura 4**

*Modelo de Análise*



*Nota: Sendo cada seta representativa de uma hipótese de investigação, o seu sentido aponta a direção da mesma, variável independente para dependente.*

### **6.3 – Procedimentos de Pesquisa**

Assente aquilo que pretendemos saber, falemos agora um pouco da forma como iremos obter essa informação, de todo o processo metodológico a ela associado.

Neste sentido, para levarmos a cabo o processo de recolha de dados, optamos por uma abordagem que traduz o exercício de triangulação metodológica, recorrendo ora a técnicas de natureza qualitativa, como observação e o inquérito por entrevista, ora a técnicas quantitativas, nomeadamente o inquérito por questionário. Em consequência desta opção, levámos a cabo neste processo de investigação um processo de tratamento de dados das duas naturezas, qualitativo e quantitativo.

#### **6.3.1 – Abordagem Exploratória**

Numa fase de carater exploratório, no iniciar do nosso processo de investigação sentimos necessidade de adotar uma atitude de maior familiarização e contextualização com a baixa do Porto e, em particular, a Rua dos Caldeireiros, visto até então não termos tido qualquer contacto com a mesma.

Conscientes desta falta de familiaridade com o objeto de estudo, optámos pela aplicação de entrevistas exploratórias, não diretivas, a dois atores com um conhecimento privilegiado sobre o espaço em consideração. Falamos de Hélder Pacheco, um escritor e investigador das várias freguesias do Porto, das suas culturas e tradições populares, e também de Germano Silva, este também escritor e cronista com inúmeras publicações acerca do Porto. Apesar desta nossa pretensão inicial, apenas nos foi possível a realização de uma das entrevistas, visto que o Germano Silva, aquando do nosso contacto, não se mostrou disponível para colaborar, por falta de disponibilidade de tempo, assumindo ter compromissos aos quais atribuía uma maior prioridade.

Por outro lado, após entrarmos em contacto com Hélder Pacheco, este mostrou-se imediatamente interessado e totalmente disponível para dar a sua contribuição para a nossa investigação. Devido ao facto de este ser natural da freguesia da Vitória, na qual se insere a Rua dos Caldeireiros, tendo aí nascido e passado parte da sua infância, a realização desta entrevista revelou-se fundamental pelo seu conhecimento e experiência muito pessoal acerca do espaço em causa. Posto isto, incitámo-lo a expor livremente e extensivamente algumas das principais histórias da rua em questão, das suas memórias, de forma a obtermos algum background acerca da evolução histórica das vivências socio-espaciais que foram e vão sendo

desenroladas em torno deste espaço. (Anexo I) Posteriormente à entrevista preenchemos uma grelha de observação da situação, previamente elaborada, onde podemos fincar alguns aspetos fundamentais no decorrer da mesma. (Anexo II) O entrevistado assinou ainda um documento de consentimento informado, livre e esclarecido, no qual nos deu autorização para a utilização do seu nome. (Anexo III)

Ainda nesta fase mais exploratória, procurámos trabalhar com alguns dados de natureza quantitativa, através de um aproveitamento de dados possivelmente já existentes, recolhidos e tratados, presentes na base de dados do Instituto Nacional de Estatística (INE). Nesta recolha exploratória de dados tínhamos como objetivo perceber melhor a rua em análise em dimensões como: o número de edifícios, o número de habitações em cada edifício, o número de habitantes de cada edifício e de cada habitação, ocupação profissional dos habitantes, dados sociodemográficos e ainda ocupação do piso zero dos edifícios (restauração, serviços, comércio). Considerámos também interessante proceder a uma análise dos mesmos numa perspetiva histórica, fazendo uma análise temporal, possivelmente iniciando nos anos 60 até aos dias de hoje, visto que, segundo Machado Pais, uma análise crítica do quotidiano terá de ter a ela inerente necessariamente uma perspetiva histórica. (Pais, 2002) O objetivo passava também aqui por proceder a uma maior contextualização e familiarização com a realidade socio-espacial da Rua dos Caldeireiros. No entanto, não conseguimos ter acesso a estes dados ao nível da Rua, sendo apenas possível o acesso a alguns ao nível da freguesia. Posto isto, analisamos alguns dos dados recolhidos em contexto dos Censos do ano de 2011, para as freguesias da Vitória e Sé, bem como dados que mostram a variação percentual da população residentes nas mesmas, do ano de 2001 para 2011.

Por fim, dando por concluída esta fase de exploratória da nossa investigação, procedemos ainda à análise de conteúdo de alguns documentos mais específicos que foram exaltados como fundamentais para qualquer processo de reabilitação urbana pela presidente do ICOMOS Portugal<sup>29</sup>, Ana Paula Amendoeira, no seminário “Porto Património Mundial: Boas Práticas em Reabilitação Urbana”. Destes realizámos destaque de alguns artigos em particular, por irem ao encontro desta investigação. Os documentos em questão são, mais especificamente, a Carta de Veneza - Carta Internacional para a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios, datada de 1964, nos princípios da qual se baseia o trabalho da ICOMOS -, a Carta de Washington - Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades

---

<sup>29</sup> Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. O ICOMOS é uma organização não governamental global que se encontra associada à UNESCO, sendo o “[...] organismo consultor do Comité do Património Mundial para a implementação da Convenção do Património Mundial da Unesco.” (Retirado de <http://www.icomos.pt/>)

Históricas, de 1997 - e a Carta de Cracóvia, que contém os princípios para a conservação e o restauro do património construído, esta mais recente, do ano de 2000.

### **6.3.2 – Aprofundamento e Verificação**

Finda esta fase de aproximação e familiarização com a Rua dos Caldeireiros e a freguesia a que pertence, demos início a uma outra de aprofundamento e de verificação, para a qual nos propusemos a levar a cabo a aplicação de um conjunto de técnicas de natureza qualitativa e quantitativa.

Visto que não nos foi possível encontrar disponíveis dados quantitativos ao nível da rua, sentimos necessidade de construir um pequeno inquérito por questionário a aplicar aos comerciantes e moradores da Rua dos Caldeireiros. Este não foi preenchido pelos mesmos, mas antes preenchidos por nós. Optámos por este método porque, no caso dos comerciantes, nem todos se disponibilizavam a interromper o seu trabalho para proceder ao auto-preenchimento e, no caso dos moradores, porque a sua maioria respondia da janela. Ambos os questionários continham uma série de perguntas fechadas, através das quais nos foi possível obter algumas informações sociodemográficas dos sujeitos e ainda levantar algumas pistas acerca das apropriações e representações do espaço. Para compreender melhor estas últimas, os inquéritos continham também algumas questões abertas, sendo também distintos em algumas questões, conforme eram aplicados a comerciantes ou moradores. (Anexos IV e V) As situações de aplicação de inquéritos foram acompanhadas de grelhas de observação, preenchidas posteriormente, onde pretendíamos identificar aspetos relevantes para a investigação que ultrapassavam as respostas enunciadas, como por exemplo a reação dos inquiridos à aplicação dos mesmos. (Anexos VI e VII)

Todos os elementos da população de comerciantes e moradores foram abordados para responder aos nossos inquéritos, fazendo parte da nossa amostra unicamente aqueles que se disponibilizaram a fazê-lo. Não foi critério, portanto, que a amostra fosse representativa do ponto de vista estatístico, mas pretendíamos antes que a mesma fosse representativa do ponto de vista da diversidade dos usos do espaço. Procurámos, desta forma, dar conta do critério da diversidade, mais do que da saturação.

Quanto aos comerciantes, fomos a todos os estabelecimentos comerciais da rua, questionar os seus proprietários que podiam colaborar no nosso estudo e responder a um breve inquérito. Em resultado, conseguimos aplicar os inquéritos por questionário aos responsáveis de 19 dos 21 estabelecimentos comerciais abertos nesta rua. Não respostas



apenas tivemos duas, num gabinete de arquitetos para a reabilitação urbana onde se recusaram a responder, não mostrando interesse na investigação e um outro onde não foi possível a aplicação por nunca ter sido encontrado aberto, o armador. Foram necessárias apenas duas idas à Rua dos Caldeireiros para concluir a aplicação dos inquéritos aos comerciantes.

Contrariamente, a aplicação dos inquéritos aos moradores da rua revelou ser mais difícil. Utilizámos o mesmo método que com os comerciantes e optámos por tentar a aplicação em todas as habitações, aplicando aos sujeitos que nos atendessem e se disponibilizassem a fazê-lo. No entanto, após duas idas à rua, em alturas do dia diferentes, de forma a controlar o facto de àquela hora poder haver pessoas que não se encontrassem em casa, tocando a todas as campainhas, verificámos uma grande dificuldade, com um grande número de recusas em colaborar no nosso projeto. Os sujeitos estando em casa apenas declaravam não estar interessados ou ocupados não tendo tempo a perder, mesmo após informarmos que o preenchimento do inquérito não demoraria mais que poucos minutos. Posto isto, nestas duas tentativas apenas conseguimos uma resposta por parte de um morador que se encontrava a sair de casa e que se mostrou a início algo desinteressada.

Perante esta dificuldade, e tendo em conta que para um melhor apuramento de conclusões considerámos necessário a análise comparativa das respostas dos moradores face às dos comerciantes, optámos por pôr em prática um método de diminuição do número de recusas, tendo em vista aumentar a taxa de respostas. Desta forma, optámos por um método exposto por Rodolphe Ghiglione e Benjamin Matalon, e elaborámos uma pequena carta, entregue em todas as habitações da rua, onde explicámos que estava a ser desenvolvido um estudo na Rua dos Caldeireiros, no âmbito do mestrado em Sociologia, para o sucesso do qual era fundamental a sua colaboração. Na carta era também anunciada a nossa passagem dentro de três dias onde iríamos pedir o preenchimento de um breve inquérito por questionário. Pretendíamos com isto diminuir o fator surpresa aquando da nossa abordagem. (Ghiglione, Matalon, 1992, p.50) (Anexo VIII)

Tendo em conta que a referência de uma entidade conhecida pode aumentar a taxa de aceitação, colocámos na carta o logotipo da Universidade do Porto e do Departamento de Sociologia da FLUP. Simultaneamente, aquando da nossa posterior ida à rua para tentar aplicar os inquéritos, vestimos uma t-shirt da universidade, com o mesmo objetivo, de os sujeitos ao olharem-nos como representantes de uma instituição importante como a UP aceitassem mais prontamente em colaborar. (IDEM, *Ibidem*)

Findo este processo, depois de termos voltado à rua e tentado mais uma vez proceder à aplicação dos inquéritos, agora sem o elemento surpresa, conseguimos uma quantia final de

respostas que, ainda que muito diminuta - apenas nove dos moradores se disponibilizaram a responder ao nosso inquérito-, considerámos de fundamental análise, para comparação com as respostas dos comerciantes, tendo sempre presente o facto de as mesmas não serem representativas da população residente da Rua dos Caldeireiros. Os moradores a quem conseguimos realizar a aplicação do inquérito por questionário encontravam-se na rua ou à janela de sua casa. Conseguimos falar com alguns através da campainha mas todos estes se recusaram a colaborar por estarem a cuidar de pessoas acamadas, ou por serem eles próprios doentes. Enquanto íamos tocando às campainhas, um comerciante, ao qual já tínhamos administrado o inquérito, passou por nós e advertiu-nos de que nem valia a pena tentar, porque a maior parte das pessoas que vivem nos Caldeireiros são idosos, que não saem à rua por estarem muito doentes ou acamados.

Seguidamente, no sentido de continuar a recolha dados capturados passámos à aplicação de técnicas de natureza qualitativa. A nossa intenção inicial passava pela realização de grupos focais, com habitantes e comerciantes da rua em questão. Com estes pretendíamos perceber de que forma é que os sujeitos se relacionam com o espaço em causa, que representações tecem sobre o mesmo e como o apropriam, tentando de alguma forma perceber se a conceção destes itens varia de acordo com as especificidades dos grupos. O objetivo da realização destes grupos focais passava por suscitar a discussão de ideias entre os intervenientes. No entanto, após algumas incursões no terreno, nomeadamente aquando da aplicação dos inquéritos por questionário e em conversa com os inquiridos, constatamos haver diversas rivalidades e desentendimentos entre vizinhos, quer residentes, quer comerciantes, dando-se mesmo o caso de denominarem-se uns aos outros de ladrões e marginais, e haver comerciantes que confessaram já ter tido alguns problemas graves com vizinhos. Posto isto, e adicionando a dificuldade de reunir num mesmo espaço, a uma mesma hora, no caso dos comerciantes em horário pós-laboral, um conjunto diversificado de sujeitos, optámos por não avançar com a realização deste tipo de entrevista e passar para uma outra alternativa.

Assim sendo, avançámos para a realização de entrevistas, estas não de grupo mas individuais, semi diretivas, a dois comerciantes, tendo também como ambição a realização de uma entrevista a um morador da rua, algo que não foi possível por não encontrarmos nenhum na disposição de o fazer. A nossa pretensão passou por captar discursos provenientes de realidades o mais diferentes possível, quanto aos usos e apropriações do espaço, e as nossas escolhas face a quem entrevistar refletem isso mesmo. Tendo isto em consideração selecionamos dois estabelecimentos nos quais já havíamos aplicado os inquéritos por questionário, estes com histórias muito distintas na Rua dos Caldeireiros. Por um lado,

entrevistámos o proprietário do estabelecimento comercial mais antigo aberto na Rua dos Caldeireiros, há já mais de um século, a Casa Xavier, aberta ao público à cento e trinta anos. Por outro lado, entrevistámos, não a proprietária, por não estar disponível, mas uma das representantes da Yours Porto, que por oposição à casa Xavier, é o estabelecimento aberto à menos tempo na rua, apenas, na altura da entrevista, há três meses. Ambas as entrevistas tiveram como objetivo o aprofundamento de informação avançada pela análise dos inquéritos, sendo por isso semi diretivas. Posto isto, ambas eram constituídas por um guião, com alguns temas a ser abordados, estes de forma livre e a mais desenvolvida possível, pelos entrevistados. (Anexos IX e X) Ambas as entrevistas foram acompanhadas de uma grelha de observação da situação da entrevista, com o mesmo fundamento das da situação de aplicação dos inquéritos, a preencher posteriormente. (Anexo II)

Ainda referente aos dados capturados, fizemos recurso à técnica da fotografia social, como método visual em complementação das restantes técnicas. Tal como Douglas Harper afirma, consideramos que “É claro que a Sociologia precisa de ferramentas visuais.”<sup>30</sup> (Harper, 1988, p. 68), apontando no sentido de uma sociologia visual, da qual fazem parte técnicas como a fotografia, o vídeo. Neste sentido, “A sociologia visual é um conjunto de abordagens em que os investigadores usam fotografias para retratar, descrever ou analisar fenómenos sociais.”<sup>31</sup> (IDEM, *Ibidem*, p. 55) Não criámos no entanto para esta nenhum guião para que as fotografias fossem tiradas, mas as fotografias teriam, em primeiro lugar, de ser no espaço em causa, a Rua dos Caldeireiros, e refletir usos e práticas sociais desse e nesse espaço. Rentabilizando um pouco esta técnica, aplicámos ainda uma outra. No finalizar das entrevistas aos dois comerciantes, aplicámos a técnica do *photovoice*, onde mostrámos uma das fotografias que tirámos na Rua dos Caldeireiros, e pedimos aos sujeitos se posicionem face à imagem capturada, manifestando-se acerca de sentimentos, memórias e representações que esta lhes fizesse emergir. A este desafio Harper denomina de *photo-elicitation*, traduzida numa sociologia visual reflexiva.

Para além disto, realizámos ainda uma série de incursões etnográficas, de deambulações que fomos fazendo, que se basearam em, simplesmente, andar pela rua, ver os sujeitos na sua relação com o espaço, interagindo entre si, testemunhar de que forma estes se apropriam da rua, que usos fazem dela, bem como as suas práticas sociais. De certa forma, observar e tentar perceber no seu quotidiano quais os usos e os sentidos que os sujeitos

---

<sup>30</sup> “Sociology, it is clear, needs visual tools.”

<sup>31</sup> “Visual sociology is a collection of approaches in which researchers use photographs to portray, describe or analyze social phenomena.”

atribuem à Rua dos Caldeireiros e de que forma é que esta, como espaço urbano, poderá trazer potencialidades ou limitações às suas vivências sociais. A justificação da pertinência do uso desta técnica no nosso estudo passa pela declaração de João Teixeira Lopes no seu artigo ‘Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público’, onde nos fala exatamente acerca do método das deambulações, do simples mas complexo andar na cidade. Assim sendo, “Se a cidade é linguagem, andar é o acto de falar, explorando as possibilidades imensas dessa linguagem. [...] Na verdade, andar implica movimento – e movimento implica pensamento, ainda que seja apenas esse pensamento prático, corporal, prereflexivo [...] Mas andar pode também convocar o pensamento reflexivo, aquele que *pisa e repisa sobre os passos dados*. Um e outro embrenham-se em emoções, ligando o visível (a indiscutível materialidade do espaço urbano [...]) ao invisível (memórias, sentimentos, sentidos), abrindo e construindo cenários interiores a partir de cenários exteriores, de tal forma que o que se cria é um ambiente de síntese inteiramente novo, autênticas *topografias sentimentais* ou *poéticas práticas do espaço*.” (Lopes, 2007/2008, p. 72-73)

Quer a técnica do *photovoice*, quer a técnica do andante, como Teixeira Lopes lhe denomina, são fundamentais, pois, tal como Machado Pais afirma, “Para quem estuda o quotidiano «actual», a análise das fontes escritas terá inevitavelmente de se complementar com a análise de fontes áudio-visuais.” (Pais, 2002, p. 166)

Por fim, tínhamos ainda como ambição realizar a recolha de outro tipo de dados, os dados encontrados, e propusemo-nos a obtê-los através da análise de conteúdo de uma série de documentos pessoais relacionados com a vivência do espaço, fornecidos pelos sujeitos, como fotografias e cartas, que são, por excelência, bons recursos não interferentes. Como Piergiorgio Corbetta declara, estes “[...] são expressões genuínas das personalidades daqueles que os produzem. [...] como tal, eles exibem que “visão de dentro” que caracteriza a abordagem interpretativa.”<sup>32</sup> (Corbetta, 2003, p. 288) O objetivo passava, desta forma, por proceder à recolha de informação a fontes que num primeiro olhar poderiam não ser encaradas como fornecedoras de dados passíveis de serem analisados cientificamente. A nossa postura seria a de olhar para os dados através de uma conceção aberta que considera praticamente tudo no mundo que nos rodeia como possível de ser analisado e tratado, transparecendo uma posição do dito romantismo metodológico. No entanto, partimos já cientes dos riscos associados a esta proposta, nomeadamente, o facto de que para este tipo de análise ser possível estaríamos necessariamente dependentes da disponibilidade dos sujeitos

---

<sup>32</sup> “[...] they are genuine expressions of the personalities of those who produce them. [...] as such, they display that 'vision from within' which characterizes the interpretive approach.”

em contribuir e em fornecer-nos este tipo de materiais. Ora, verificaram-se esses riscos e não encontrámos nenhum sujeito na disposição de contribuir neste sentido, ficando assim impossibilitados de proceder à aplicação desta técnica.



## **7 - A Vitória, uma viagem do passado ao presente**

Ao longo deste capítulo iremos poder explanar a evolução histórica, numa comparação passado presente, das apropriações, mas também vivências e práticas sociais do e no espaço urbano, na zona da Vitória e, em particular, na Rua dos Caldeireiros, correspondente ao objetivo geral da nossa investigação, *Perceber as diferentes apropriações do espaço urbano, no presente e no passado, na baixa do Porto.*

Da entrevista exploratória que realizámos a Hélder Pacheco, este pôde, a dada altura, fazer uma breve contextualização histórica da Rua dos Caldeireiros, e da freguesia da Vitória, numa perspetiva um pouco pessoal, tendo ele nascido e crescido nesta freguesia, fazendo recurso às suas memórias e vivências passadas.

Segundo este, a muralha do castelo passava exatamente onde é agora a Rua dos Clérigos, sendo totalmente destruída no século XIX. O que acontece, na opinião do entrevistado, é que “[...] não havendo muralha, a verdade é que ela existia na cabeça das pessoas.” [H.P.], assumindo uma existência simbólica muito forte, separando como que duas realidades distintas dentro da mesma freguesia. A Rua dos Clérigos, como personificação da antiga muralha, demarca a fronteira que separa aquilo que denomina de Vitória rica e Vitória pobre, condicionando relações e práticas sociais que ocorrem nelas e entre elas.

A Vitória rica resume-se espacialmente ao Bairro das Carmelitas, sendo, caracterizada por uma grande densidade de escritórios, o que a dada altura se revelou como uma novidade no Porto com uma baixa que era densamente habitada. Este lado da Vitória, apesar de pouco habitado, era, segundo Hélder Pacheco, uma zona que tinha por residentes, dos poucos que lá habitavam, pessoas essencialmente pertencentes à média burguesia ligada ao comércio na baixa e, também, empregados de escritório. Esta era uma zona igualmente muito caracterizada por inúmeros hotéis, pensões e comércio, este essencialmente de prestígio, do qual é exemplo o Bazar Central, atraindo essencialmente clientes da média e alta burguesia.

Do outro lado dos Clérigos, a Vitória pobre, traduzida em duas ruas, a Rua de Trás e a Rua dos Caldeireiros, era, por oposição à rica, uma zona fortemente habitada, essencialmente por artesãos e operários, aquilo que o entrevistado denomina de povo. Esta era uma zona caracterizada, essencialmente, pela existência de inúmeras oficinas, por exemplo de caldeiraria – provindo daí o nome da Rua dos Caldeireiros, por ser esta a profissão dominante na mesma - e tipografias, sendo também muito associada à prática da prostituição, com a existência de inúmeros bordeis, bem como à marginalidade. Este lado da Vitória era também uma zona onde existiam inúmeras tascas e casas de pasto, característica que continua presente

até aos hoje. Havia também pelo menos uma pensão nesta zona. A Vitória pobre tinha como característica distintiva uma grande densidade de atividade comercial, sendo, no entanto, aqui, um comércio de outra natureza, não de prestígio mas com um carácter mais popular.

Estas são, segundo Hélder Pacheco, as principais características da freguesia da Vitória até aquilo que o mesmo denomina de “cataclismo social e urbano dos anos 60”, este que se traduziu, essencialmente, no processo de terciarização da baixa do Porto. Este processo abate-se sobre a zona da Vitória, quer da rica quer da pobre, na forma de três grandes golpes, sendo os seus efeitos talvez mais sentidos no lado pobre da mesma. Desta forma, Hélder Pacheco fala-nos do fenómeno do despovoamento, com a saída da população dos dois lados da freguesia; da perda de atividades económicas, com o encerramento de grande parte das oficinas de caldeiraria e também das tipografias, e, por fim, um terceiro golpe que se sucedeu, um pouco no seguimento da ocorrência dos dois anteriores, é o que denomina de degradação do edificado. Em relação a este último fenómeno, Pacheco considera que os Caldeireiros são, atualmente, um dos piores casos de degradação urbana da cidade do Porto.

Posto isto, o entrevistado faz um termo de comparação daquilo que são os Caldeireiros antes e depois deste cataclismo, e resume a passagem do tempo nesta rua da seguinte forma:

“Os Caldeireiros, anteriores à hecatombe que assolou a cidade [...] antes dos anos sessenta os Caldeireiros eram uma rua densa, humanizada, cheia de vida, ativa, interessante, emotiva e cheia de tradição. Hoje é terra de ninguém, está tudo dito.”  
[H.P.]

Nas incursões que fomos fazendo ao terreno, podemos constatar, de facto, a existência de variados edifícios em estado de completa degradação, estando uma boa parte dos mesmos devolutos. No entanto, deparámo-nos, simultaneamente a esta realidade, com alguns exemplos de um esforço de superação da degradação verificada na rua, quer através de edifícios já reabilitados, quer através de outros que se encontram já a passar por um processo de reconstrução. Esta situação pode ser visualizada na figura 5, onde podemos ver um edifício claramente degradado, estando devoluto e ao abandono, situado no mesmo daquilo que são dois exemplos de edifícios que já foram reconstruídos e que estão atualmente habitados.



**Figura 5**

Prédio devoluto e degradado entre dois reconstruídos



*Fonte: Priscila Lopo (tirada a 18-05-2014, pelas 15h50)*

Segundo Hélder Pacheco, a baixa do Porto passou por um processo de reconfiguração e deixou, desta forma, de ser uma zona altamente habitada para passar a estar, quase na sua totalidade, decretada para os serviços

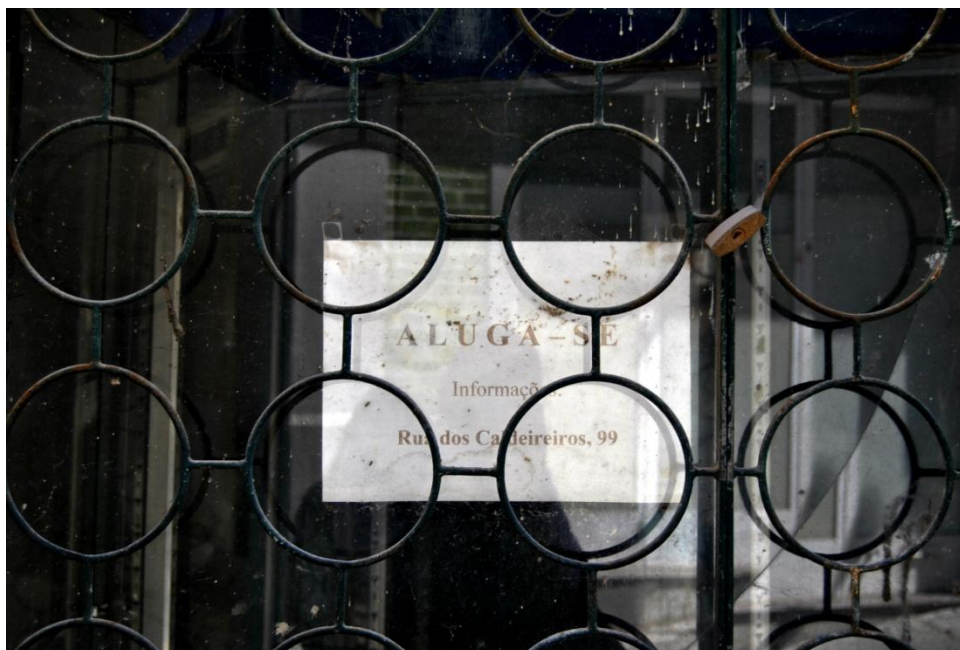
No que diz respeito à apropriação do piso zero dos edifícios, este que, do lado pobre da freguesia, era dantes ocupado essencialmente com pequeno comércio, que assumia um carácter popular, o entrevistado considera que se encontra atualmente praticamente ao abandono, reforçando a sua ideia de transformação em terra de ninguém. Para Pacheco, o verdadeiro processo de reapropriação do piso zero encontra-se em acção do outro lado da Vitória, onde este está a ser praticamente todo ocupado com a noite portuense, pela movida. Este declara que o lado correspondente ao Bairro das Carmelitas,

“[...] continua a ser terra de ninguém, porque poucos habitantes há, salvo na Galeria de Paris, mas está a ser ocupado pela Movida, que é um fenómeno completamente inesperado e novo. Se isto continuar assim, dentro de pouco tempo, todo o rés-do-chão do bairro das Carmelitas está ocupado.” [H.P.]

De facto, nas deambulações que fomos fazendo pela Rua dos Caldeireiros, foi-nos possível constatar esse abandono em alguns dos pisos zeros dos edifícios, sendo disso perfeito exemplo o caso do que apresentamos na figura 6.

**Figura 6**

Piso zero de um edifício sem ocupação



*Fonte: Priscila Lopo (tirada a 10-05-2014 pelas 14h)*

No entanto, apesar dessa realidade, não consideramos ter verificado uma intensidade deste fenómeno tão acentuada como a imagem que nos foi transmitida por Hélder Pacheco. Para além disso discordamos totalmente, sobretudo, da aplicação da conotação de terra de ninguém à Rua dos Caldeireiros. Tendo por base o contacto que fomos tendo com o dia-a-dia neste espaço, consideramos que este é um discurso com uma conotação apocalítica que não corresponde totalmente à realidade. Daquilo que podemos observar, esta ainda se mantém uma rua cheia de vida, sendo extremamente movimentada, por turistas e não só, as pessoas utilizam a rua como espaço de socialização, de confraternização, bem como os cafés e as casas de pasto que podemos encontrar ao longo da mesma.

Não pretendemos declarar que a Rua dos Caldeireiros não passou por “anos de ouro” em comparação à realidade vivida atualmente, ou que não passou por um processo de perda em inúmeros aspetos. Apenas constatamos, tendo por base aquela que foi a nossa experiência no terreno, que o quotidiano deste espaço urbano não se traduz num cenário tão negro quanto o que nos pintou este nosso entrevistado. Temos no entanto consciência que por ter uma base de comparação que nós não temos, pelo facto de ter tido uma experiência pessoal muito próxima com a freguesia e a rua, tem uma perceção real das mudanças que foram acontecendo nas mesmas, apresentando-se-lhe o presente de uma forma possivelmente mais alarmante do que aquela com que se apresenta para nós.

Para o entrevistado, um dos elementos que mais contribui para a realidade da crescente degradação da Rua dos Caldeireiros, é a sua própria topografia, esta de carácter muito íngreme, que por isso se torna um obstáculo para o processo de reabilitação e, muito em particular, para a reabilitação comercial.

“[...] os Caldeireiros são íngremes. Portanto, a própria topografia está a ser inimiga da reabilitação. Neste caso da reabilitação comercial. Porque, para mim só haverá verdadeiramente reabilitação, primeiro, se alguns antigos habitantes que queiram regressar possam regressar, segundo, se for ocupada por gente, para mim não existe reabilitação urbana sem habitação, sem uma forte componente de habitação, terceiro, se a reabilitação for acessível a todas as camadas económicas, quer dizer, eu não quero reabilitação só para os pobres, mas também não gostaria de reabilitação só para os ricos, que ofereçam condições para que pessoas de vários estratos sociais possam adquirir casa.” [H.P.]

Do ponto de vista de Pacheco o processo de degradação, sobretudo na zona da Vitória, poderia ter sido travado se, na altura certa, tivessem sido postas em prática políticas urbanas com o objetivo de travar a degradação, a destruição e o êxodo para fora desta zona da cidade.

Por seu turno, a representante da Yours Porto, que também focou este ponto no decorrer da sua entrevista, considera que o maior obstáculo à recuperação dos edifícios da Rua dos Caldeireiros, e de toda a zona da vitória, não está propriamente na carácter íngreme da mesma, mas na dificuldade de obtenção dos imóveis. A demora no processo de compra do edifício onde se encontra agora a Yours, bem como todas as burocracias a ele inerentes, são um bom exemplo disso. Os atuais proprietários travaram uma grande luta de forma a conseguirem comprar o imóvel, isto porque não conseguiam encontrar o até então proprietário do mesmo para entrarem em contato e dar a conhecer que estavam interessados na sua compra. Esta é, a seu ver, uma grande dificuldade; os edifícios que estão em estado de degradação pertencem por vezes a pessoas que já morreram e os familiares são difíceis de contactar, por variadas razões: por vezes estes não sabem que obtiveram aquele bem por herança e que são os seus atuais proprietários; em outras situações emigram, ou simplesmente não querem saber do imóvel e deixam-no ao abandono. Por outro lado, a compra de um edifício degradado pode tornar-se complicada por pertencer a pessoas já de alguma idade que não se querem desfazer deste seu pertence.

Esta comerciante considera serem então estes os grandes obstáculos à recuperação dos edifícios nestas ruas: a dificuldade de encontrar os seus proprietários e, depois de encontrados, estes não se quererem desapegar, preferindo não vender e deixar o prédio ao

abandono e em contínuo processo de degradação. Por outro lado, considera existirem também inúmeras burocracias por detrás do processo de requalificação, umas que compreende serem necessárias, mas outras completamente dispensáveis, que a seu ver servem unicamente para atrasar e complicar o mesmo. Constata que de facto já se começam a encontrar pessoas, na sua maioria estrangeiros, que têm curiosidade e querem investir mas que a dada altura acabam por embater neste tipo de obstáculos e desistir, sendo por isso, na sua opinião, os proprietários das casas os principais culpados do seu estado de degradação, por preferirem não abrir mão do seu sentido de posse, mesmo que de um prédio devoluto em grandes condições de degradação, à possibilidade de o venderem, permitindo a reconstrução e reutilização do mesmo.

O outro comerciante a quem tivemos oportunidade de entrevistar fez também uma ressalva à questão dos obstáculos ao processo de restauração dos edifícios na rua. Declara que se está a verificar uma valorização das casas na Rua dos Caldeireiros, dando o exemplo de um prédio que esteve à venda por trinta e cinco mil euros, conseguindo a pessoa que o comprou, no prazo de um ano, voltar a vendê-lo por cento e dez mil euros. A seu ver a reabilitação esta a ser feita aos pouquinhos na rua pelos sujeitos que optam por investir neste tipo de imóveis. No entanto, ressalva ainda um outro exemplo, de um edifício a ser reabilitado e que se encontra atualmente parado por haver uma licença da câmara em espera. Na sua perspetiva a câmara promove e é a principal incitadora do processo de reabilitação mas, quando este é de facto posto em curso, esta torna-se no principal obstáculo à sua realização.

No decorrer das entrevistas realizadas ao proprietário da Casa Xavier e à representante da Yours Porto, com finalidade da aplicação da técnica do *photovoice*, apresentámos-lhes a figura 6, com o intuito de perceber o que esta lhes sugeria. Os comentários tecidos sobre a mesma foram algo distintos, sendo que o primeiro declarou de imediato que a imagem não lhe dizia muita coisa, ao passo que a segunda entrevistada conseguiu elaborar um discurso mais extenso a partir desta mesma imagem.

Ao olhar para a fotografia o comerciante mais antigo imediatamente conseguiu localizar o espaço em questão na Rua dos Caldeireiros, destacando o facto de grande parte das montras, dos pisos zero dos edifícios da rua, se encontrar neste estado, estando simplesmente abandonados ou para alugar, essencialmente para bares e cafés, considerando que a noite da baixa já começa a chegar a este lado,

“[...] para a noite é capaz de começar a ficar bom, para o dia está mau.” [CASA XAVIER]

Por seu turno, para a comerciante que tem uma vivência mais recente com a rua, o que lhe chamou imediatamente à atenção quando lhe mostrámos a imagem foi o cadeado que se encontra nas grades, traduzindo o modo como a mesma vê as casas da rua que, nas suas palavras, se encontram “fechadas a sete chaves”. Mas não só as casas estão fechadas, esta imagem traduz também para ela a ideia que as próprias pessoas da rua passam para os outros, de um fechamento para aqueles que dela não fazem parte.

“[...] é transparente, portanto tem os círculos, mas não deixam aproximar ahm às vezes noto um bocadinho isso, as pessoas mais antigas não se deixam, e olham assim com um bocadinho de lado os novos projetos: olha vêm para aqui trazer agora os turistas, e é só barulho e bláblá. Então acho o primeiro esse fator do cadeado, que de facto está tudo fechado, está tudo antigo e, depois este lado é transparente mas fechado, não é?” [YOURS PORTO]

Em relação ao papel na imagem com a informação ‘aluga-se’, esta entrevistada não se mostrou intimidada, em nenhum de dois sentidos: por um lado, este pode representar a chegada de mais um estabelecimento comercial, provavelmente do mesmo tipo da Yours Porto e, por outro, pode traduzir a ameaça ao comércio de dimensões mais pequenas, forçando os seus proprietários a fechar portas. No que diz respeito à primeira possibilidade, a entrevistada declara que não lhe assusta o número de negócios existentes dentro da mesma área na Rua dos Caldeireiros e ruas circundantes, pois considera que as relações de vizinhança entre comerciantes superam o sentido de concorrência, no sentido em que, por exemplo, na falta de vagas, na residência da Yours Porto, estes comunicam com as casas do género que se encontram mais perto, direcionando para lá os seus clientes, e vice-versa. Admite que a possibilidade do aumento de este tipo de estabelecimentos comerciais pode assustar se a dado momento deixar de haver público suficiente para todos. Mas, na sua opinião,

“[...] cada um tem a sua forma de ser, a sua forma de estar, a sua forma de receber, não me intimida, acho que não nos intimida, acho que pelo contrário [...] as pessoas entram ali, é totalmente do entrarem aqui e do que sentem aqui, acho que isso depois depende de cada um, da sua forma de estar, da sua forma de trabalhar. Pá é o meu ponto de vista, se calhar outras pessoas não pensarão assim, mas é o nosso ponto de vista, quantos mais melhor, vendam, explorem, aluguem.” [YOURS PORTO]

No que diz respeito à segunda hipótese, de imagem de decadência do pequeno comércio, a entrevistada declara que mantém uma atitude otimista, que tudo depende da forma de explorar o negócio, não se mostrando preocupada com o historial da atividade

comercial nesta rua, considerando que o sucesso da casa não uma questão de localização mas de atitude e postura. Declara mesmo que,

“[...] estamos com todas as expectativas, e que vai correr tudo bem, também temos esse feedback, mas não nos assusta [...] é a nossa forma de estar, também se não fosse assim, nós nem sequer teríamos gasto não sei quantos, os proprietários, não é, não eu, não teríamos gasto tanto dinheiro em, se calhar poderiam ter comprado noutro sítio qualquer.” [YOURS PORTO]

Tocando na questão da evolução da apropriação do espaço urbano da freguesia da Vitória, Hélder Pacheco fala-nos, numa perspetiva histórica, dos espaços de socialização e diferentes usos do espaço urbano. Em primeiro lugar, a topografia da rua, e a forma como foram construídas as habitações, trazem desde logo, limitações quanto a realização de determinadas atividades. O facto de as casas na Rua dos Caldeireiros se disporem *back to back*, não permitia aos sujeitos ocupar o seu tempo num jardim ou quintal. Segundo o entrevistado, o grande espaço de socialização, no passado, era, então, a rua.

“Brincava-se na rua [...] a rua era um território seguro, tirando as prostitutas com quem se convivia diariamente, os marginais, os borracholas, que também eram conhecidos [...] Era uma humanidade que nós podemos dizer humanidade ao nível do rés-do-chão.” [H.P.]

Desta forma, a vida era, essencialmente, nas palavras do entrevistado, uma vida de rua. Vindo em consequência deste facto, havia uma sonoridade que era muito frequente, não só nesta rua mas em toda a Vitória, correspondente às mães a chamar pelo nome dos filhos, à janela, para irem jantar; um som que ecoava pelas ruas fora. Segundo Pacheco atualmente este já só se vai ouvindo em determinadas zonas da Sé. Para os homens e mulheres, havia ainda um outro tipo de vida: para os primeiros, o que denomina de vida de tasco, as tabernas, e, para as mulheres, a vida de janela.

“[...] até se dizia, fulana é uma janeleira, porque estava muito à janela, porque a janela era a maneira de coscuvilhar o que se passava na rua. E falar com a vizinha em frente, e falar com as vizinhas do lado. [...]. Hoje não se vê gente à janela.” [H.P.]

Das incursões que fomos fazendo ao terreno, apenas conseguimos verificar esta prática de janelar uma única vez, não entre mulheres, mas antes entre dois homens, que conversavam de janela para janela e com outros dois que se encontravam na rua, acerca dos problemas que se vivem nos Caldeireiros.

Um outro som, que era característico da Rua dos Caldeireiros, e que com o passar do tempo foi deixando de se ouvir até desaparecer completamente, provinha das diversas oficinas de caldeiraria:

“[...] era uma grande animação, sobretudo o ruído, era um ruído muito característico, que eu recorro, ainda está que ainda tenho nos meus ouvidos o barulho do bater a chapa. Havia lá oficinas de caldeiraria [...] A última que acabou praí nos anos noventa, e essa animação, que era uma animação extraordinária era muito característica da rua, que era o ruído característico dos caldeireiros a baterem...”  
[H.P.]

Verificamos nesta declaração de Pacheco uma dimensão importante da apropriação e representações do espaço, nomeadamente as representações sensoriais do mesmo, neste caso em particular, a captação dos sons da rua. Segundo Flávio Nunes, “A dimensão sensorial da vida urbana, resultante da informação que permanente e inconscientemente captamos pelo conjunto dos nossos cinco sentidos, determina a interpretação particular que cada um desenvolve da sua cidade e condiciona o modo como dela se apropria.” (Nunes, 2012, p. 136) Com esta declaração temos uma exemplificação da evolução das paisagens sonoras, mencionada por Pedro Quintela e Paula Casaleiro, ao longo do tempo no espaço, algumas se perdem, neste caso o bater da chapa, e outras se ganham. Estes consideram que o espaço onde ocorre determinado som, é um elemento do próprio som e da experiência desse espaço, sendo por isso as sonoridades elementos de identificação e diferenciação dos espaços urbanos. (Casaleiro, Quintela, 2008) Neste caso, o bater na chapa, das oficinas de caldeiraria, que outrora se fazia ouvir na Rua dos Caldeireiros era identificador da mesma, diferenciando-a face às demais.

No passado, a rua era também ocupada com inúmeras festas populares, coisa que cada vez se tem vindo a assistir menos. Na opinião de Hélder Pacheco, o facto de os sujeitos de classes menos abastadas estarem mais restringidos quanto aos seus lazeres, explicava em parte o grande esforço e envolvimento coletivo que se podia verificar na realização das festas populares. A seu ver estas funcionavam como uma oportunidade de “tirar a barriga de misérias do ano inteiro”, algo que era passível de se verificar em festas como a do São João. O envolvimento e dedicação da população era grande; as ruas, das quais a dos Caldeireiros, eram não só totalmente ornamentadas pelos moradores, como as ornamentações feitas por eles próprios. Atualmente, Pacheco fundamenta a realidade do desaparecimento desta vivência das festas populares, no desaparecimento simultâneo do sentimento de vizinhança, do sentimento do território e da devoção religiosa. Hoje em dia considera que aquilo que se



verifica é unicamente a comemoração das grandes festas que se comemoram de forma generalizada em todo o território. Exemplo disso é a festa do São João no Porto, para a qual, numa ida ao terreno, encontramos os Caldeireiros já ornamentados, embora de forma muito reduzida e simplista, não mostrando grande dedicação por parte da população, tal como, segundo o entrevistado, se verificava no passado, tal como podemos ver na imagem que se segue. Esta realidade é passível de ser verificada na figura 7, abaixo apresentada. Com o passar do tempo, o entrevistado considera portanto que se tem vindo a verificar como que uma perda de importância e de envolvimento das e nas coletividades.

**Figura 7**

Rua dos Caldeireiros com ornamentações para a festa do São João



*Fonte: Priscila Lopo (tirada a 23-06-2014 pelas 15h)*

Aquando da aplicação do inquérito por questionário, uma moradora retratou da mesma forma esta realidade, declarando que os Caldeireiros são uma rua que sempre esteve muito ligada a tradições. No entanto, ressalva que no passado esta era uma rua onde as festas tradicionais eram feitas em grande quantidade, e vividas com grande entusiasmo, ao passo que nos dias que correm praticamente só se verifica a comemoração o São João, e “porque se faz em todo o lado”. François Ascher manifesta-se sobre esta realidade considerando que esta é a crise mais grave vivenciada nas metápoles, a crise da cidadania, considerando que “[...] os habitantes destas grandes aglomerações perdem, pouco a pouco, o sentimento dos seus interesses coletivos e a capacidade de se unirem e de se mobilizarem em torno de projetos



comuns. Esta crise é sobretudo a expressão de uma outra mais geral da cidadania ao nível nacional e, ao nível local, do desfasamento crescente entre instituições territoriais e as novas realidades técnicas, económicas, sociais, culturais e espaciais.” (Ascher, 1998, p. 181)

A comemoração da festa do São João na rua dos Caldeireiros foi um ponto focado também no decorrer da entrevista à representante da Yours Porto, esta que considera que este é um momento revelador da tipicidade da rua àqueles que não a conhecem tão de perto, e que, a seu ver, é uma atividade da coletividade que deve ser mantida, pois, a seu ver, só compreende o espírito vivido na rua quem nela tem este tipo de experiências pessoais com a coletividade.

“[...] acho que só sente isso quem por exemplo passou por cá o São João [...] eu por exemplo que não estive cá porque curiosamente era o meu dia de folga e não vim, e a primeira coisa que eu cheguei aqui foram os vizinhos “Áh então você não veio à nossa festa?”, e notei que as pessoas sentiram falta [...] e só quem viu a festa aqui do nosso café, com o café do lado, com o café de baixo, todos juntos e entra e sai, só essa, só aí é que se nota o espírito da rua.” [YOURS PORTO]

Hélder Pacheco fez ainda referência ao facto de a Rua dos Caldeireiros ser muito conhecida, no passado, pela prostituição, aspeto destacado também por um dos moradores, como referenciamos mais a frente, sendo das zonas mais baratas da cidade e, por isso, fonte de grande propagação de doenças venéreas.

A solidão é um outro aspeto que começa a ser cada vez mais característico com o passar, na opinião de Pacheco, nos Caldeireiros, como consequência da degradação das relações de vizinhança, contrariamente ao que se verificava no passado, onde era visível a união, cooperação, preocupação e relações de intimidade e entreaajuda entre vizinhos. Com o despovoamento dá-se que diversos edifícios ficam habitados apenas por um, dois idosos, que ficam como que esquecidos no cinzento dos edifícios. O entrevistado conta-nos a história de José Coelho Maximino, - casa que podemos verificar numa das idas à rua, apesar de não conseguirmos entrar em contacto com o mesmo - um idoso sem mobilidade, que vive no terceiro andar e que apenas subsiste pela visita das meninas do serviço de apoio domiciliário da paróquia.

“[...] ele dizia: isto são os meus anjos da guarda. Se não fosse esta gente, aqui estas pessoas não tinham nenhuma possibilidade de subsistir, porque estacam completamente isoladas...” [H.P.]

Numa das incursões ao terreno deparámo-nos com uma carrinha que fazia serviço de apoio domiciliário, centro de dia e lavandaria que, provavelmente, iria fazer este tipo de visitas aos idosos que residem na rua.

Os Caldeireiros, no passado eram conhecidos, não só pelas suas oficinas de caldeiraria, e pelas tipografias, como também pelas lojas de próteses, nomeadamente, a Casa Xavier. Como já referimos, tivemos oportunidade de entrevistar o atual proprietário desta casa que, ainda se encontra aberta ao público, ao passo que não encontrámos nenhuma oficina de caldeiraria ou tipografia ainda em funcionamento. No entanto, quando tivemos a oportunidade de visitar o interior do edifício de Jerónimo Botelho, que deu origem à escolha desta rua em particular, podemos constatar a existência de uma antiga tipografia, outrora em funcionamento no piso 1 deste prédio, bem como uma antiga pensão nos pisos acima. Em ambos os andares encontramos objetos que faziam alusão às antigas apropriações do espaço, tais como: camas, armários e penicos, nos pisos onde funcionava a antiga pensão, esta que tinha diferentes tipos de quartos, consoante o que os clientes queriam gastar, diferenças que de alguma forma conseguimos ainda perceber aquando da nossa visita, em aspetos como a dimensão e localização dos quartos. No piso onde já havia funcionado a tipografia encontrámos máquinas e instrumentos específicos a esta prática profissional. Ambos os pisos pareceram ter sido abandonados a pressa, deixando os seus proprietários tudo para trás sem tempo de para retirar os pertences ou arrumá-los. Isto verifica-se na tipografia, onde se não fosse o pó e a degradação do próprio edifício, esta pareceria pronta para um dia de trabalho, estando, por exemplo, o escritório com diversos objetos, se não fosse o cadáver de um gato em cima da secretária. A pensão também se encontrava com os objetos algo revirados, sendo claras as marcas da passagem do tempo. Desta forma podemos encontrar marcas do passado, da história daquele edifício mas, também, da passagem do tempo no mesmo.

Ao longo da entrevista que realizámos ao proprietário da Casa Xavier, este também nos falou um pouco acerca da passagem do tempo na Rua dos Caldeireiros, daquilo que foi verificando através da sua experiência pessoal ao longo dos anos. Este fala de uma rua que outrora era caracterizada essencialmente pela sua vida comercial, pelo seu dinamismo, e por um movimento “fantástico”. No entanto, este dinamismo foi desaparecendo, as caldeirarias que deram origem ao nome da rua desapareceram todas e dos negócios que existiam só se mantiveram o seu, a Central da Borracha, a Vidraria Fonseca e a casa de artigos religiosos, Carvalho e irmão. A seu ver, o ano que marca a decadência comercial dos caldeireiros é 2001, ano em que se começaram a realizar diversas obras na zona. A seu ver, a partir daí, os Caldeireiros mudaram e foi “sempre a baixar”. Esta era uma rua, tal como já referimos, muito

“[...] conhecida pelas meninas, até essas fugiram daqui.” [CASA XAVIER]

O entrevistado lembra-se de viverem muitas pessoas na rua, o que ele denomina de muitas pessoas de valor. Atualmente mantém-se alguns dos antigos residentes, apesar de muito poucos em relação ao passado. Mas, a seu ver, esta é uma rua essencialmente de passagem, onde turistas podem alugar casas ou ficar em hostéis; uma rua em que pouca gente vem para assentar, chegando e ficando por pequenos períodos de tempo. A nova população dos Caldeireiros são, na sua opinião, os turistas, uns dias uns, uns dias outros. Na sua opinião já começa a ser possível verificar-se um processo de recuperação da Rua dos Caldeireiros mas este será difícil e demorado. Posto isto, para este comerciante, esta

“foi uma rua como eu lhe disse com muito movimento, uma rua com história, com boas e com más, mas que está, eu acho que está a degradar-se, a degradar-se, não no significado da palavra, mas a degradar-se no movimento, na parte comercial, está a degradar-se.” [CASA XAVIER]

Como já havíamos referido, Hélder Pacheco sintetiza a forma como vê a passagem do tempo na Rua dos Caldeireiros e as grandes diferenças entre o passado e o presente na mesma, declarando que esta passou de uma rua transbordante de vida, para uma rua que basicamente se resume à expressão ‘terra de ninguém’, considerando esta por si só já diz tudo, não sendo necessárias mais explicações acerca do seu estado atual. Face ao uso desta expressão já tivemos oportunidade de apresentar o nosso desacordo. No entanto, pedimos também aos dois comerciantes que entrevistámos que se pronunciassem sobre este adjetivo atribuído por Pacheco à Rua dos Caldeireiros nos dias de hoje, e ambos mostraram a sua concordância face ao mesmo, partindo de duas associações distintas.

O comerciante mais antigo declarou que a expressão ‘terra de ninguém’ se adequava à rua, essencialmente no que diz respeito à evolução do comércio, de uma rua que outrora era conhecida por ter uma vida comercial muito ativa que se foi degradando com o passar dos anos. Concorde com a expressão também pelo facto de a rua não ser um local de paragem para muita gente, mas essencialmente de passagem, sobretudo para turistas, considerando mesmo que tem havido nos últimos tempos ‘invasão’ de turistas nos Caldeireiros. Ao passo que algumas sonoridades se foram perdendo, como o já mencionado bater na chapa das oficinas de caldeiraria e as mães a chamar pelos filhos à janela, outras foram aparecendo, como por exemplo as vozes em diversas línguas, com a rua a funcionar como foco de atração para inúmeros turistas esta tornou-se uma sonoridade cada vez mais caracterizadora da mesma. Nova sonoridade é também aquela proveniente das obras de recuperação em alguns edifícios da rua, que provoca uma alteração física neste espaço mas, também na paisagem

sonora do mesmo. Verifica-se assim que “[...] sons da cidade moderna e das intervenções de reabilitação e animação urbana invadem os espaços do centro históricos [...]” (Casaleiro, Quintela, 2008, p. 7) mas, simultaneamente, algumas sonoridades mantêm-se, tais como os sons provenientes das casas de pasto da rua, locais por excelência de socialização dos moradores da mesma.

A representante da Yours Porto também se manifesta acerca da expressão utilizada por Pacheco, abordando a questão de uma forma um pouco distinta, interpretando a mesma no sentido literal de posse, declarando que

“Acaba por ser um bocadinho isso, a rua de ficou ali de ninguém, ficou perdida no meio de todo o centro histórico ahm e que agora estamos aos poucos a tentar procurar os novos os novos donos, alguém que a adote.” [YOURS PORTO]

O seu discurso parte do ponto de vista dos comerciantes mais recentes na rua que, a seu ver, fazem um esforço coletivo, a partir da sua atividade comercial, para dar uma nova vida à rua, pretendendo que esta deixe de ser terra de ninguém. Desta forma afirma que,

“[...] não somos muitos mas aos pouquinhos estamos a tentar fazer algo pela nossa rua ahm acho que já toda a gente adotou a rua como sua, e tenta fazer o que está ao seu alcance, à sua maneira, para que se um dia lermos alguma coisa ou se faça algo aqui de importante, nós sabermos pá fomos nós que ajudámos que se voltasse a falar dos da rua dos Caldeireiros.” [YOURS PORTO]

A antiguidade dos seus negócios na rua dos Caldeireiros poderá ter influenciado a orientação do discurso dos dois comerciantes quanto à expressão em causa. Verificámos, portanto, um discurso marcado pela comparação do presente face ao passado, elaborado pelo dono da Casa Xavier, o comerciante mais antigo, e, por outro lado, um discurso elaborado orientado para o futuro, tendo em conta o presente, pela representante da Yours Porto, comércio instalado a apenas alguns meses na rua.

## **8 - Caracterização dos comerciantes, estabelecimentos da Rua dos Caldeireiros e moradores**

Através da aplicação dos inquéritos por questionário, foi-nos possível realizar uma caracterização geral dos comerciantes e residentes da Rua dos Caldeireiros, mais fiel para os primeiros do que para os segundos, visto o número de respostas para estes ter sido mais próxima da sua população total. Posteriormente, através da realização de entrevistas, conseguimos caracterizar de forma mais aprofundada dois estabelecimentos comerciais, como já referimos no capítulo da metodologia, com longanimidades distintas na rua, a Casa Xavier e a Yours Porto. Começamos então pela caracterização dos elementos relacionados com a atividade comercial na rua.

### **8.1 – Os comerciantes e estabelecimentos comerciais**

A população de comerciantes da Rua dos Caldeireiros é uma população masculinizada, com 63,2% de homens, havendo apenas 36,8% comerciantes do sexo feminino. É também pouco escolarizada, sendo que 73,7% dos comerciantes tem formação inferior ao terceiro ciclo do ensino básico, havendo mesmo um que declarou não saber ler nem escrever. Apesar desta realidade, um dos inquiridos afirmou ter uma pós-graduação, e outros dois serem licenciados, sendo que todos se encontram na casa dos trinta e quarenta anos. A média de idades dos comerciantes da rua é de cinquenta e cinco anos, sucedendo-se que o comerciante mais novo tem trinta e um anos e o mais velho tem oitenta e sete; em ambas as situações falamos de mulheres.

Na Rua dos Caldeireiros encontrámos, contrariamente aquilo que Hélder Pacheco deu a entender na sua entrevista, um bom número de estabelecimentos comerciais ainda abertos ao público, num total de vinte e um. Destes, a grande maioria são pequeno comércio e restauração. No entanto, verificámos na rua o que consideramos ser uma grande variedade de negócios, nomeadamente: três cafés/bar, três casas de pasto, uma casa típica/restaurante, duas mercearias, um armazém de bebidas, um negócio de comércio a retalho, uma casa de venda de artigos religiosos, uma outra de venda de artigos de ortopedia, uma sapataria, uma vidraria, uma casa de venda de vestuário, um cabeleireiro, um armador, uma associação de arquitetos para a reabilitação urbana, um alojamento local e, ainda, uma associação cultural e recreativa

Ao analisarmos a longanimidade destes vinte e um estabelecimentos abertos na Rua dos Caldeireiros, deparámo-nos com dois fenómenos distintos e algo opostos. Por um lado verificámos uma grande resistência do pequeno comércio, na mesma, ao longo dos anos, com

estabelecimentos a conseguirem, ao longo de meio século, e até mesmo um século, manter as portas abertas. Desta fornaram, encontrámos seis estabelecimentos abertos no espaço em análise entre onze a cinquenta anos, três entre cinquenta e um e cem anos e outros três há mais de cem anos. No que diz respeito aos três últimos falamos da Vidraria Fonseca instalada há cento e seis anos na Rua dos Caldeireiros, uma casa de venda de artigos religiosos há cento e vinte anos e a Casa Xavier, especializada na venda de artigos de ortopedia aberta há cento e trinta anos na Rua dos Caldeireiros. Com a exceção da casa de venda de artigos religiosos, os proprietários destes estabelecimentos declaram, aquando do preenchimento dos inquéritos, nunca, ao longo de todos estes anos, terem pensado em mudar o seu negócio para outra zona do Porto ou outra localidade. No entanto, durante a entrevista, o proprietário da Casa Xavier já admite ter pensado seriamente nessa possibilidade. Quanto ao proprietário da casa de venda de artigos religiosos, este declarou já ter colocado esta hipótese, mas apenas por interesse de expansão do negócio, algo que não se concretizou.

Por outro lado, confrontámo-nos com uma outra realidade, simultânea à anterior, de alguma forma oposta a esta. Deparámo-nos com a Rua dos Caldeireiros a servir de ponto de atração de novos comerciantes. Assim sendo, aquando da altura da aplicação dos inquéritos, identificámos cinco estabelecimentos abertos apenas há um ano ou menos nesta rua. Destes, três estão abertos há exatamente um ano, um há três meses e outro apenas a um mês, sendo que os proprietários dos cinco estabelecimentos se encontram na casa dos trinta e quarenta anos.

Esta dupla realidade caracterizadora da atividade comercial na rua foi mencionada pela representante da Yours Porto no decorrer da sua entrevista. Esta constatou a existência de comerciantes mais antigos que tentam resistir e manter o seu negócio aberto, porque são da zona, ou porque têm muitas memórias associadas à rua, ou apenas porque não querem que esta se perca e tentam dar o seu pequeno contributo para a mesma, mantendo aberto o seu estabelecimento comercial, apesar das dificuldades com que se deparam no dia-a-dia. No entanto, a entrevistada considera que estes mesmos comerciantes, apesar de todo o esforço, têm dificuldade em fazer algo fundamental para manterem o seu negócio: falta atualizarem-se.

“Claro que também o conceito de tasca, digamos assim, é um conceito interessante, mas que as pessoas também têm de se atualizar [...] e isso é difícil, querer abrir essa mentalidade às pessoas locais às vezes é complicado, mas é um, digamos que é uma ligação interessante entre o comércio novo, digamos, e o comércio antigo.” [YOURS PORTO]

Para a entrevistada torna-se claro o esforço que está a ser feito a Rua dos Caldeireiros, bem como noutras, como a Rua do Almada, dando-se os primeiros passos para estas ressurgirem de um historial de degradação e abandono. A seu ver são fundamentais para este processo são os resistentes, aqueles que resistem e que se mantêm. No entanto, o resultado poderá não ser o pretendido, caso optem por se manter sem se renovarem.

O proprietário da Casa Xavier focou também este assunto, constatando uma crescente abertura de novos negócios, essencialmente na área da restauração, a que denomina de tasquinhas, e também no que diz respeito aos hostéis. Do seu ponto de vista, aqui que permitiu que o seu estabelecimento comercial resistisse durante tanto tempo a diversos obstáculos, conseguindo manter-se aberta por um período de mais de cem anos, foi a relação de proximidade com os seus clientes, bem como qualidade do serviço que a casa tem para oferecer, face à concorrência. Posto isto, declara que:

“Eu acho que é o bem servir da casa. Nós temos aqueles clientes certos, temos aqueles clientes que realmente... temos uma classe médica que ainda conhece a casa, que a recomenda. Mas como lhe disse a pouco, a concorrência é muita e desleal e abrem-se casas com pessoas a frente sem formação.” [CASA XAVIER]

Desde logo se verifica no ceio da população comerciante nesta rua, distintas formas de apropriação do espaço, diferentes usos da rua, só pelo facto de que uns apenas ficam abertos ao público no período diurno, como a Vidraria Fonseca e a casa de artigos religiosos, e outro, para além deste período mantém-se pela noite, como as casas de pasto e a Yours Porto, tendo à partida uma experiência diferente na rua, possibilidades de relações sociais e práticas sociais distintas. No entanto isto é algo que ficaria assegurado, se não por este fator, desde logo pelas distintas naturezas dos estabelecimentos comerciais; cafés, casas de ortopedia, mercearias, entre outros, terão à partida um contacto e experiência diferentes com este espaço, representando-o, por isso, de formas igualmente distintas.

Tendo feito uma descrição generalizada daquilo que são os comerciantes e os estabelecimentos comerciais da Rua dos Caldeireiros, passemos agora a uma caracterização mais aprofundada dos dois estabelecimentos comerciais nos quais tivemos a oportunidade de realizar as nossas entrevistas. Começemos pela Casa Xavier.

Este estabelecimento é o mais antigo na Rua dos Caldeireiros, tendo sido aberto, como já referimos, há cento e trinta anos pelo bisavô do entrevistado, atual proprietário do mesmo. A Casa Xavier é um negócio relacionado com a ortopedia, a venda de fundas, cintas, ortóteses e próteses. Estas últimas não estão de momento a ser produzidas devido ao falecimento do técnico que estava encarregue de as fazer e, poderão continuar a não ser feitas porque,

segundo este comerciante, aquilo que um técnico destes produz nos dias de hoje não é suficiente para contratar um, podendo dar mais prejuízo que lucro. Ao longo de toda a entrevista este refere inúmeras vezes a existência de uma concorrência desleal, declarando que é muito frequente a abertura de casas de ortopedia que têm pessoas à frente sem a formação necessária para o fazer. Segundo o seu proprietário este é um estabelecimento que tem clientes de todo o país, e que apesar de ter vivenciado uma perda significativa de clientes ao longo dos anos, não só pela concorrência mas também pela substituição de alguns destes elementos, como as fundas, pela cirurgia, mantêm clientes fixos ao longo dos anos, sendo também recomendados ainda pela classe médica.

Estabelecimento bem mais recente nesta rua é a Yours Porto, aberto apenas à três meses, aquando da realização da entrevista, um mês aquando da aplicação do inquérito por questionário, após dois anos de recuperação do edifício e de obtenção de licenças. No entanto, a ideia que fez emergir este negócio é um pouco mais antiga, nascendo há cerca de três anos como resultado de uma viagem que os proprietários da Yours realizaram à Índia. Durante a mesma estes ficaram alojados numa Guest House, experiência que acharam distinta e enriquecedora, decidindo por isso trazer esse conceito para o Porto. Atualmente a Yours Porto tem em funcionamento três ramos de atividade distintos, a Yours Guest House, o restaurante e a loja, mas que funcionam numa lógica de interação, sendo por isso,

“[...] três conceitos que estão integrados, todos eles fazem parte de um só, e a ideia é que um uma coisa leve à outra.” [YOURS PORTO]

Este estabelecimento funciona segundo alguns valores, como a proximidade e cultura, sendo o seu grande objetivo fazer com que os clientes se sintam em casa, proporcionando um ambiente familiar e acolhedor. O facto de os proprietários serem residentes da Rua da Vitória e, não havendo esta nenhum imóvel disponível, mudaram para a Rua dos Caldeireiros, local de frequente passagem, onde encontraram o imóvel onde atualmente se encontram. Destarte, a escolha da localização da Yours Porto não foi, como podemos verificar na citação abaixo, feita ao acaso, tendo antes por base uma relação pessoal, emocional e de proximidade com espaço.

“[...] procuravam exatamente algo aqui entre esta rua e a Rua da Vitória, nesta zona, não queriam muito fugir aquilo que já era a casa deles, digamos o local onde eles se sentiam bem ahm claro que podiam escolher outro sítio mas achavam que era aqui que deviam apostar, porque lá está é uma rua emblemática e que também o próprio nome da rua é forte, para além de estar bem localizada, digamos tinha também se calhar um bocadinho da história deles.” [YOURS PORTO]



No que diz respeito ao tipo de cliente que frequenta este estabelecimento, a entrevistada declara que em tão pouco tempo é difícil fazer uma fiel descrição, no entanto já é possível verificar algumas tendências, havendo, segundo a mesma, quase que um cliente tipo por cada uma das três áreas da Yours Porto. Desta forma, no que diz respeito à loja e ao restaurante o público é cinquenta, cinquenta, entre portugueses e estrangeiros, havendo no restaurante uma maior procura de portugueses ao almoço, essencialmente trabalhadores da baixa do Porto, e de estrangeiros ao jantar, hóspedes da casa ou apenas de passagem na rua. A pousada, por sua vez, já tem tendências mais marcadas, a saber:

“[...] a nível da pousada o nosso cliente é essencialmente estrangeiro, um grande peso de espanhóis, franceses, ingleses. Já conseguimos perceber que varia entre os vinte e cinco e os quarenta, mas isto também depende depois um bocado da altura do ano. O publico português curiosamente já tem um peso interessante às vezes, mesmo eu própria não tenho essa noção no dia-a-dia, e depois quando chego ao final do mês vou avaliar os números e me apercebo do peso que isso tem.” [YOURS PORTO]

## **8.2 – Os moradores**

No que diz respeito aos moradores da Rua dos Caldeireiros, como já referimos anteriormente, apenas conseguimos que, da totalidade, nove respondessem ao nosso inquérito por questionário. Ainda assim, decidimos avançar com os dados que conseguimos recolher.

Deste nove moradores que responderam ao inquérito, cinco são homens e quatro são mulheres, apresentando-se esta dimensão muito equilibrada. Os mesmos apresentam uma idade média de cinquenta e cinco anos, indo o intervalo de idades dos vinte e seis aos setenta e três anos, estando os intervalos dos vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta e setenta anos, todos representados nesta pequena amostra, havendo uma maior frequência de sujeitos nas casas dos sessenta e setenta anos. Das deambulações que fomos tendo oportunidade de realizar pela Rua dos Caldeireiros, apenas conseguimos identificar uma criança residente na mesma, não querendo esta observação dizer que não possam existir mais. Acerca do carácter envelhecido da população moradora na rua, Hélder Pacheco diz-nos que

“[...] nos Caldeireiros eu não, se existe algum miúdo é um *alien*, porque vem do espaço [risos] vem do espaço, nascer já não se nasce lá.” [H.P.]

De facto, quando analisámos os dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística, verificámos, que numa variação percentual entre o ano de 2001 e 2011, nas freguesias da Sé e Vitória, há duas tendências que se destacam: perda de população e envelhecimento da baixa do Porto.

**Tabela 1**

Variação Percentual População Residente, 2001 a 2011, sobre as freguesias da Vitória e Sé

Variação Percentual 2001/2011		
	Vitória	Sé
	2720/1901	4751/3460
<b>Pop. Residente Total</b>	- 30,11	- 27,17
<b>0-14</b>	- 42,86	- 42,30
<b>15-24</b>	- 45,77	- 46,13
<b>25-64</b>	- 25, 27	- 21, 03
<b>65 e mais</b>	- 26,36	- 20,35

*Fonte: Adaptado de INE, Instituto Nacional de Estatística*

Como podemos verificar nos dados expostos na tabela 1 constata-se uma perda geral da população em ambas as freguesias, de cerca de 30%, sendo a perda mais significativa na população mais jovem, nas camadas dos zero aos catorze anos e dos quinze aos vinte e quatro anos, numa diminuição brutal de quase 50% nas duas freguesias. Esta realidade estatística vem ao encontro da ideia transmitida por Hélder Pacheco, ‘não se nasce na Vitória’, e sobretudo não se nasce nos Caldeireiros. Por outro lado, as camadas mais velhas da população são aquelas que sofres menos perdas, algo que, apesar da amostra ser muito pequena, vai ao encontro das características dos moradores que inquirimos.

Quanto ao seu estado civil, dos moradores inquiridos apenas um é solteiro, encontrando-se todos os outros casados ou a viver em união de facto. Esta é uma amostra muito pouco escolarizada, visto que todos os nove inquiridos apresentam níveis de escolaridade muito baixos, não só os mais velhos, como também aqueles que têm idades compreendidas entre os vinte e os quarenta anos. Assim sendo, 77,8% da amostra, correspondente a sete residentes, têm apenas o primeiro ciclo do ensino básico, e 22,2%, respeitante aos outros dois inquiridos, um com vinte e seis e outro com cinquenta e três anos, declaram ter apenas terceiro ciclo do ensino básico.

Quanto à sua condição perante o trabalho, três dos residentes são desempregados e três reformados, posto que apenas dois exercem uma profissão, havendo ainda uma executante das tarefas do lar.

Dos moradores que conseguimos inquirir, a maioria absoluta, 66,7%, correspondente a seis dos nove inquiridos, sempre viveu no Porto, sendo que apenas três, 33,3%, já viveram noutros locais. Destes últimos um já viveu no estrangeiro, outro em S. Mamede de Infesta, e um último que já viveu numa série de lugares como Vila do Conde, Estremoz, Santarém, Barcelos, S. Vicente e Cabo Verde. Ao analisarmos há quanto tempo os inquiridos residem na Rua dos Caldeireiros, verificamos três dos seis inquiridos que sempre moraram na cidade de

Porto, são residentes da mesma desde que nasceram, nunca tendo de lá saído, dizendo mesmo: “Eu nasci aqui, aqui mesmo em casa, e estou cá desde essa altura”.

Posto isto, quanto à questão da longanimidade de residência na rua, tal como verificámos na situação dos comerciantes, conseguimos encontrar duas realidades distintas. Por um lado, encontrámos aqueles residentes que resistem e que se vão mantendo a sua residência nos Caldeireiros desde há muito tempo, apesar de fatores como a degradação dos edifícios. Por outro, temos novos residentes a serem atraídos para esta rua, alguns para prédios já reabilitados, e que apenas se encontram a viver nesta há alguns meses. O intervalo de tempo a residir na Rua dos Caldeireiros vai de um mês a setenta e um anos, sendo que encontramos um sujeito a residir a menos de um ano (um mês), dois de um a dez anos (cinco anos e nove anos), três entre onze e cinquenta anos (quarenta, quarenta e dois, e quarenta e quatro anos) e, por fim, outros três há mais de cinquenta anos (cinquenta e três, sessenta e um e setenta e um anos).

Dos nove residentes que responderam ao inquérito, apenas quatro declararam já terem pensado em mudar de residência para outra zona do Porto. Como razões justificativas para a colocação desta hipótese foram enunciadas: o estado de degradação dos edifícios, a falta de estacionamento disponível para os moradores, a marginalidade e insegurança da rua e o facto de ser uma rua muito parada, havendo um inquirido que se justificou dizendo “Isto não presta, é só droga, álcool e prostituição”.



## **9 – A Rua dos Caldeireiros aos olhos de quem a vive**

Ao longo deste capítulo, como o próprio nome acaba por levantar o véu ao assunto, vamos prender-nos essencialmente com as questões que dizem diretamente respeito ao objetivo geral enunciado, *perceber as significações e representações que os sujeitos desenvolvem acerca do espaço urbano*. No entanto, ao longo da nossa explanação conseguimos também focar as questões respeitantes a um outro objetivo geral orientador da nossa investigação, *perceber como é que uma determinada estrutura espacial pode impor limites e potencialidades às vivências sociais desenroladas em torno da mesma*

### **9.1 – Uma grande cidade mas uma pequena aldeia**

No sentido de percebermos um pouco as representações sociais que os comerciantes e residentes da Rua dos Caldeireiros desenvolvem acerca desta, no inquérito aplicado questionámos qual o tópico, de um conjunto de seis disponibilizados, que no seu entender melhor caracterizava a rua em questão. Os inquiridos tinham como possibilidade de escolha o comércio, a convivialidade/relações de vizinhança, a familiaridade, a degradação dos edifícios, a segurança e a insegurança.

Posto isto, a maioria dos comerciantes, representando 47,4% dos mesmos, considerou que aquilo que melhor traduzia a Rua dos Caldeireiros é o nível de degradação dos edifícios. No entanto, também se demonstraram incomodados com os esforços realizados para reverter essa situação, visto que, em conversa, muitos mencionaram o facto de estarem extremamente desagradados com as obras que já se encontram a acorrer em alguns dos edifícios degradados da rua, considerando um estorvo todo o lixo que causavam, considerando também que estas funcionam como fonte de impedimento para que possíveis clientes acedam aos seus estabelecimentos comerciais. Conseguimos verificar nesta dupla posição sintomas de manifestação da síndrome *NIMBY, not in my backyard*, conceito que previamente explanámos, enunciado por François Ascher. Estes inquiridos mostram-se incomodados com as obras realizadas na rua, não por serem contra as obras em questão, ou por não se sentirem abrangidos pelos benefícios que estas possam proporcionar, mas mostram-se antes incomodados pelo facto de as mesmas estarem a decorrer tão próximo, nos seus *backyards*. Segundo o autor, “O “nimbismo” é a expressão de indivíduos que se sentem fora das colectividades, considerando que estas apenas têm obrigações para com eles, mas não direitos. (Ascher, 1998, p.102)

As relações de vizinhança são tidas por 26,35% dos comerciantes como o tópico que mais fielmente traduz a Rua dos Caldeireiros. No entanto, no momento da aplicação dos inquéritos a sua maioria foi referindo em conversa a existência de rivalidades e desentendimentos entre vizinhos e comerciantes, chegando mesmo um dos inquiridos a denomina-los de ladrões e marginais. A representante da Yours Porto foi focando ao longo da sua entrevista esta questão das relações de vizinhança, destacando o sentimento de vizinhança e solidariedade que se pode sentir entre vizinhos, no seio da população comerciante da rua, considerando que são estas relações interpessoais de proximidade que se podem vivenciar ao nível da rua que fazem com que o Porto seja, nas suas palavras, uma grande cidade mas, simultaneamente, uma pequena aldeia, sendo algo que se consegue preferencialmente neste tipo de ruas ‘com história’.

“[...] tenho quase a certeza que se tiver aqui algum problema o vizinho vir vem e ajuda a carregar e descarregar, coisas assim, e, isso é bom, é bom para nós que estamos cá, é bom que isso passe para as pessoas de fora, que notam, como eu costumo dizer, é uma grande cidade mas é uma pequena aldeia, e isto, sente-se isto, em particular neste tipo de ruas ahm que já não há muitas ruas assim né?, que depois, de vizinhança, o conceito de vizinhança perdeu-se muito e aqui, nos Caldeireiros, ainda se mantém, através do comércio, não só, esse conceito de vizinhança, de solidariedade também.” [YOURS PORTO]

Temos aqui, portanto, uma exemplificação prática da primeira hipótese teórica presente no nosso modelo de análise, com o espaço urbano, as características da Rua dos Caldeireiros, e de ruas semelhantes, a serem determinantes para o tipo de relações sociais nelas desenvolvidas.

Para a entrevistada a expressão ‘uma grande cidade mas uma pequena aldeia’ adequa-se perfeitamente à rua, pelo facto desta se encontrar situada no centro de tudo, na baixa do Porto, mas ao mesmo tempo, as pessoas não se sentem no centro, sentem-se numa rua peculiar, característica, com história e que se mantém, apesar de no centro da agitação, uma rua extremamente calma, tanto no período diurno como noturno, como que se tivesse um micro ambiente que se mantém intocável no centro da agitação sonora, de pessoas e meios transporte típica da baixa. Os Caldeireiros são assim uma rua que proporciona a comodidade de permitir ter rápido acesso a tudo, tendo em conta a sua excelente localização, sendo, simultaneamente, recatada, trazendo comodidade e traduzindo-se num recanto quer para os moradores, quer para os turistas que a elegem para pernoitar, num ambiente muito acolhedor.

A insegurança era outro dos tópicos disponíveis, sendo seleccionada por 10,5% dos comerciantes como aquele que mais fielmente traduzia a rua, que ao escolhe-lo destacam as

questões da marginalidade e do ambiente de droga que se vive na rua. Tal como a insegurança, a familiaridade é escolhida por 10,5% dos comerciantes. Sendo uma rua na qual ainda se verifica alguma vida comercial, apesar de esta não ser comparada com momentos do passado, e de estes dados dizerem respeito àquela que é a perceção que os comerciantes da Rua dos Caldeireiros têm sobre a mesma, é interessante ressaltar o facto de o comércio ter sido apontado por apenas 5,3% dos proprietários dos estabelecimentos comerciais como sendo aquilo que melhor traduz a rua. Grande parte dos inquiridos declarou mesmo que a Rua dos Caldeireiros não é um bom local para quem pretende viver da atividade comercial. No entanto, quando questionados sobre se alguma vez pensaram em mudar o seu negócio para outra zona da cidade, apenas cinco declararam já terem colocado essa hipótese. Por fim, o tópico que resta, a segurança não foi alvo de escolha por nenhum dos comerciantes inquiridos.

De igual forma, apresentámos aos moradores que conseguimos inquirir a mesma listagem de tópicos, no sentido destes selecionarem aquele que a seu ver traduz de forma mais eficaz e fiel aquilo que são os Caldeireiros. Desde logo verificámos que a escolha dos tópicos não foi tão diversificada quanto a realizada pelos comerciantes, onde apenas um tópico não foi mencionado, dois foram eleitos pela mesma percentagem de pessoas e nenhum foi escolhido pela maioria absoluta dos inquiridos. Os moradores desta rua apresentaram tendências mais marcadas quanto ao tópico a selecionar para a caracterizar, sendo apenas apontados dois dos seis disponibilizados; situação pode ser explicada pelo menor número de respostas aos inquéritos.

Tal como se verificou com os comerciantes o tópico mais apontado, aqui pela maioria absoluta dos moradores inquiridos, equivalente a uma percentagem de 66,7%, correspondente à escolha de seis dos nove inquiridos, foi a degradação dos edifícios. Um dos inquiridos mostrou-se muito incomodado com o estado de degradação em que se encontram os edifícios na Rua dos Caldeireiros, afirmando que se tivesse condições económicas sairia desta para morar numa outra zona da cidade do Porto. A principal razão para esta declaração é a degradação da sua própria habitação. No entanto, este morador ressalva que se tivesse as condições económicas ideais, não só ia morar para outra zona, como também não deixava a casa ao abandono. Idealmente comprava o prédio na sua totalidade, tendo por objetivo torná-lo habitável, impedindo que este fosse vendido para construção de hostéis, que a seu ver é o infeliz destino da maioria dos edifícios recuperados na rua e na zona. O outro tópico que foi destacado na lista foi a insegurança da rua, escolhido por três dos morados, equivalendo uma percentagem de 33,3%, reforçando a imagem já passada pelos comerciantes.

A dada altura, aquando da aplicação dos inquéritos por questionário, ainda no sentido de levantar pistas quanto às representações sociais dos comerciantes e moradores acerca da rua, pedimos aos inquiridos que enunciassem, livremente, por um lado três aspetos que gostem e, por outro, três que não gostem acerca da Rua dos Caldeireiros. Antes de mais é de destacar a grande dificuldade revelada pela maior parte dos sujeitos na enunciação de três aspetos, tanto que gostem como que não gostem, sobre a Rua dos Caldeireiros, havendo muito poucos capazes de o fazer. Ao invés disso, o que se verificou foi o recurso recorrente a expressões como: “Ó menina eu gosto de tudo, é difícil dizer, o quê não sei.”, ou então “Olhe menina eu aqui não gosto de nada!”, manifestando uma clara incapacidade de materializar o tudo e o nada em três tópicos concretos. Esta barreira ao preenchimento dos inquéritos foi identificada na aplicação dos mesmos tanto aos comerciantes, como aos residentes. Tivemos ainda o extremo desta situação, com um morador que ao ser inquirido e face ao pedido de enunciação de três aspetos que gostasse na rua, se limitou a dizer que não gostava de nada, que não se conseguia lembrar de nada que pudesse gostar, e que se recusou a enunciar algum aspeto, pedindo para colocar apenas que não há nada para gostar na rua. Esta dificuldade pode personificar até certo ponto a atitude *blasé* enunciada por Georg Simmel, que se refere a esta como a “[...] indiferença perante as distinções entre as coisas. [...] surgem à pessoa blasé num colorido homogéneo, monótono e cinzento, sem que alguma delas possa ser preferida a outra.” (Simmel, 1997, p. 35)

No que diz respeito aos comerciantes da Rua dos Caldeireiros houve dois aspetos que foram sendo enunciados pela maioria dos inquiridos, como um dos aspetos que estes gostam na rua em causa. Primeiramente, a vizinhança foi o aspeto mais referido pelos comerciantes, enunciado pela sua maioria absoluta, correspondente a 57,9% dos sujeitos, sendo um aspeto que aparece em onze dos dezanove inquéritos realizados. Para além da vizinhança, um outro aspeto foi referido por grande parte dos inquiridos. Destacado por nove comerciantes, o facto de estarem numa zona histórica e rústica, é a segunda dimensão que os inquiridos mais gostam na mesma, correspondendo a percentagem de 47,4%. A localização da rua, o facto de se encontrar na baixa, perto de tudo, é o terceiro aspeto mais mencionado, este já por apenas quatro comerciantes, equivalendo a 21,1% dos mesmos. Foram ainda sendo enunciados outros aspetos da rua como a tipicidade das casas, o contacto próximo e pessoas com os clientes que este tipo de comércio proporciona e o convívio.

Ao analisarmos os dados obtidos quanto a esta questão, verificámos um apontamento interessante e algo contraditório, que vem demonstrar o quão pessoais, diferentes e díspares podem ser as representações sociais que os sujeitos, neste caso ambos comerciantes,



desenvolvem acerca do mesmo espaço urbano, variando de acordo com aquela que é a vivência pessoal do mesmo. Falamos, por exemplo, do facto de por um lado, um comerciante ter destacado como um dos aspetos que mais gosta na rua, estar a verificar-se cada vez mais um aumento do fluxo de turistas na mesma e, por outro lado, um outro comerciante ter considerado para o mesmo fim o facto da Rua dos Caldeireiros ser muito pouco turística. Desde logo, a forma como estes dois comerciantes interpretam o dia-a-dia na rua é distinto; não está aqui em causa se de facto estatisticamente um está correto e outro errado, se realmente se verifica um aumento da procura turística ou não. O que está aqui a ser tomado em consideração é antes o facto de dois sujeitos, olharem para o mesmo fluxo de turistas na rua e interpretarem-no de formas completamente opostas e ambos considerarem como fator positivo essas suas díspares representações.

Quanto aos aspetos dos quais não gostam na Rua dos Caldeireiros, houve três tópicos que foram recorrentemente enunciados pelos comerciantes como sendo aquilo que menos gostam na rua. O aspeto referido pelo maior número de comerciantes foi o lixo que se vê acumulado na rua, a seu ver por falta de limpeza por parte da Câmara Municipal do Porto. Este foi então referido por 47,4% dos comerciantes inquiridos, equivalente a nove de uma amostra de dezanove. Seguidamente é a degradação dos edifícios, que é tida como um dos aspetos que os comerciantes menos gostam nos Caldeireiros, sendo destacada por oito dos comerciantes, correspondente a 42,1% dos mesmos. O terceiro tópico que menos agrada a estes comerciantes é a falta de estacionamento na rua, que foi referido por 31,6% dos inquiridos, percentagem correspondente a seis indivíduos. Outro aspeto acerca da rua que não agrada a estes inquiridos é a insegurança que se vive na mesma, destacada por 15,8%, três dos comerciantes inquiridos. Para além destes, outros aspetos foram sendo enunciados pelos comerciantes como dimensões da rua que não são tao apreciadas, tais como a droga, a falta de policiamento e a falta de movimento, cada uma delas enunciada por apenas dois comerciantes.

A questão da acumulação do lixo e da responsabilidade da Câmara sobre a mesma surgiu também no discurso do proprietário da Casa Xavier, ao declarar que costumavam existir na rua diversos contentores do lixo e um vidrão, no entanto, estes foram a dada altura retirados pela Câmara, sendo o resultado dessa ação o que denomina de “uma lixeira todos os dias”. A seu ver, principalmente o vidrão era fundamental, pois, tendo em conta que esta é uma rua com muita restauração, este encontrava-se sempre cheio. Como consequência de deixar de haver vidrão na rua, as garrafas vão para o chão, tornando-se mesmo uma questão de segurança e saúde pública. O entrevistado mostrou-se muito indignado pois, apesar de ele próprio ter ido à Câmara Municipal do Porto, expor o assunto e de esta ter enviado um fiscal

para avaliar a situação, esta manteve-se até agora inalterada. Relativamente à questão da droga considera que a rua já esteve pior, estando agora mais limpa e mais calma, declarando que esta:

“[...] tem atravessado varias fases. Como lhe falei à bocado houve ai a parte da prostituição que era desagradável. Houve aqui uma altura de droga, negócio de droga, que foi muito prejudicial, que agora felizmente está mais limpo...” [CASA XAVIER]

O entrevistado não concorda com a opinião dos dois inquiridos que consideram que a rua tem muito pouco movimento, sendo este uma das características negativas da mesma. Em oposição, estes comerciantes considera que um dos aspetos caracterizadores desta rua é o grande movimento quer de transeuntes como de veículos, considerando que “há dias que isto parece domingo todos os dias”.

Em oposição aos 15,8% dos comerciantes inquiridos que consideram a insegurança da rua como um dos aspetos negativos da mesma, um dos comerciantes destaca a segurança como sendo uma das dimensões que mais aprecia na Rua dos Caldeireiros. Igualmente, no decorrer da sua entrevista, a representante da Yours Porto descreve a rua como sendo segura, quer durante o dia, quer durante o período noturno. Mais uma vez podemos constatar quão díspares podem ser as representações de determinado espaço urbano, de indivíduo para indivíduo. Os Caldeireiros são como podemos verificar, e continuaremos a fazê-lo através da constatação de inúmeras oposições, vivenciados, representados e apropriados de diversas formas, sendo estas questões muito singulares, muito específicas ao que são as vivências, as práticas de cada indivíduo, devendo ser compreendidas na sua singularidade, não podendo portanto fazer destas um regra geral. Esta constatação que temos vindo a verificar, e que continuaremos a demonstrar, no capítulo posterior, que nos fala de contrastes e oposições, vêm verificar o nosso modelo de análise. Aqui a empiria vem confirmar as relações que tínhamos estabelecido através de um modelo de análise teórico, vindo-se a verificar, por meio destas constatações, as hipóteses três e quatro. A terceira que estabelece uma relação entre as relações sociais e práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos, neste caso comerciantes e moradores da Rua dos Caldeireiros, e as representações que os mesmos têm acerca do espaço, aqui a rua em causa, influenciando as primeiras, esta última. Por seu turno, a quarta hipótese diz-nos que essas mesmas relações e práticas sociais influenciam as apropriações que os indivíduos fazem do espaço.

Tal como a questão da (in)segurança, também o ambiente da rua e a vizinhança, são questões que ora são apontadas por alguns como aspetos que gostam na rua, ora são apontadas por outros como tópicos que não gostam na mesma. O mesmo se verifica quanto à realidade

da atividade comercial nos Caldeireiros. Face a esta, dois dos comerciantes inquiridos destacaram o comércio na rua, bem como a crescente abertura de novos estabelecimentos comerciais como características positivas da rua, e, um outro mostra uma perspetiva oposta destacando a cada vez mais inexistente atividade comercial como um dos fatores que menos gosta na mesma. Há, portanto, comerciantes a olhar para o comércio na rua e descreverem-no como estando a “morrer”, e outros que olham para o mesmo fluxo de comércio e o vêem a “renascer”.

Os moradores da Rua dos Caldeireiros a quem tivemos oportunidade de aplicar os inquéritos por questionário mostraram-se mais coesos e menos diversificados quanto aos aspetos que gostam nesta rua, verificando-se uma diversidade de características menor do que as apresentadas pelos comerciantes. Tal como verificámos na análise dos dados dos inquéritos aos comerciantes, o tópico a que mais vezes foi referenciado pelos moradores foi a vizinhança, destacado pela maioria absoluta, representando 66,7% dos mesmos (seis de nove inquiridos). Uma das moradoras fez questão de deixar claro que apesar de ter dito uma das coisas que mas gosta na rua é a vizinhança, estava a falar não de todos os vizinhos mas, em específico, dos “vizinhos antigos, porque os de agora não falam nem interagem com a gente”. Indo ao encontro deste testemunho, segundo Georg Simmel, na vida na metrópole “[...] a atitude mental das pessoas, umas com as outras, pode ser tida como sendo, formalmente, uma atitude de reserva. [...] esta atitude de reserva, que nos permite ignorar vizinhos de longa data e, com notável frequência, surgir aos olhos do bairro com distância e indiferença.” (Simmel, 1997, p. 36) Para o autor, esta atitude é tida porque assegura aos sujeitos liberdade pessoal, tentando não ser abrangidos pelas “trivialidades e preconceitos típicos das pequenas localidades”. (IDEM, *Ibidem*)

No que diz respeito a este tópico, Hélder Pacheco fala-nos, no decorrer da sua entrevista, da evolução das relações de vizinhança, considerando que na Rua dos Caldeireiros a passagem do tempo não levou somente à degradação dos edifícios, como também à crescente degradação das relações sociais. Podemos constatar a forma como percebe a evolução das mesmas ao longo do tempo nesta sua afirmação:

“Haviam fortíssimas relações de vizinhança, de entreajuda. Ninguém morria de solidão, era impossível morrer de solidão, hoje morre-se de solidão nos Caldeireiros [...] vai-se perdendo o sentimento de certos valores comunitários, as relações de vizinhança foram estilhaçadas... ainda existem em algumas zonas da cidade, mas não sei quanto tempo vão existir. Essas relações de vizinhança existiam muito nos bairros

operários, existiam muito nas ilhas, não é? Ahm na Vitória já não existem, pelo menos nos Caldeireiros.” [H.P.]

Depois da questão da vizinhança, foi a localização da rua a mais enunciada, sendo seleccionada por cinco dos inquiridos como um dos aspetos que mais apreciam na mesma, correspondendo a 55,6% da amostra. Por fim, o terceiro aspeto que mais vezes se enunciou foi o ambiente, este já apresentando uma percentagem de apenas 33,3%, correspondente a três moradores. Para além destas três, outras características tidas como positivas foram aparecendo nos discursos. Falamos de questões como antiguidade e o cinzento, havendo uma moradora que fez a seguinte afirmação: “O que mais gosto aqui é o cinzento, porque por detrás destes edifícios estão histórias e tradições muito antigas, eu gosto dos Caldeireiros por ser uma rua antiga”.

O barulho que se faz sentir na rua apareceu como uma questão não linear ao analisar a opinião de dois inquiridos. Um considera o barulho da rua, como a música de se faz ouvir em algumas das casas, as pessoas a conversar nos passeios, o ruído agradável que sai das tascas e casas de pasto, o barulho das discussões que por vezes ocorrem na rua e até dentro das casas, como um dos aspetos que mais lhe agradam nos Caldeireiros, descrevendo o barulho como uma sonoridade que lhe é agradável aos ouvidos. Para este inquirido é o conjunto de todas estas sonoridades que lhe faz sentir em casa, que resume o dia-a-dia da rua. Por outro lado, um outro morador mostra uma opinião oposta, declarando que esta é uma rua muito barulhenta, onde não há descanso, sendo por isso uma das coisas que menos lhe agrada na mesma. Mais uma vez temos aqui presente a questão das sonoridades urbanas (Casaleiro, Quintela, 2008), como distinta pode ser representação sonora da rua e, como esta têm influência na forma de representar o espaço em causa, neste caso a Rua dos Caldeireiros. “As paisagens sonoras sublinham diferentes modos de apropriação e fruição dos espaços, mas também indiciam fronteiras (simbólicas) dos diferentes espaços urbanos, apesar da fluidez do som.” (IDEM, *Ibidem*, p. 9)

Posto isto, constatámos alguns aspetos que são encarados, quer por moradores, quer por comerciantes como características positivas na rua, que são por estes apreciadas. Falamos dos seguintes tópicos: a vizinhança, o ambiente e a localização desta rua. Por outro lado, podemos também identificar aspetos que não são comuns a estes dois grupos de sujeitos. Exemplo disso é o facto de a rua estar situada numa zona histórica, considerado pelos comerciantes como um dos aspetos que gostam na rua, não sendo no entanto referido por nenhum dos moradores inquiridos.

Quanto aos aspetos que os moradores não gostam na Rua dos Caldeireiros, o lixo na rua e a degradação dos edifícios, os tópicos mais referenciados pelos comerciantes, apenas foram enunciados por três e dois moradores, respetivamente. A maioria absoluta dos residentes inquiridos considerou a falta de estacionamento como uma das coisas que não gosta nos Caldeireiros, referenciado por seis dos nove, equivalendo a 66,7% da amostra, sendo este apenas o terceiro aspeto mais enunciado pelos comerciantes. Enquanto estávamos no terreno, no decorrer da aplicação dos inquéritos, conseguimos perceber o quanto esta questão do estacionamento incomoda alguns dos moradores desta rua, através das conversas que fomos ouvindo. Encontrámos quatro moradores a conversar, dois na janela de sua casa e outros dois na rua, num tom algo revoltado acerca deste assunto. Um dos quatro, o que se mostrou mais contestatário, declarou estar muito indignado e revoltado pelo facto de os moradores não poderem estacionar os seus veículos na rua onde residem, isto devido ao facto de ter sido colocado a meio da rua um meco para controlo de tráfego, que durante um período de tempo fica levantado de forma a impedir a passagem de viaturas. Este morador declarou mesmo ter chamado o Jornal de Notícias e a SIC para a realização de uma reportagem acerca desta situação, afirmando ainda que iria dormir ao lado do meco até que este fosse retirado e os moradores pudessem circular e estacionar os seus carros a qualquer altura do dia.

Esta questão do meco foi também destacada nas duas entrevistas a comerciantes que realizámos. O mais antigo, proprietário da Casa Xavier, considera que estas restrições de trânsito não só afugentam as pessoas da rua, como também prejudicam o seu próprio negócio. Tendo em consideração que grande parte dos seus clientes tem mobilidade reduzida e que tem de se deslocar de carro, este tipo de medidas vem dificultar a chegada ao estabelecimento. A seu ver, a própria configuração das ruas, faz com que seja difícil às pessoas encontrarem a Rua dos Caldeireiros, tendo muitos clientes que precisam de orientações exatas para conseguir fazê-lo. Por sua vez, para a representante da Yours Porto esta é uma das situações onde mais se consegue vislumbrar o que chama de solidariedade entre vizinhos, estes que se uniram em prole de conseguir chegar a um consenso, a uma decisão que de alguma maneira agradasse a todos, o que na sua opinião não é, à partida, uma tarefa fácil. Segundo François Ascher, esta não é uma situação muito frequente, visto que “Na metápole, as solidariedades, as práticas colectivas, a consciência de interesses comuns só muito raramente se estabelecem na base da proximidade.” (Ascher, 1998, p. 99)

No entanto, para esta, mais do que a tentativa de limitar o tráfego da rua, há uma outra situação que a incomoda mais, nomeadamente a instalação de um semáforo à porta do seu estabelecimento comercial. Acerca disto mostra o seu desagrado, afirmando que:

“Porque temos de ter espaços para pessoas com mobilidade reduzida mas depois colocam um semáforo à porta. Portanto é muito, às vezes as pessoas são muito coerentes nesse pronto, obrigam-nos, temos imensas regras por causa da mobilidade e depois pumba, um semáforo aqui à porta e nós, pronto, onde é que está a mobilidade tão defendida?” [YOURS PORTO]

Estes testemunhos de união da população, a tentativa de fazerem valer os seus direitos, de fazerem ouvir a sua vontade, a sua opinião, neste caso em relação à colocação de um meco no meio da rua, faz-nos pensar no conceito de direito à cidade, de Lefebvre, “Este direito aplica-se a todos os residentes, enquanto indivíduos que interagem socialmente no contexto urbano e afirmam a necessidade de uma presença ativa e participação.”<sup>33</sup> (Bettin, 1982, p. 133)

Também enunciados pelos moradores como aspetos que não gostam na rua dos Caldeireiros foram, o lixo acumulado na rua e a vizinhança, ambos com uma percentagem de 33,3%, correspondente a três dos nove inquiridos. Tal como já havíamos notado na análise das respostas dadas pelos comerciantes, também quanto aos moradores verificámos a existência de algumas disparidades quanto à forma de representar e perceber a Rua dos Caldeireiros. Face a isto encontrámos tanto inquiridos que apontam o ambiente, a vizinhança e o barulho como dimensões que são positivas, que apreciam na rua, como inquiridos que apontam exatamente os mesmos aspetos como algumas das dimensões que não gostam na mesma. Quanto à questão da vizinhança, um dos moradores declarou que gostava do convívio e união que outrora existia entre vizinhos na rua, estes que se têm vindo a perder, desvanecendo-se o conceito de vizinhança “porque vieram viver muitos bêbados e marginais para a rua que trouxeram o problema das drogas”. Enquanto esta afirmação estava a ser feita, um outro senhor, que vivia na casa ao lado, encontrava-se visivelmente embriagado, tentando interromper por variadas vezes a conversa. Estes ‘problemas’, na opinião deste morador, poderiam ser resolvidos e evitados se houvesse uma maior união entre os moradores, que “fincassem o pé”, e mostrassem o seu desagrado face a determinadas situações.

Os moradores inquiridos apresentaram ainda outros tópicos como características da rua que não lhes agradam. Foram enunciadas a questão da insegurança, do processo de gentrificação associado ao processo de restauração dos edifícios, e ainda o facto de a rua ser muito parada. Um dos residentes a quem aplicamos o inquérito declarou que no passado esta era uma rua com um espírito tipicamente bairrista, sendo a rua era um espaço de socialização

---

<sup>33</sup> “Este derecho corresponde a todos los habitantes en cuanto sujetos que interactúan socialmente dentro del marco urbano y afirman la exigencia de una presencia activa y de su participación.”

por natureza, características que, a seu ver, se tornam cada vez mais difíceis de encontrar nos Caldeireiros. Apesar de antigamente ser uma rua muito conhecida pelas “meninas da vida”, esta era uma rua, aos olhos deste mesmo inquirido, cheia de vida e de comércio, aspetos que se sobrepunham às dimensões menos positivas da mesma. Segundo Ascher, as cidades, como centros de profundas mudanças sociais, assistem exatamente a um declínio deste espírito bairrista e da sua função, as “[...] sociabilidades enraízam-se menos na empresa e na vizinhança: a vida quotidiana desdobra-se simultaneamente na habitação e nos locais públicos metropolitanos, ao mesmo tempo que o bairro perde uma parte das suas funções tradicionais. [...] os dispositivos locais, enfraquecidos [...] desempenham cada vez menos [...] o papel de integração nacional que lhes era particularmente próprio.” (Ascher, 1998, p. 180-181) Segundo o autor, verifica-se um enfraquecimento das relações sociais emocionais e de proximidade, uma progressiva dificuldade em se desenvolver um sentimento de pertença a uma coletividade local e, igualmente, um progressivo obsoletismo dos espaços e mecanismos de vizinhança, bem como dos equipamentos de bairro. (IDEM, *Ibidem*).

A questão da degradação dos edifícios é também apontada como um aspeto que não agrada aos moradores, esta aliada ao aparecimento de um cada vez maior número de hostéis. Estes últimos são vistos como muito desagradado por um dos moradores inquiridos, que consideram que a instalação dos mesmos na rua não é bem-vinda por trazer ao Caldeireiros pessoas que nada têm a ver com os mesmos. A mesma opinião se manifesta em relação aos novos moradores das casas restauradas, pessoas que adquirem as casas e as restauram, ou já depois de restauradas e de verem aumentado o seu valor no mercado, e que passam a residir na rua, sem nada terem a ver com a mesma e, por isso, não se preocupando com questões que ao nível da rua dizem muito aos moradores mais antigos. Desta forma, e algo relacionado com o processo de gentrificação associado ao processo de restauração e revitalização do centro histórico da cidade do Porto, “Muitas vezes, há um ressentimento por parte desses moradores, que vêem o seu bairro ‘invadido’ por uma cultura estranha com padrões de consumo diferentes daqueles de uma classe economicamente mais baixa.” (Bernhardt, 2005, p. 3)

Tal como se verificou quanto aos aspetos que os inquiridos gostam na Rua dos Caldeireiros, também no que diz respeito aos que não gostam conseguimos encontrar semelhanças entre as opiniões de comerciantes e residentes. Quer um grupo quer outro focaram o ambiente, o barulho, a degradação dos edifícios, o tráfico de droga, a insegurança e a falta de movimento como tópicos caracterizadores da rua dos quais não são muito apreciadores.

Por outro lado, conseguimos também identificar algumas dimensões que afetam e têm uma influência direta sobre os comerciantes e os seus estabelecimentos comerciais, e que por isso mesmo apenas são enunciadas por estes, não sendo referidas pelos moradores da rua, tando ao nível do que gostam como do que não gostam nesta rua. No que diz respeito aos aspetos que os sujeitos gostam na Rua dos Caldeireiros, dimensões como o aumento da procura turística, a abertura de novos negócios, o comércio e o contacto com os clientes, apenas foram enunciados por comerciantes. Da mesma forma, quando pedimos aos inquiridos que apontasses três aspetos que não gostassem na rua, apenas os comerciantes mostraram alguma preocupação face à diminuição do comércio na Rua dos Caldeireiros, não havendo nenhum morador a tocar nesta questão. Detetamos, desta forma, uma influência das práticas sociais, dos usos que os sujeitos fazem do espaço urbano, sobre a forma como estes o representam e vivenciam o mesmo, tal como apresentámos no nosso modelo de análise.

## **9.2 – Uma rua representada com contrastes e oposições**

Por fim, aquando da aplicação do inquérito por questionário, pedimos aos inquiridos para escolherem uma única palavra que resumisse o que, aos seus olhos, é a Rua dos Caldeireiros. Ao analisarmos os dados provenientes desta questão foi-nos possível constatar que a rua é encarada pela maioria da população de comerciantes de uma forma positiva, sendo que apenas 21% da mesma, correspondente a quatro sujeitos, fazem uso de palavras com conotação negativa, com recurso aos seguintes adjetivos: rua suja, morta, deserta e esquecida. No entanto, o facto de a rua se encontrar deserta e esquecida é encarado por duas comerciantes, ambas na casa dos trinta anos, como sendo um ponto francamente positivo, manifestando-se contentes pelo facto de a movida e a noite portuense ainda não ter chegado a este lado da Vitória.

Esta posição foi partilhada pela representante da Yours Porto que, em entrevista, declarou que o facto de a noite portuense, nos moldes em que existe no outro lado da Vitória, nas Galerias de Paris, ainda não ter chegado a este lado não é necessariamente um aspeto negativo, apesar de ter potencial para trazer mais movimento à rua. Na opinião desta entrevistada trona-se fundamental a existência de dois conceitos, podendo ser interessante o investimento na criação de um ou outro ponto noturno nos Caldeireiros, ou ruas circundantes, desde que este não reproduza os moldes já existentes. Acerca desta possibilidade esta afirma que:

“[...] eu acho que é preferível as pessoas irem lá para o barulho e depois virem aqui só para se sentarem na rua, na esplanada e conversarem. Portanto, faz falta as duas coisas,



não é? Terem um local calmo onde possam jantar, com calma, no nosso jardim, e tarem ali sem, longe da confusão, acho que é uma alternativa que temos, acho que se as coisas forem exploradas, porque se não é mais do que já há.” [YOURS PORTO]

Uma das alternativas, por ela apresentada, ao que existe no outro lado passa pela criação de mais esplanadas. No entanto, a entrevistada reconhece algumas dificuldades associadas à criação deste tipo opções, essencialmente devido a própria natureza da rua, esta que é caracterizada por ter muito trânsito, que praticamente não tem largura de passeios, acrescido ao facto de que aquilo que existe é ocupado para estacionamento. Temos aqui uma exemplificação da segunda hipótese teórica por nós enunciada no modelo de análise, com o espaço urbano, aqui a Rua dos Caldeireiros e a sua topografia a influenciar e condicionar as práticas sociais desenvolvidas no mesmo.

O proprietário da Casa Xavier, também se manifesta quanto à questão da animação noturna e, na sua opinião, este é um cenário que se está a começar a recompor, começando a ter um leque de condições bastante favoráveis à instalação de negócios direccionados para a noite deste lado da Vitória.

Por outro lado, quando às palavras enunciadas pela amostra de moradores da Rua dos Caldeireiros, não verificámos a existência de uma imagem tão demarcada, como no caso dos comerciantes, fazendo uso essencialmente a vocábulos com uma conotação neutra, tais como histórica e sossegada. Apenas identificámos dois inquiridos a utilizar quer palavras com conotação positiva, nomeadamente, fixe e linda, quer com uma conotação negativa, neste caso com as palavras rua complicada e rua de bêbados.

Da análise das palavras que foram enunciadas para descrever a Rua dos Caldeireiros, podemos perceber também a existência clara de alguns opostos interessantes, que mais uma vez demonstram quão distintas podem ser as representações sociais acerca de um mesmo espaço urbano, os quais irão ser alvo da nossa atenção deste momento para a frente.

Acerca disto, constatámos que ao passo que alguns comerciantes olham para a rua numa perspetiva do passado, declarando ser uma rua essencialmente histórica e típica, outros encaram-na, por sua vez, numa perspetiva de futuro, declarando mesmo que “Os Caldeireiros são o futuro”, são futuro do comércio na baixa do Porto. Podemos verificar aqui alguma diferença geracional quanto à forma de representar a rua, visto que os sujeitos que a descrevem apontando para o passado têm idades superiores quarenta anos, nomeadamente quarenta e quatro, cinquenta e seis, sessenta e oito e sessenta e sete, ao passo que o comerciante inquirido que a olha numa perspetiva de futuro tem apenas trinta e quatro anos de idade. Uma outra oposição verifica-se quando, por um lado há comerciantes que vêm esta rua

como estando morta, sendo pacata e muito sossegada e, por outro há os que a descrevem como uma rua fervilhante de animação e energia, onde nunca há sossego. Apesar de haver uma supremacia dos comerciantes mais velhos a identificarem a rua no seu estado mais sossegado e parado, estes na casa dos oitentas, setentas e cinquenta anos, encontramos também um comerciante com apenas trinta e dois anos a identifica-la como estando deserta. O mesmo se passa do outro lado, visto que temos a destacar o lado movimentado e desperto da rua, quer um comerciante com trinta e oito anos, quer outro com cinquenta e dois.

Por fim, um último contraste está patente na representação da Rua dos Caldeireiros, por uns comerciantes de um ponto de vista pessoal e, por outros, de forma mais impessoal. Exemplo de uma descrição da rua de forma pessoal é a declaração, realizada por uma das inquiridas, de que esta “É a minha rua”. De estacar é o facto de esta ser uma proprietária de um estabelecimento comercial, com apenas trinta e dois anos, que tem negócio aberto nos Caldeireiros apenas há um ano, nunca tendo vivido nos Caldeireiros ou lá perto. No entanto, esta considera que um ano de contacto intenso e direto com esta rua, com as pessoas que lá vivem, com o seu dia-a-dia, foi o suficiente para se apropriar da mesma como se fosse dela, como se lá vivesse desde sempre. Por sua vez, do ponto de vista mais impessoal temos os comerciantes que consideram que a melhor palavra para descrever a Rua dos Caldeireiros é o turismo, declarando que a rua vive e sobrevive para e do turismo, não significando para eles muito mais do que isso.

No discurso proferido pela representante da Yours Porto, ao longo da sua entrevista, conseguimos identificar um tipo de relação emocional pessoal com a Rua dos Caldeireiros. O trecho abaixo citado é algo extenso, mas consideramos fundamental a sua apresentação pois retrata isso mesmo, esta rua apropriada pela comerciante, e descrita com uma conotação pessoal e de proximidade, notando-se na entoação do seu discurso oral um certo carinho e preocupação, não encarando este espaço unicamente como o seu local de trabalho. Posto isto, a entrevistada descreve os Caldeireiros da seguinte forma:

“[...] estamos situados aqui no centro do Porto, numa das ruas mais antigas, que é uma das coisas que mais que nos mais dá orgulho, que foi o nosso pequeno contributo para restaurarmos esta, para recuperarmos esta rua. Nós já demos o nosso primeiro contributo e acreditamos que aos poucos esta rua que se está a perder, que aos pouco se vai voltar a virar [...] aos pouquinhos vamos trazendo as pessoas de novo para os Caldeireiros, que é uma das ruas mais emblemáticas da cidade. [...] acho que estamos no bom caminho, não somos muitos mas aos pouquinhos estamos a tentar fazer algo pela nossa rua ahm acho que já toda a gente adotou a rua como sua, e tenta fazer o que

está ao seu alcance, à sua maneira, para que se um dia lermos alguma coisa ou se faça algo aqui de importante, nós sabermos pá fomos nós que ajudámos que se voltasse a falar dos da rua dos Caldeireiros.” [YOURS PORTO]

Quanto às palavras que foram enunciadas pela amostra de moradores, também aqui conseguimos identificar alguns contrastes. No entanto, neste caso, as oposições quanto à forma de olhar a rua não pareceram tão óbvias quanto no caso dos comerciantes. Em primeiro lugar, tal como já havíamos referido, apesar de os moradores terem selecionado, na sua maioria, palavras com uma conotação neutra, podemos também encontrar alguns inquiridos que enunciaram palavras com uma conotação positiva para resumir a Rua dos Caldeireiros, ao passo que outros optaram por expressões mais negativas. Um dos moradores escolheu a palavra linda para resumir a rua, declarando que, apesar de tudo aquilo que havia para não gostar nos Caldeireiros, para ele, esta continuaria sempre a ser, tal como no passado, uma rua linda. Um outro, olhando para a rua de uma forma completamente distinta do anterior, declara que esta é, resumidamente, uma rua de bêbados, nos quais ele próprio se inclui.

Alguns dos contrastes que havíamos identificado pela análise das palavras enunciadas pelos comerciantes repetem-se nas escolhas dos moradores. Uma das oposições que já havíamos verificado, e que agora se repete, prende-se com o facto de que para um dos residentes esta rua ser vista essencialmente como uma rua sossegada e, em oposição, um outro inquirido a considerar uma rua extremamente movimentada. Uma outra situação de contraste que se repete é o olhar de uns para a Rua dos Caldeireiros de um ponto de vista muito pessoal, face ao olhar de outros com um carácter mais impessoal. Quanto ao primeiro, este pode ser exemplificado através da expressão de uma das moradoras, que nos descreve a rua da seguinte forma: “É o meu porto”. Quanto à posição mais impessoal, esta constata-se na afirmação de um outro morador, que apenas se limita a descrever a rua dizendo simplesmente que estes “São os Caldeireiros”. Por fim, é igualmente acionada a perspetiva de passado dos residentes sobre a rua através da escolha da expressão “histórica”, não havendo, no entanto, ao contrário do que verificamos para os comerciantes, o olhar os Caldeireiros pela perspetiva oposta, de futuro. Aqui, contrariamente à tendência que verificámos no que diz respeito aos comerciantes, foi um morador de vinte e seis anos a descrever a rua numa perspetiva de passado.

Nas entrevistas que realizámos aos dois comerciantes, não lhes foi pedido que escolhessem uma palavra que melhor considerassem descrever a rua, pois já o havíamos feito nos inquéritos por questionário, aos quais ambos tinham respondido. No entanto, no discurso elaborado pela representante da Yours Porto, houve uma palavra que foi utilizada com grande

frequência, e à qual a entrevistada atribuiu especial ênfase. Essa palavra é “potencial”. A seu ver os Caldeireiros são uma rua com muito potencial, com muitas potencialidades para as mais diversas áreas do comércio. É neste sentido que olha positivamente a existência de inúmeros prédios degradados na rua, considerando que estes não são, ou não têm de ser, a imagem de uma rua esquecida, mas, por outro lado, que estão prontos para serem recuperados e utilizados para inúmeros fins, seja para habitação própria, ou para comércio. Apesar deste otimismo, considera que o potencial que vê na rua poderá não estar a ser reconhecido pelos demais e, consequentemente, devidamente aproveitado. Como ilustração desta realidade, dá o exemplo da Capela Nossa Senhora da Silva, que se encontra situada mais ou menos a meio da Rua dos Caldeireiros, e que, na sua opinião, muito pouco tem dado à rua. A seu ver, isto é algo que acontece porque esta não está a ser devidamente explorada, podendo ser recuperada e explorada como fonte de potencial, podendo, dessa forma, tornar-se num ponto de curiosidade, destaque e atração nos e para os Caldeireiros, essencialmente no que diz respeito aos turistas. Desta forma, encontra neste pequeno espaço potencial para trazer uma nova vida a esta rua, mas apenas se o mesmo for reconhecido.

Um outro tema que foi abordado pelos comerciantes em ambas as entrevistas realizadas foi o da imagem que a Rua dos Caldeireiros passa para aqueles que não lhe são próximos, que não são nem residentes, nem comerciantes na mesma. Ambos falaram um pouco acerca da imagem é que esta tem para os transeuntes e até que ponto essa imagem a seu ver corresponde de facto à realidade. O comerciante mais antigo, proprietário da Casa Xavier, afirmou prontamente que as pessoas que não a conhecem de perto têm uma imagem errada da rua. Por consequência de realidades que fazem parte da história da rua, como a prostituição e a droga, que ficam gravadas na memória dos sujeitos, considera que há um grande receio, que não é fundamentado, em circular na rua, na maioria das pessoas que não a conhece de perto. Este entrevistado constata que, pelo menos que seja do seu conhecimento, nunca houve um assalto nesta rua, considerado mesmo que as pessoas são mais facilmente assaltadas em ruas mais movimentadas, mais apreciadas e com mais comércio, como a Rua Santa Catarina a 31 de Janeiro. No entanto, a seu ver este é um receio que verifica mais na população portuguesa do que nos turistas, que por não terem um pré conceito sobre a rua não têm enraizado esse receio.

A representante da Yours Porto é da mesma opinião, considerando que este receio da rua se encontra mais presente na população nacional, adicionando a esta a desvalorização e desinteresse pelo espaço urbano, pelos edifícios, pela história, constatando que

“Os portugueses têm mais receio, ou se calhar têm mais, até diria um bocadinho, preconceito, de passar e acaba por só passar na rua principal e, o turista já não, já quer explorar, ver e saber o que é e, mesmo quando olha para ali e pergunta se aquilo é um casa, para a igreja da Senhora da Silva, o que é, se está aberta, não está, pronto. O português não, passa e segue, enquanto o turista valoriza, olha e diz opá olha está aqui uma casa recuperada, por exemplo, o português passa e diz opá só casas velhas. É uma questão, lá está, é uma questão de mentalidade e estar desperto para.” [YOURS PORTO]

Por outro lado, a entrevistada nota também alguma indiferença, mais uma vez na população portuguesa, face ao estado dos imóveis, esta que critica o estado de degradação em que se encontram os edifícios em todo o espaço urbano do Porto, e simultaneamente não valoriza o esforço de recuperação que vem sendo feito em algum desses edifícios. Na sua entrevista esta desenvolve ainda a questão da imagem que os Caldeireiros transmitem de uma outra forma, olhando para as pessoas que outrora já conheceram os Caldeireiros de perto e que com o passar do tempo se foram afastando. Estas pessoas tinham uma imagem da rua baseada no passado, que não corresponde à realidade atual. Segundo ela, algumas das pessoas que retornam aos Caldeireiros, através de uma ida ao restaurante da Yours, por exemplo, ficam surpreendidas, umas positivamente, outras negativamente. Positivamente porque o passar do tempo mudou a imagem que estas tinham da rua, vêm que a rua está aos poucos a ser recuperada, a voltar a ter o vigor de anos passados. Outras ficam negativamente surpreendidas porque consideram que esta é uma rua com muito potencial, constatando, no entanto, que ainda se verifica uma grande degradação do edificado na mesma.

Apesar da geral indiferença dos portugueses, segundo a representante da Yours Porto, cada vez mais se encontram indivíduos que notam diferenças na rua e que sentem curiosidade em “voltar às origens”, porque tinham uma experiência pessoal com a rua quando eram mais novos, conhecendo-a como uma rua movimentada e cheia de comércio e, ao ouvir falar da Yours e de outras iniciativas têm vontade de vir ver e experienciar o ressurgimento dos Caldeireiros. Por fim, partilhando da opinião do proprietário da Casa Xavier, a entrevistada considera que as pessoas não têm uma imagem da Rua dos Caldeireiros correspondente à realidade, isto porque não têm conhecimento de toda a história por detrás desta rua. No entanto, verifica ser cada vez mais frequente, essencialmente em turistas, a curiosidade de querer saber mais sobre esta história e o porquê do nome.

Quanto ao tópico das potencialidades e limitações que o espaço urbano pode trazer às práticas desenroladas em torno do mesmo e, neste caso, à prática comercial, o proprietário da

Casa Xavier, contrariamente à representante da Yours que como já referimos consegue identificar nos Caldeireiros uma série de potencialidades, não consegue identificar muitas potencialidades. Neste sentido, considera que a única potencialidade que encontra na rua é mesmo o facto de já terem negócio aberto há tantos anos na mesma, levando a que as pessoas por já conhecerem a casa mais ou menos bem a acabem por escolher face a outras opções. No entanto, considera que, à exceção deste aspeto, a rua não traz nenhuma potencialidade ao seu estabelecimento, declarando mesmo estar a ponderar mudar o negócio para uma outra zona do Porto. A seu ver, a Rua dos Caldeireiros pode de facto trazer algumas potencialidades, mas essencialmente para hostéis, para os negócios virados para o turismo, isto porque é uma rua cada vez mais de passagem para o público estrangeiro. Para a restauração, bares e cafés também pode trazer algumas potencialidades, mas para o seu negócio este comerciante não consegue encontrar nenhuma, deparando-se mesmo com inúmeras limitações, quer pela localização, quer pelo acesso, quer pela fama, quer pelo tipo de comércio que começa a predominar na Rua dos Caldeireiros que não atrai o tipo de público que lhe seria favorável. Indo exatamente ao encontro das declarações feitas por este comerciante, Erica Bernhardt contata que “Muitos dos setores que não conseguem mais competir com essa capacidade esmagadora de produzir lucros acabam fechando ou se deslocando para outras áreas, dando espaço para novas lojas, restaurantes ou prestadores de serviços em geral voltados para uma nova elite urbana.” (Bernhardt, 2005, p. 1)

Falando ainda um pouco daquilo que é o dia-a-dia, o quotidiano na Rua dos Caldeireiros, a representante da Yours Porto, declarou, na sua entrevista, que este é um dia-a-dia típico de qualquer rua comercial. Posto isto, descreve o período da manhã como sendo essencialmente marcado por todo o processo de manutenção dos diversos estabelecimentos comerciais, principalmente ao que diz respeito às cargas e descargas, destacando uma grande entreaajuda entre comerciantes nestas situações. Seguidamente, a entrevistada declara que a rua vai acordando aos pouquinhos, as pessoas começam a aparecer, sua maioria apenas de passagem, e o movimento da rua começa a intensificar-se com o passar do dia. A Rua dos Caldeireiros é, para ela, essencialmente isto, uma rua comercial de passagem.

## **10 – Notas Conclusivas**

Concluída a análise e reflexão em torno dos dados recolhidos, conseguimos agora retirar algumas elações acerca da Rua dos Caldeireiros. Esta é uma rua que sentiu e experienciou a passagem do tempo, quer a um nível meramente visual, quer a nível social. Quanto ao primeiro, este verifica-se pelo envelhecimento e degradação progressiva da sua ‘roupagem’ externa, assumindo uma tonalidade que vai sendo mais ou menos dominante em toda a baixa da cidade do Porto, marcada pelas variantes de cinzento, pelas fachadas deformadas, enferrujadas e rachadas, podendo, olhando para algumas, verificar-se a materialização do vazio.

A nível social esta rua foi também palco de uma série de transformações por força da passagem do tempo, tais como o seu despovoamento, quer a nível dos seus habitantes, quer dos ofícios que nela existiam, por exemplo pela extinção das oficinas de caldeiraria. A rua viu, portanto, desaparecer um dos seus elementos identificativos, ficando este meramente na memória do seu nome – Rua dos Caldeireiros -, dos quais faziam parte o barulho do bater das chapas, típico destes estabelecimentos. As bases dos processos de socialização foram mudando, foi-se perdendo o que Pacheco denomina de socialização ao nível da rua, e esta, e tudo o que engloba, deixou de ser um dos elementos fundamentais para a constituição da identidade dos sujeitos.

Despovoada das duas formas, este espaço urbano viu-se progressivamente a ser abandonado, tornando-se no que Helder Pacheco denominou de terra de ninguém. Ficaram, desta forma, apenas alguns dos seus moradores, os agora existentes envelhecidos, e alguns pequenos estabelecimentos comerciais que foram resistindo a esta passagem do tempo.

A Rua dos Caldeireiros é, de facto, uma rua envelhecida. Ela própria na sua materialização física, mas também os seus moradores e comerciantes são, podemos dizer, uma população envelhecida. Não só envelhecida, como também pouco escolarizada. No entanto, apesar desta constatação, conseguimos encontrar rasgos de uma nova realidade a chegar a este território, com a emergência de novos estabelecimentos comerciais, não só eles próprios novos, como também os seus proprietários, estes agora com graus de escolarização mais elevados, trazendo uma renovada vida à rua, bem como pelas novas formas e funcionalidades que vão sendo dadas, progressivamente, aos seus edifícios degradados e devolutos.

Desde logo, identificámos na rua algumas potencialidades, mas também algumas limitações. Quanto às primeiras, identificamos o interesse crescente por parte da população mais nova em investir, em escolher esta rua para instalação dos seus negócios, o que, por si

só, poderá traduzir-se num aumento significativo do afluxo de pessoas, podendo ser um ponto crucial para o renascer dos Caldeireiros, proclamado por alguns dos comerciantes. Uma outra potencialidade é o facto de a rua ser vista pela maioria dos inquiridos de forma positiva; apesar de todos os aspetos negativos que vão sendo enunciados, o balanço final é positivo. Por fim, vemos ainda como uma possível potencialidade, esta rua significar, para alguns, o futuro, contrariando a degradação crescente que salta à vista a alguns dos sujeitos, encarando-a como uma rua morta.

Por outro lado, a grande limitação que encontramos prende-se com a questão desta zona ser muito envelhecida, aspeto que, correlacionado com número de habitações que se encontram já devolutas, poderá não revelar um futuro muito promissor na esfera da habitação. No entanto, esta limitação é atenuada com a última potencialidade que supra mencionámos, bem como pelo número de edifícios que se encontram já em processo de restauração neste espaço.

Como já referimos, a Rua dos Caldeireiros é encarada por alguns sujeitos como sendo um contexto espacial muito próprio, no qual ainda se podem verificar algumas das características que eram típicas das ruas da cidade do Porto e que têm vindo progressivamente a desaparecer. É aqui, ao nível da rua, que se verificam relações e práticas sociais muito concretas, que apenas são possíveis pelas especificidades da mesma. Para alguns, de facto, determinado espaço urbano condiciona o tipo de relações e práticas sociais que nele se podem vir a desenvolver.

Este contexto espacial, em particular, é encarado como uma tradução do verdadeiro espírito bairrista, pelo seu fechamento face à ‘confusão’ geral vivenciada na baixa, pelo conforto e acolhimento que proporciona, verificando-se, para alguns, como fomentador de um grande sentimento de solidariedade e vizinhança, que não pode ser vivenciado noutros locais da baixa. Este traduz-se em aspetos como favores entre comerciantes e relações emocionais fortes de proximidade entre os vários sujeitos que circulam diariamente por esta rua.

Verificámos ainda, com base nos dados que recolhemos, e contextualizado a este estudo de caso, uma série de opostos e contradições na forma de representar o espaço urbano, e em concreto, a Rua dos Caldeireiros, constatando-se que estas variam de sujeito para sujeito, de acordo com as suas experiências pessoais, práticas e relações sociais que vão desenvolvendo. Concluímos, no entanto, que não podemos generalizar ou categorizar as representações do espaço, neste caso as que são produzidas por moradores e comerciantes. Esta questão coloca-se porque apesar de algumas das formas de perceber a rua se apresentarem como semelhantes entre si, quer no seio da amostra de moradores, quer de



comerciantes, podendo-se verificar uma oposição entre estes dois grupos, outras surgem que se opõem, podendo ser possível a identificação de dissemelhanças entre a forma como cada grupo, entre si, representa os Caldeireiros.

Destarte, as representações, os sentidos, do espaço urbano, não são tanto determinadas pelas apropriações que os sujeitos fazem do mesmo, mas antes, pelo tipo de relações e práticas sociais que vão desenvolvendo aí. É isto que explica o facto de o comerciante mais antigo e a representante do estabelecimento comercial mais recente na Rua dos Caldeireiros terem perspetivas tão distintas de encararem as suas potencialidades e de apontarem em sentidos tão distintos o seu futuro. São, portanto, aqui determinantes, as experiências pessoais que foram tendo com e nesta rua. São estas singularidades e particularidades, na forma como o espaço é representado e apropriado, que o instituem como singular, em constante construção e reconstrução, tornando-se, por isso, num espaço vivido, num espaço social.



## **Referências Bibliográficas**

### **Atas de Congressos**

CASALEIRO, Paula, QUINTELA, PEDRO (2008) - As paisagens sonoras dos centros históricos de coimbra e do porto: um exercício de escuta. In **VI congresso português de sociologia**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. p. 1-13

NUNES, Flávio (2012) – Cidade sensorial: a dimensão sensitiva no urbanismo contemporâneo. In VIEIRA, António, COSTA Francisco, REMOALDO, Paula, orgs. – **Cidades, criatividade(s) e sustentabilidade(s): actas das viii jornadas de geografia e planeamento**. Minho: UMDGEO. p.135-140, ISBN 978-989-97394-1-3

### **Artigos de Jornais**

GOLDBERGER, Paul (1985) – “Facadism” on the rise: preservation or illusion [em linha]. **The New York Times**. (15 Jul. 1985), Disponível em: <http://www.nytimes.com/1985/07/15/nyregion/facadism-on-the-rise-preservation-or-illusion.html>

### **Artigos de Publicações em Série**

BERNHARDT, Erica (2005) – Gentrificação e revitalização: perspectivas teóricas e seis papéis na construção de espaços urbanos contemporâneos. **Revista Urbanidades**. Brasília. N.º 5 (2005), p. 1-22

FERNANDES, António Teixeira (1992) – Espaço social e suas representações. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**. Vol. II, Série I (1992), p. 61-99

HARPER, Douglas (1988) – Visual sociology: expanding sociological vision. **The American Sociologist**. Vol. 19, p. 54-70

LEITE, Rogério Proença (2008) – Localizando o espaço Público: *gentrification* e cultura urbana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N.º 83 (2008), p. 35-54

LOPES, João Teixeira (2007/2008) - Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. **Revista da Faculdade de Letras: Sociologia**. Vol. XVII/XVIII, Série 1 (2007/2008), p. 69-80

QUEIRÓS, João (2007a) - O lugar da cultura nas políticas de reabilitação de centros urbanos: apontamentos a partir do caso do Porto. **IS Working Papers**. N.º 17 (2007), p. 1-23<sup>34</sup>

QUEIRÓS, João (2007b) – Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos: considerações exploratórias a partir do caso do porto. **Sociologia, Problemas e Práticas**. N.º 55 (2007), p. 91-116

QUEIRÓS, João (2013) – Precariedade habitacional, vida quotidiana e relação com o estado no centro histórico do porto na transição da ditadura para a democracia. **Análise Social**. Vol. XLVIII (2013), p. 102-133

SARMENTO, João (2003) – Variações sobre o urbanismo pós-moderno. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**. Vol. XIX, série I (2003), p. 255-265

### **Monografias**

ASCHER, François (1998) – **Metapolis: acerca do futuro da cidade**. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-898-3

BETTIN, Gianfranco (1982) – **Los sociólogos de la ciudad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. ISBN 84-252-1122-0

CAMPENHOUDT, Luc Van, QUIVY, Raymond (2008) – **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-972-662-275-8

---

<sup>34</sup> Versão portuguesa da comunicação apresentada pelo autor na *First International Conference of Young Urban Researchers* (Lisboa, ISCTE, 2007), intitulada “The role of culture in urban regeneration policies: research notes drawn from Porto’s case”

CORBETTA, Piergiorgio (2003) – **Social research: theory, methods and techniques**. London: Sage Publications. ISBN 0-7619-7253-6

GHIGLIONE, Rodolphe, MATALON, Benjamin (1992) – **O inquérito: teoria e prática**. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-01-X

GONÇALVES, António Custódio (2006) – Estruturas espaciais e práticas sociais: o caso da cidade do porto. In BALSA, Casimiro, org. – **Relações Sociais de Espaço: homenagem a jean remy**. Lisboa: Edições Colibri. (CEOS – Investigações Sociológicas, FCSH-UNL). ISBN 972-772-604-6

HARVEY, David (1989a) – **The urban experience**. Oxford: Blackwell Publishers. ISBN 0-631-16224-0

HARVEY, David (1989b) – **Urbanismo y desigualdad social**. 5.<sup>a</sup> ed. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, S.A. ISBN 84-323-0252-X

LEFEBVRE, Henri (1991) – **The production of space**. Oxford: Blackwell Publishing. ISBN 978-0-631-18177-4

LOPES, João Teixeira (2002) – **Novas questões da sociologia urbana: conteúdos e «orientações» pedagógicas**. Porto: Edições Afrontamento, Lda. ISBN 972-36-0609-9

PAIS, José Machado (2002) – **Sociologia da vida quotidiana**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. ISBN 972-671-092-8

PEREIRA, Virgílio Borges (2011) – A política de habitação do estado e os seus efeitos sociais no porto contemporâneo: uma perspectiva sintética e panorâmica. In SANTOS, Carlota, coord. – **Família, espaço e património**. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». ISBN 978-989-8351-14-2

RÉmy, Jean, VOYÉ, Liliane (1994) – **A cidade: rumo a uma nova definição?**. Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0331-4

SIMMEL, Georg (1997) – A metrópole e a vida do espírito. In FORTUNA, Carlos, org. – **Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia**. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-78-8

SOJA, Edward W. (1996) – **Thirdspace: journeys to los Angeles and other real-and-imagined places**. Cambridge: Blackwell Publishers. ISBN 978-1-55786-674-5

SOJA, Edward W. (2000) – **Postmetropolis: critical studies of cities and regions**. Oxford: Blackwell Publishing. ISBN 978-1-5771-8001-2

### **Páginas e Documentos Web**

5ªCIDADE – **Carta Internacional Sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e dos Sítios. Carta de Veneza – 1964** [Em linha]. p. 1-4. Disponível em: <http://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-veneza.pdf>

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – **Carta de Washington** [Em linha]. p. 1-5. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=258>

PATRIMÓNIO CULTURAL. DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL – **Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído** [Em linha]. p. 1-6. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

PORTO VIVO, SOCIEDADE DE REABILITAÇÃO URBANA – **Zona de Intervenção Prioritária: Áreas de Intervenção Prioritária** [Em linha]. Disponível em: [http://www.portovivosru.pt/sub\\_menu\\_5\\_1.php](http://www.portovivosru.pt/sub_menu_5_1.php)

PORTO VIVO, SOCIEDADE DE REABILITAÇÃO URBANA – **Zona de Intervenção Prioritária: MasterPlan** [Em linha]. Disponível em: [http://www.portovivosru.pt/sub\\_menu\\_2\\_1.php](http://www.portovivosru.pt/sub_menu_2_1.php)

ICOMOS, COMISSÃO NACIONAL PORTUGUESA – **O Que é o ICOMOS** [Em linha].

Disponível em: <http://www.icomos.pt/index.php/o-que-e-o-icomos>

HELDER PACHECO, PÁGINA OFICIAL – **Tudo Sobre o Autor** [Em linha]. Disponível

em: <http://helderpacheco.wordpress.com/about/>





## **Anexos**

### **Anexo I – Guião da entrevista exploratória aplicada a Hélder Pacheco**

Pretendemos que esta seja uma entrevista de carácter aberto, que funcionará a título de contextualização, procurando-se absorver algum do conhecimento que terá sobre a baixa do Porto e, especificamente sobre a Rua dos Caldeireiros. Desta forma propomos que exponha de forma desenvolvida e livre os seus conhecimentos acerca dos aspetos que considerar de maior importância salientar, de acordo com a sua experiência pessoal com o espaço. Elencamos alguns tópicos, mas estes funcionarão **apenas** como uma referência orientadora para o discurso, podendo o entrevistado aborda-los pela ordem que preferir, podendo ainda abordar outros que considere importantes.

A título de referência apontamos assim os seguintes tópicos:

- Evolução histórica e social dos usos, apropriações e significados que os sujeitos atribuem ao espaço urbano, tendo em particular atenção o contexto socio-espacial em causa
- Principais histórias e acontecimentos, da rua em questão e da baixa do Porto, acerca da apropriação e relação com o espaço, quer a nível residencial, comercial e de serviços, tendo em conta uma perspectiva histórica
- Evolução histórica da apropriação do piso zero dos edifícios

**Anexo II – Exemplo de grelha de observação da situação de entrevista, por preencher**

<b>Grelha de Observação da Situação de Entrevista</b>		
<b>Entrevistado:</b>	<b>Data:</b>	<b>Local:</b>
	<b>Hora início:</b>	
	<b>Hora Fim:</b>	
<b>Caracterização Sociodemográfica do Entrevistado:</b>		
<b>Caracterização do Local:</b>		
<b>Postura e Reações do entrevistado:</b>		
<b>Interrupções:</b>		
<b>Outras Ocorrências:</b>		

### **Anexo III – Documento de consentimento informado e esclarecido**

#### **Consentimento informado, livre e esclarecido**

A realização desta entrevista insere-se no plano metodológico de recolha de dados exploratórios no âmbito da realização da tese de mestrado da aluna Priscila Eunice Ascensão Lopo, em sociologia, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação do Prof. Doutor João Teixeira Lopes, em torno do tema das apropriações, usos e sentidos conferidos pelos sujeitos ao espaço urbano, intitulada *DESPIR A CIDADE – Espaço vivido na baixa do Porto, um estudo de caso*.

A entrevista será realizada num momento e local a acordar por ambas as partes, podendo ser convenientes quer ao entrevistado quer ao entrevistador. A sua duração não está pré determinada. Sendo uma entrevista aberta, não obedecendo a um esquema de perguntas e respostas, mas antes um conjunto de tópicos a serem desenvolvidos, pela ordem e tão aprofundadamente quanto o entrevistado entender, devendo falar sobre tudo o que achar pertinente sem qualquer tipo de restrição, sendo o objetivo absorvermos o maior conhecimento possível que o mesmo tenha sobre os tópicos em questão. Desta forma, não estabelecemos qualquer limite mínimo ou máximo para a duração da mesma.

Recorreremos à gravação da entrevista em formato áudio, sendo esta ouvida unicamente pelo entrevistador, e posteriormente transcrita e analisada, podendo ser feito uso de trechos da mesma na elaboração da tese de mestrado em causa. Reservamo-nos ainda ao direito de poder vir a utilizar os materiais recolhidos futuramente em contexto de investigação científica, em conferências ou apresentações públicas.

Se acordado pelo entrevistado, a sua identidade será revelada sempre que fizermos referência ao conteúdo desta entrevista. Caso tal não se verifique a sua identidade não será revelada, garantindo-se o seu anonimato.

O entrevistado:

---

**Anexo IV – Inquérito por questionário aplicado aos comerciantes**

N.º \_\_\_\_\_

**FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

*Este inquérito está a ser realizado no âmbito da realização de uma tese de mestrado em Sociologia, denominada **DESPIR A CIDADE – Espaço vivido na baixa do Porto, um estudo de caso**. O seu principal objetivo é uma breve descrição sociodemográfica dos **comerciantes** da Rua dos Caldeireiros e levantamento de dados acerca da apropriação deste mesmo espaço. A todos os inquiridos são garantidos o anonimato e confidencialidade. Obrigado pela colaboração!*

1. Sexo: M ☐ (1) F ☐ (2)

2. Idade: \_\_\_\_\_ anos

3. Estado Civil:

Solteiro(a) ☐ (1)

Casado(a)/União de Facto ☐ (2)

Divorciado(a)/Separado(a) ☐ (3)

Viúvo(a) ☐ (4)

4. Assinale com um (X) o seu grau de instrução.

Grau de Instrução	Ego
Não sabe ler, nem escrever (1)	
Sabe ler e escrever, mas sem escolaridade (2)	
1.º ciclo do ensino básico (primária, 4. <sup>a</sup> classe, antiga instrução primária ou equivalente) (3)	
2.º ciclo do ensino básico (6.º ano, 2.º ano do ciclo preparatório ou equivalente) (4)	
3.º ciclo do ensino básico (9.º ano, ensino secundário unificado, 5.º ano do liceu, curso comercial/industrial ou equivalente) (5)	
Ensino secundário (12.º ano, antigo complementar, antigo 7.º ano d liceu, propedêutico ou equivalente) (6)	
Curso médio (bacharelato, magistério primário, educadores de infância, etc.)	

(7)	
Licenciatura (curso superior) (8)	
Mestrado ou equivalente (9)	
Doutoramento (10)	
Pós-graduação (11)	

**5. Assinale com um (X) a sua condição perante o trabalho.**

<b>Condição perante o trabalho</b>	<b>Ego</b>
Exerce uma profissão (1)	
Desempregado (2)	
À procura do 1.º emprego (3)	
Estudante-trabalhador (4)	
Estudante a tempo inteiro (5)	
Frequenta estágio (6)	
Ocupa-se exclusivamente das tarefas do lar (7)	
Reformado (8)	
Serviço militar (9)	
Incapacitado perante o trabalho (10)	
Outra situação*	

**5.1. Qual?\***

	Ego
Qual?	
Código	

**6. Profissão (em caso de desempregado ou reformado, indicar a última profissão exercida):**

\_\_\_\_\_

**7. Se exerce uma profissão assinale com um (X) qual a sua situação perante a profissão.**

<b>Situação perante a profissão</b>	<b>Ego</b>
Patrão (1)	
Trabalhador por conta própria (2)	

Trabalhador independente (recibos verdes) (3)	
Trabalhador por conta de outrem (assalariado) (4)	
Trabalhador em emprego familiar com remuneração (5)	
Trabalhador em emprego familiar sem remuneração (6)	
Outra situação*	

**6.1. Qual?\***

	Ego
Qual?	
Código	

**10.** Qual a natureza do seu negócio? \_\_\_\_\_

**11.** Se tiver trabalhadores a seu cargo indique quantos tem. \_\_\_\_\_ trabalhadores.

**12.** Há quanto tempo tem o seu negócio aberto na Rua dos Caldeireiros? \_\_\_\_\_

**13.** Tem clientela fixa? Sim ☐ (1) Não ☐ (2)

**14.** Já pensou em mudar o seu negócio para outro lugar? Sim ☐ (1) Não ☐ (2)

**14.1.** Se sim indique quais as razões. \_\_\_\_\_

**15.** Indique qual dos seguintes tópicos considera que mais fielmente traduz a Rua dos Caldeireiros.

Comércio ☐ (1)

Convivialidade/relações vizinhança ☐ (2)

Familiaridade ☐ (3)

Degradação dos edifícios ☐ (4)

Segurança ☐ (5)

Insegurança ☐ (6)

**16.** Indique três aspetos que goste na Rua dos Caldeireiros.

\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_

**17.** Indique três aspetos que não goste na Rua dos Caldeireiros.

\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_

**18.** Numa palavra descreva o que para si significa a Rua dos Caldeireiros.

---

*Obrigado pela sua colaboração!*

**Anexo V – Inquérito por questionário aplicado aos moradores**

N.º \_\_\_\_\_

**FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

*Este inquérito está a ser realizado no âmbito da realização de uma tese de mestrado em Sociologia, denominada **DESPIR A CIDADE – Espaço vivido na baixa do Porto, um estudo de caso**. O seu principal objetivo é uma breve descrição sociodemográfica dos residentes da Rua dos Caldeireiros e levantamento de dados acerca da apropriação deste mesmo espaço. A todos os inquiridos são garantidos o anonimato e confidencialidade. Obrigado pela colaboração!*

1. Sexo: M ☐ (1) F ☐ (2)

2. Idade: \_\_\_\_\_ anos

3. Estado Civil:

Solteiro(a) ☐ (1)

Casado(a)/União de Facto ☐ (2)

Divorciado(a)/Separado(a) ☐ (3)

Viúvo(a) ☐ (4)

4. Assinale com um (X) o seu grau de instrução.

Grau de Instrução	Ego
Não sabe ler, nem escrever (1)	
Sabe ler e escrever, mas sem escolaridade (2)	
1.º ciclo do ensino básico (primária, 4.ª classe, antiga instrução primária ou equivalente) (3)	
2.º ciclo do ensino básico (6.º ano, 2.º ano do ciclo preparatório ou equivalente) (4)	
3.º ciclo do ensino básico (9.º ano, ensino secundário unificado, 5.º ano do liceu, curso comercial/industrial ou equivalente) (5)	
Ensino secundário (12.º ano, antigo complementar, antigo 7.º ano d liceu, propedêutico ou equivalente) (6)	
Curso médio (bacharelato, magistério primário, educadores de infância, etc.)	



(7)	
Licenciatura (curso superior) (8)	
Mestrado ou equivalente (9)	
Doutoramento (10)	
Pós-graduação (11)	

**5.** Assinale com um (X) a sua condição perante o trabalho.

<b>Condição perante o trabalho</b>	<b>Ego</b>
Exerce uma profissão (1)	
Desempregado (2)	
À procura do 1.º emprego (3)	
Estudante-trabalhador (4)	
Estudante a tempo inteiro (5)	
Frequenta estágio (6)	
Ocupa-se exclusivamente das tarefas do lar (7)	
Reformado (8)	
Serviço militar (9)	
Incapacitado perante o trabalho (10)	
Outra situação*	

**5.1.** Qual?\*

	Ego
Qual?	
Código	

**6.** Profissão (em caso de desempregado ou reformado, indicar a última profissão exercida):

\_\_\_\_\_

**7.** Se exerce uma profissão assinale com um (X) qual a sua situação perante a profissão.

<b>Situação perante a profissão</b>	<b>Ego</b>
Patrão (1)	
Trabalhador por conta própria (2)	

Trabalhador independente (recibos verdes) (3)	
Trabalhador por conta de outrem (assalariado) (4)	
Trabalhador em emprego familiar com remuneração (5)	
Trabalhador em emprego familiar sem remuneração (6)	
Outra situação*	

**6.1. Qual?\***

	Ego
Qual?	
Código	

**7. Viveu sempre no Porto?** Sim ☐ (1) Não ☐ (2)

**7.1.** Se não, onde viveu anteriormente? \_\_\_\_\_

**8.** Há quanto tempo vive na Rua dos Caldeireiros? \_\_\_\_\_

**9.** Já pensou em mudar de local de residência? Sim ☐ (1) Não ☐ (2)

**9.1.** Se sim indique quais as razões. \_\_\_\_\_

**14.** Indique qual dos seguintes tópicos considera que mais fielmente traduz a Rua dos Caldeireiros.

Comércio ☐ (1)

Convivialidade/relações vizinhança ☐ (2)

Familiaridade ☐ (3)

Degradação dos edifícios ☐ (4)

Segurança ☐ (5)

Insegurança ☐ (6)

**15.** Indique três aspetos que goste na Rua dos Caldeireiros.

\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_

**16.** Indique três aspetos que não goste na Rua dos Caldeireiros.

\_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_ ; \_\_\_\_\_

**17.** Numa palavra descreva o que para si significa a Rua dos Caldeireiros.

---

*Obrigado pela sua colaboração!*

**Anexo VI - Exemplo de grelha de observação da situação de aplicação dos inquéritos por questionário aos comerciantes, por preencher**

<b>Grelha de Observação da Situação de Aplicação de inquéritos</b>	
<b>Inquéritos aos Comerciantes</b>	
<b>Data:</b>	<b>Local:</b>
<b>Hora início:</b>	<b>Método:</b>
<b>Hora Fim:</b>	<b>N.º inquéritos aplicados:</b>
<b>Estabelecimentos onde se aplicaram os inquéritos:</b>	
<b>Caracterização do Local:</b>	
<b>Reações dos inquiridos:</b>	
<b>Outros aspetos a evidenciar:</b>	
<b>Importante para a investigação:</b>	

**Anexo VII - Exemplo grelha de observação da situação de aplicação dos inquéritos por questionário aos moradores, por preencher**

<b>Grelha de Observação da Situação de Aplicação de inquéritos</b>	
<b>Inquéritos aos Moradores</b>	
<b>Data:.</b>	<b>Local:</b>
<b>Hora início:</b>	<b>Método:</b>
<b>Hora Fim:</b>	<b>N.º inquéritos aplicados:</b>
<b>Caracterização do Local:</b>	
<b>Reações dos inquiridos:</b>	
<b>Outros aspetos a evidenciar:</b>	
<b>Importante para a investigação:</b>	

**Anexo VIII - Carta entregue em todas as residências com o objetivo de aumentar a taxa de respostas dos residentes aos inquéritos por questionário**



DEPARTAMENTO  
DE SOCIOLOGIA  
DS-FLUP



Ex.<sup>mos</sup> Srs.,

Vimos por este meio informar que está a ser realizado na Rua dos Caldeireiros um estudo decorrente de uma tese de mestrado em Sociologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este tem por objetivo perceber o que os residentes e comerciantes pensam da Rua dos Caldeireiros e que usos fazem dela.

Em breve irão ser visitados pela estudante responsável por este estudo, para responderem a um pequeno inquérito com algumas perguntas sobre esta rua.

**A sua colaboração e resposta ao inquérito é fundamental para a realização deste estudo. Obrigado!**

Atentamente,

Priscila Lopo  
(Estudante responsável pelo estudo)

## **Anexo IX - Guião de Entrevista ao proprietário da Casa Xavier**

### **Guião de Entrevista**

O objetivo desta entrevista é que seja semiestruturada, servindo para o aprofundamento dos conhecimentos já obtidos com a aplicação dos inquéritos por questionário. O entrevistado terá à disposição um conjunto de tópicos que poderá desenvolver na ordem que entender, da forma mais desenvolvida possível, tendo por base as suas memórias, experiências e história de vida, relacionadas com a Rua dos Caldeireiros. Elencamos, portanto, alguns tópicos **apenas** como uma referência orientadora para o discurso, podendo o entrevistado aborda-los pela ordem que preferir, podendo ainda abordar outros que considere importantes.

Destacamos assim os seguintes tópicos:

- Natureza negócio (tipo de clientes, em que é que consiste)
- Experiência pessoal como comerciante (evolução das dificuldades e potencialidades para o negócio na Rua dos Caldeireiros)
- Evolução dos Caldeireiros ao longo do tempo
- Imagem da rua para os não residentes e não comerciantes na mesma
- Fenómeno da atração e instalação de novos negócios na Rua dos Caldeireiros Vs. Resistência ao longo dos anos de antigos negócios
- Ambiente e dia-a-dia nos Caldeireiros
- Caldeireiros como “Terra de Ninguém”

## **Anexo X - Guião de Entrevista à representante da Yours Porto**

### **Guião de Entrevista**

O objetivo desta entrevista é que seja semiestruturada, servindo para o aprofundamento dos conhecimentos já obtidos com a aplicação dos inquéritos por questionário. O entrevistado terá à disposição um conjunto de tópicos que poderá desenvolver na ordem que entender, da forma mais desenvolvida possível, tendo por base as suas memórias, experiências e história de vida, relacionadas com a Rua dos Caldeireiros. Elencamos, portanto, alguns tópicos **apenas** como uma referência orientadora para o discurso, podendo o entrevistado abordá-los pela ordem que preferir, podendo ainda abordar outros que considere importantes.

Destacamos assim os seguintes tópicos:

- Natureza negócio (tipo de clientes, em que é que consiste)
- Motivação para a instalação do negócio na Rua dos Caldeireiros
- Fenómeno da atração e instalação de novos negócios na Rua dos Caldeireiros
- Experiência pessoal como comerciante (dificuldades e potencialidades para o negócio na Rua dos Caldeireiros)
- Ambiente e dia-a-dia nos Caldeireiros
- Imagem da rua para os não residentes e não comerciantes na mesma
- Caldeireiros como “Terra de Ninguém”